



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
TESE DE DOUTORADO**

NILSAMIRA DA SILVA OLIVEIRA

O MITO DA LITERATURA DE AUTOAJUDA: uma análise crítica da linguagem e da tipologia dos heróis presentes em *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*

**JOÃO PESSOA - PB
2007**

NILSAMIRA DA SILVA OLIVEIRA

O MITO DA LITERATURA DE AUTOAJUDA: uma análise crítica da linguagem e da tipologia dos heróis presentes em *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito exigido para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo

JOÃO PESSOA - PB
2007

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48m Oliveira, Nilsamira da Silva.

O mito da literatura de auto-ajuda : uma análise crítica da linguagem e da tipologia dos heróis presentes em Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei e Homens são de Marte, mulheres são de Vênus / Nilsamira da Silva Oliveira. - João Pessoa, 2007. 125 f.

Orientação: Arturo Gouveia de Araújo.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Análise literária. 2. Literatura - auto-ajuda. 3. Leitura - auto-ajuda. I. Araújo, Arturo Gouveia de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09(043)

NILSAMIRA DA SILVA OLIVEIRA

O MITO DA LITERATURA DE AUTOAJUDA: uma análise crítica da linguagem e da tipologia dos heróis presentes em *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito exigido para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Edilson Amorim
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. Dr. Jaldes Reis de Meneses
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profa. Dra. Liane Schneider
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho: aos meus filhos e minhas filhas (meus grilos falantes); à minha mãe (mulher do planeta Terra); à minha Tia Ilza, papai Jaceguai e à minha amiga Inesinha (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao fim deste trabalho tenho especial satisfação em agradecer pessoas que me propiciaram um certo escape da banal ação individual, portanto, solitária, que tem constituído a realização de tarefas humanas na atualidade. Portanto, adianto que o meu trabalho é fruto - além da minha atuação óbvia - de diversos gestos humanos manifestos que, ao fim, foram determinantes para a conclusão desta etapa da minha vida acadêmica.

Assim, agradeço:

- Ao professor e meu orientador em toda a fase de doutorado, Arturo Gouveia, a quem *Cronos* implacavelmente não permite que eu possa recuperar as horas que passei sem poder explorar com maior determinação o seu saber reconhecido. Contudo, foi através da sua orientação que tive acesso a maior parte da bibliografia estudada e citada neste trabalho. Por ele cheguei à *Indústria Cultural* e à obra *Teoria da literatura: formalistas russos*, os dois pressupostos teóricos básicos da crítica que realizei.
- Especialmente ao professor Edilson Amorim (UFCEG), meu orientador no período em que estive como mestrando e primeiro indicador de livros, que nortearam meus estudos a respeito da literatura de autoajuda. Com sua atitude tranquila e sugestões pertinentes, o professor contribuiu para que eu desenvolvesse estudos acerca de um tema marginal, que comumente passa ao largo da academia. E mais que isso, ele me permitiu estar consigo até este momento final.
- Ao professor Jaldes Reis de Meneses, pelo tempo que dispensou para comigo refletir a respeito deste trabalho. Para mim, sua contribuição foi de inestimável valia.
- Às professoras Ivone Lucena e Socorro Villar, do curso de Letras/UFPB, pelas sugestões a respeito da literatura de autoajuda e pelo incentivo, para que eu conseguisse ascender diretamente do mestrado ao doutorado.

- Ao professor do CE/UFPB, o amigo Wilson Honorato Aragão, o qual - além dos bate-papos fraternos —, me apontou as primeiras pistas para ingressar no Mestrado, em 2001.
- A todos os componentes da Banca Examinadora que me deram a oportunidade de ampliar o prazo para que eu pudesse lograr êxito, na tarefa acadêmica que me propunha efetivar. As sábias intervenções dos professores: Arturo Gouveia, Edilson Amorim, Jaldes Reis de Meneses, Liane Schneider e Wellington Franco constituíram relevantes pareceres, aos quais busquei corresponder, na medida do possível.
- À professora Elisalva Dantas, por suas valiosíssimas orientações, misto de profissionalismo e solidariedade.
- À minha mãe, pelo colo, ternura, chá e comidinhas que me socorreram quando o desamor quis me paralisar,
- Aos meus filhos: Ângelo, Érica, Diego e Izadora, cujos inéditos gestos humanos me ensinam definitivamente que, *nem todos os homens são de Marte, assim como nem todas as mulheres são de Vênus*.
- A mana Nilsara, meu cunhado Marquinho e minhas sobrinhas Camila e Mariana, *prendas minhas guardadas aqui, num cantinho especial da minha vida*.
- A minha irmã Nilcemara e à minha sobrinha Juliana, fortalecendo laços amorosos.
- Às amigas Cida, Dina e Nilza que, além da relação fraterna, refletiram comigo acerca do significado e importância da literatura de autoajuda. Elas, juntamente com as minhas filhas, constituem o primeiro público leitor dos estudos que desenvolvi. *Muchas gracias*, graciosas, pela paciência e os afagos constantes.
- Ao professor e amigo Antônio Sales, meu bem disposto catador de obras raras.
- À Goreti, Iolanda e Paulo, que gentilmente me acolheram em Campina Grande.
- Às mulheres de formação acadêmica que responderam o meu questionário, a respeito da literatura de autoajuda.

- Aos coordenadores da COEX, professor Andréa Ciachi e professora Eurides Sousa, que compreenderam a minha necessidade de dedicar um tempo maior à feitura deste trabalho. Muito obrigada.
- À professora e amiga Glória Obermark, por sua colaboração no uso da língua inglesa.
- Por fim, aos amigos que se dispuseram a esperar por mim: Beto (primo), Vivi, Janary, Dília, Bete, Liane Mattos, Sarita, tia Ilka, D. Ângela Coelho (avó paterna dos meus filhos), Cleomar e Marlene.

Nada é impossível de mudar
desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo,
E examinai, sobretudo o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar.
(BRECHT, B., 1982)

RESUMO

O gênero literário de autoajuda é um fenômeno editorial de massa - produto da indústria cultural - consumido por milhares e milhares de leitores em todo o mundo. Tal gênero é composto de manuais, ensaios, narrativas, depoimentos individuais etc, por meio dos quais, o mercado editorial - que domina este tipo de produção textual - comercializa fórmulas, técnicas, conselhos, enfim, ensinamentos diversos para superação dos problemas que afligem o indivíduo na modernidade. Os procedimentos linguísticos que dominam a estrutura dos textos de autoajuda são formulados a partir de premissas apelativas, que visam a facilitar a circulação e a recepção dos referidos textos, junto ao público leitor, consumidor de aconselhamentos de caráter messiânico. E a facilitação ocorre por meio de abordagens com base em estereótipos, chavões, convenções e concepções sócio-culturais mantenedoras da ordem social vigente. O mercado brasileiro de livros de autoajuda cresceu mais de 700%, de 1994 a 2002, enquanto que o mercado editorial como um todo aumentou apenas 35%. Neste trabalho, damos destaque a averiguações acerca do fenomenal êxito do gênero textual em foco, através de procedimentos de crítica literária sobre os livros de autoajuda: *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei*, de autoria do brasileiro Paulo Coelho, e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, do norte- americano John Gray.

Palavras-chave: Análise literária. Literatura de autoajuda. Leitura de autoajuda.

ABSTRACT

The self-help literary genre is a mass editorial phenomenon — a product of the cultural industry - absorbed by thousands and thousands of readers around the world. Such genre is made up of manuals, essays, narratives, individual statements, etc. by means of which the editorial market - that controls this sort of textual production - trades formulas, techniques, advice, in order to solve the problems that afflict individuals in modern times. The linguistic procedures that dominate self-help text structures are designed starting from appellative premises aiming at making it easier the circulation and reception of the text referred to, among the reading public who consumes messianic-like advice. And facilitation occurs through approaches based on stereotypes, clichés, conventions and sociocultural concepts that maintain the social prevailing order. Brazilian market of self-help books has grown over 700%, from 1994 to 2002, whereas the editorial market as a whole, has grown only 35%. In this paper, we focus on investigations about the amazing success of the textual genre studied, through literary criticism procedures about the self-help books: *On the Piedra's River Bank I sat and cried*, whose author is the Brazilian writer Paulo Coelho, as well as *Man come from Mars and Women come from Venus*, by the North-American John Gray.

Keywords: Literary analysis. Self-help literature. Self-help reading.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	LEITURA DE AUTOAJUDA.....	20
2.1	CONCEITUAÇÃO TEÓRICA	20
2.2	A INDÚSTRIA CULTURAL.....	46
2.3	BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA DE AUTOAJUDA.....	53
	ANÁLISE CRÍTICA DOS PROCEDIMENTOS LINGÜÍSTICOS	
	EMPREGADOS NO LIVRO DE AUTOAJUDA NA MARGEM DO RIO	
3	PIEDRA EU SENTEI E CHOREI	67
3.1	A LINGUAGEM: APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS.....	67
	RESUMO DO ENREDO DE NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU	
3.2	SENTEI E CHOREI.....	71
	A LINGUAGEM PREVISÍVEL DE NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU	
3.3	SENTEI E CHOREI.....	74
4	ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO DE AUTOAJUDA HOMENS SÃO DE	
	MARTE, MULHERES SÃO DE VÊNUS.....	88
	JUSTIFICATIVA PARA O PROCEDIMENTO DE CRÍTICA LITERÁRIA	
4.1	SOBRE O LIVRO HOMENS SÃO DE MARTE, MULHERES SÃO DE	
	VÊNUS.....	88
4.1.1	Apresentação dos conceitos.....	90
4.1.2	Resumo do livro Homens são de Marte, mulheres são de Vênus.....	98
4.1.3	Os heróis e a linguagem previsíveis de Homens são de Marte,	
	mulheres são de Vênus.....	100
4.1.3.1	O homem marciano: um herói virtuoso; a mulher venusiana: uma	
	heroína malévola.....	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
	REFERÊNCIAS	120
	ANEXOS	126

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado da pesquisa que desenvolvemos, no curso de Doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sobre o gênero literário de autoajuda. Precisamente: uma análise crítica da categoria da linguagem do livro *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* e das categorias do herói e da linguagem do livro *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Tal análise crítica foi fundamental para que pudéssemos alcançar o objetivo maior deste trabalho que foi: *averiguar os procedimentos literários que fazem da literatura de autoajuda um gênero literário de massa*.

A matéria da nossa pesquisa está dividida em três capítulos, além desta Introdução e do anexo composto dos questionários que realizamos.

Nesta Introdução, discorreremos brevemente sobre: a) os motivos que despertaram em nós o interesse, em desenvolver estudos a respeito da literatura de autoajuda; b) o que constitui o corpus do nosso trabalho; c) qual o método que utilizamos para analisar e criticar obras literárias de autoajuda; d) as hipóteses sobre procedimentos literários utilizados na elaboração dos livros de autoajuda, que justificariam o sucesso do fenômeno editorial de textos desta natureza literária.

Em seguida, temos o primeiro capítulo que é composto de três partes.

A primeira parte explicita a *conceituação de literatura de autoajuda*, formulada a partir da pesquisa por nós desenvolvida, com base na *dominante*, nas características recorrentes desse gênero literário, que nos levaram a identificá-lo como sendo um produto editorial que vem alcançando êxito mercadológico, tendo como estrutura contextual elementos sócio-culturais das condições existenciais do indivíduo contemporâneo.

Na segunda parte, realizamos um *Breve Histórico da literatura de autoajuda*. Iniciamos a nossa análise partindo dos primeiros produtos editoriais elaborados a partir de procedimentos do gênero, até chegar à época atual, quando essa forma literária logrou ser o maior alvo de interesse do público leitor de textos de massa. Para tanto, fazemos uma abordagem dos princípios formadores do gênero em foco, por meio dos quais identificamos caracteres formadores do mesmo, em obras que remontam à Antiguidade Latina. Demonstramos, também, de que maneiras o mercado regulador da produção e comercialização da literatura de autoajuda, com

vistas a comercializar receitas de bem viver - visando obter lucro - se apropria de textos que, em sua origem, e no seu tempo histórico, não foram elaborados para atender aos objetivos processuais do referido gênero literário.

Na terceira parte do primeiro capítulo, desenvolvemos estudos acerca da *Indústria Cultural*, objetivando aprofundar a nossa compreensão a respeito da literatura de autoajuda. como instrumento de mistificação das massas.

O segundo capítulo é desenvolvido ao longo de seis tópicos, através dos quais fazemos a exposição da crítica literária que realizamos acerca dos livros de autoajuda: *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*.

Por fim, no último capítulo, fazemos uma exposição das nossas considerações finais, sobre os estudos que desenvolvemos a respeito do gênero literário de autoajuda.

Devemos recordar que o nosso interesse por desenvolver estudos sobre a literatura de autoajuda foi despertado há anos, quando iniciamos a nossa vida acadêmica, no curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Naquele período, demos atenção, pela primeira vez, a pareceres que consideravam alguns textos como sendo arte literária e outros não. Só então passamos a distinguir a existência de duas literaturas. Uma que só podemos assim classificar se levarmos em conta o conceito de literatura, que considera como obra literária todo texto escrito - científico, histórico, religioso, jurídico, literatura de massa etc. -; e outra - arte da palavra - de definição mais subjetiva que permite que do seu campo façam parte apenas obras de arte escrita.

Certo é que não precisávamos de muita observação para perceber que leitores rumavam seus interesses muito mais para a vertente literária de massa do que para a literatura erudita. Esta última tendo a sua circulação aprovada pela crítica literária acadêmica, era - talvez por isso e, obviamente, pelo seu já comprovado valor estético - tema constante dos estudos realizados durante as aulas dos cursos de Letras da UFRR.

A literatura de massa, por seu turno, formava um bloco editorial composto por *best-sellers*, que encantavam e eram desejados por inúmeros leitores. Obras como, *Anjos cabalísticos* - da escritora esotérica Mônica Buonfiglio - e as narrativas *O diário de um Mago*, *O Alquimista* e *Brida*, do escritor brasileiro Paulo Coelho, em fins da década de 1980 e começo dos anos de 1990, constituíam-se como leitura

obrigatória para quem almejasse ser incluído no privilegiado e respeitado rol de leitores, principalmente jovens.

Os leitores liam as obras, sem se importarem com perguntas do tipo: Será arte?

Nesse contexto, a relação leitor/leitura acontecia, ressaltamos, como forma de sociabilidade entre pessoas. Não havia uma única preocupação crítica academicista com o que se lia, os motivos de tal prática eram de várias ordens.

A referida relação ocorria de forma similar a cenas bastante comuns entre leitores e leituras, já de há muito conhecidas. Como retrata o fragmento do texto de Luiz Carlos Villalta, sobre o início da colonização da América portuguesa, que retiramos do livro *Leitura, história e história da leitura*, organizado por Márcia Abreu, sobre a importância que os leitores dispensavam às obras literárias.

[...] Os leitores atribuíam aos livros, subentendendo-se aqui toda sorte de impressos, múltiplas utilidades. Como objetos de leitura, os impressos eram fontes de conhecimento, de deleite, meios de acesso ao sagrado e elementos de ornamentação... Para os leitores, os livros, assim, inscreviam-se em relações de saber, poder e prazer, sendo importantes nas vidas privada e pública, definindo redes de sociabilidade. (ABREU, 1999, p. 185).

Dentre os leitores que se interessavam por obras triviais, na época do nosso curso de graduação, encontravam-se, também, estudantes de letras. Nada mais natural. Senão como explicar que em um país, ainda com acentuado número de pessoas que não sabem ler - além dos analfabetos funcionais - houvesse demasiado consumo de livros, ainda que fosse desse tipo? Esse fato comprovava a existência concreta de uma literatura que atingia uma grande parte da população de leitores. Porém, ocorre o inverso, uma vez que a literatura de autoajuda percorre de alto a baixo as mais diversas faixas sociais e culturais. Superficialmente, poderia se supor que fosse diverso o tipo de leitor-consumidor dos campeões das listas de livros mais vendidos e que ele pertencesse a variados grupos sociais.

O simples fato de alguns leitores serem estudantes universitários não era suficiente para que os mesmos deixassem de se deleitar com produtos da literatura de massa. A esse respeito, encontramos uma boa reflexão acerca dessas atitudes na seguinte constatação de Antonio Candido - em *A educação pela noite e outros ensaios* - do livro de sua autoria, *Literatura e subdesenvolvimento*:

Na maioria dos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa. Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores de literatura [...]; mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos diretamente da fase folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada. (CANDIDO, 1987, p. 144-145).

Os fenômenos literários de massa nos intrigavam e, sobremaneira, um de seus expoentes, a literatura de autoajuda que alcançava e agradava até mesmo leitores que comumente se espera que sejam mais exigentes quanto a criações literárias. Isto nos provocava a refletir de forma mais aprofundada sobre esse filão editorial extraordinário. Para nós isso passou a significar um problema a ser averiguado.

Além do mais, éramos - e somos - profissional docente da Educação Básica - da área de literatura - e ações pedagógicas, com vistas ao desenvolvimento de estudos sobre objetos de leitura, era elemento basilar da nossa atuação docente. Portanto, a nosso ver, um especialista em literatura deveria possuir conhecimento a respeito do porquê de uma determinada obra escrita não ser considerada como sendo detentora de princípios que façam dela uma arte literária.

Só poderíamos adquirir esse saber analisando também - além do cânone literário - obras triviais.

Ocorre, todavia, que, se os produtos literários de massa têm freguesia certa, também é certo afirmar que grande parte da crítica literária acadêmica, composta por docentes, a olha com desconfiança e rejeição.

O que assertamos é facilmente perceptível em salas de aulas de universidades brasileiras.

Basta que alguém faça referência à literatura trivial, para que professores, principalmente dos cursos de literatura, repugnem tal lembrança. Assim, negam a si e aos alunos - que devem se constituir em leitores especialistas de obras literárias - a oportunidade de estudarem, para que possam, com conhecimento de causa, se posicionar sobre o objeto em questão.

Contudo, defendemos que para se emitir parecer sobre algo é necessário, antes, conhecer os elementos que o estruturam. Como diz Flávio Kothe, um estudioso da literatura de massa:

Os manuais correntes de teoria literária não examinam a literatura trivial, que atinge diariamente toda a população, assim como, não examinando a literatura brasileira, não podem estar sensíveis à peculiaridade dos problemas teóricos a partir desse ângulo específico, o que os especialistas em literatura brasileira não costumam perceber, à medida que a sua função básica é reiterar o cânone, sem examiná-lo como parte da literatura geral. Só se pode definir o trivial por intermédio do artístico, e o artístico por intermédio do trivial. (KHOTE, 1994, p. 91).

Ora, se os textos da literatura de massa são, de longe, os primeiros colocados nas listas dos mais procurados pela comunidade de leitores que compõem, como já dissemos, uma parcela numericamente insignificante da sociedade, quanto ao número de pessoas que sabem ler e lêem, acreditamos ser importante não se deixar levar por uma rejeição preconceituosa que venha a impedir estudos sobre essa vertente literária.

A partir dessa concepção, devemos desvendar os procedimentos que tornam a literatura de massa e, dentro dela, a literatura de autoajuda, instrumentos arrebatadores dos gostos literários da maioria dos leitores.

Nessa direção, Mário Pontes - no prefácio do livro *Teoria da literatura de massa*, do crítico Muniz Sodré - assegura que: "[...] o fenômeno aí está, e conhecê-lo em profundidade não traz nenhum prejuízo, pelo contrário, só é benéfico a quem estuda ou faz literatura". (PONTES apud SODRÉ, 1978, p. 14).

Concordamos com essa reflexão e nos propomos a obter um maior conhecimento sobre a questão colocada.

Entretanto, como estamos a afirmar, dentro das universidades a literatura de autoajuda é tema marginal, dificilmente apreciado. Para nós, atitudes contrárias a essa deveriam ser corriqueiras. Instituições de ensino deveriam dar mais atenção a textos apreciados por comunidades de leitores, indiscriminadamente. Uma vez que, os leitores são pessoas que superaram a etapa do analfabetismo, geralmente, por meio de escolas oficiais. Dessa feita, os leitores não são pessoas estranhas à academia. Pelo contrário, são, muitas vezes, escolarizados por ela, ou seja, têm seus gostos literários formados por ela.

Seguros dessa compreensão, e do nosso interesse em desenvolvermos estudos acerca de textos que compõem a literatura de autoajuda, ingressamos no curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Era nosso objetivo inicial, partir de uma pesquisa realizada com mulheres leitoras, professoras universitárias - principalmente do curso de Letras da UFPB -,

como forma de identificar por que a formação escolar não constitui empecilho para que leitores apreciem produtos literários de massa.

A eleição inicial desse público, para compor o *corpus* da nossa averiguação, deu-se em razão de constatarmos, de forma empírica, por repetidas vezes, que leitoras especialistas contumazes se deleitavam tanto na época da nossa graduação em letras, como atualmente, se deleitam com obras literárias de autoajuda.

Em nossas relações sociais com essas pessoas, nos primeiros contatos com elas, ao falarmos sobre livros de sua predileção, as mesmas costumavam citar obras de autores consagrados pela crítica literária acadêmica, como Manuel Bandeira, Machado de Assis, José Lins do Rego, Gabriel Garcia Márquez, para ficarmos só em alguns. Entretanto, com o passar do tempo, algumas dessas pessoas se sentiam à vontade para revelar que liam e gostavam de livros de Paulo Coelho, John Gray, Clarissa Pinkola Estés, Dale Carnegie - entre outros - autores de livros de autoajuda. Era assim como um prazer clandestino usufruído por essas leitoras.

Então, certos de podermos registrar tais *confidências* - que consideramos de grande valia para a identificação de que os textos de autoajuda, sendo literatura de massa, percorrem as diversas camadas da sociedade -, realizamos uma entrevista com essas mulheres leitoras, sobre o gênero literário de auto-ajuda.

Todavia, no decorrer da pesquisa, nos deparamos com a dificuldade de ampliar a quantidade de leitoras dispostas a responderem as perguntas que formulamos. Além das que já conhecíamos, poucas profissionais do magistério acadêmico aceitaram ver registrados os seus gostos por obras literárias de autoajuda. Dessa feita, em função da pequena quantidade de questionários respondidos, decidimos tê-los como suporte apenas para que, através dos mesmos, pudéssemos ter acesso a títulos de autoajuda.

Com base nos livros apontados e de acordo com o tema predominante neles versados - relações de gênero -, selecionamos dois livros, sobre os quais desenvolvemos estudos acerca da *linguagem* e da *tipologia dos heróis* presentes nos mesmos. Assim chegamos aos dois livros de autoajuda que formam o *corpus* do nosso trabalho: Na margem do *Rio Piedra eu sentei e chorei* e *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*.

Levantamos as seguintes hipóteses para tentar descortinar o caráter dominante dos livros de autoajuda, que para nós devem apontar as causas do êxito editorial desse gênero da literatura de massa:

1. As promessas de solução de problemas, por meio das técnicas, ensinamentos, fórmulas etc., que os livros veiculam, são elementos garantidores do sucesso alcançado por tais obras;
2. A circulação de valores difundidos por meio de veículos midiáticos, que integram a indústria cultural, constitui recursos de difusão de costumes, aos quais os indivíduos tentam se vincular - através da literatura de auto-ajuda - como forma de se adaptarem à realidade social vigente;
3. Os livros de autoajuda, por meio dos procedimentos linguísticos que os estruturam, conduzem os leitores a acreditarem que tais textos constituem instrumento auto didático, para que eles possam desenvolver habilidades pessoais, que servirão de grande recurso educacional, para a sua formação individual.

Para alcançarmos a nossa meta, de estabelecermos um parecer eficaz acerca da literatura de autoajuda, tomamos como base para os nossos estudos de crítica literária, o "método formal", desenvolvido pelos *formalistas russos*. Segundo B. Eikhenbaum, em um trabalho de crítica literária, "[...] o essencial não é o problema do método nos estudos literários, mas o da literatura enquanto objeto de estudo". (EIKHENBAUM, 1976, p. 3).

O uso desse método prima por explicitar como são processados os elementos em uma determinada obra. Pois, para os formalistas, a forma processual não serve apenas como um "*recipiente*", que comporta o "conteúdo" do texto. Uma vez que, para eles, a forma é, já em si, conteúdo. Ela é o modo particular, o procedimento específico que expressa a "*dominante construtiva*" da obra.

A busca por detectar como as imagens são dispostas, como o material verbal é utilizado na obra, deve constituir o interesse de quem quer ter como base investigativa da obra o "método formal". Seu objetivo está centrado na obra, na matéria estudada, ou melhor, na 'literaturidade' do texto como alvo particular dos fatos.

O "método formal" é uma ciência autônoma. Nesse sentido, a aplicação do referido método não está fundada em uma doutrina ou qualquer sistema acabado, "completo". Como afirmam os formalistas:

Em nosso trabalho científico apreciamos a teoria unicamente como uma hipótese de trabalho, com a ajuda da qual indicamos e compreendemos os fatos: descobrimos um caráter sistemático, graças ao qual esses fatos tomam-se matéria de um estudo. [...] Estabelecemos princípios concretos e, na medida em que eles podem ser aplicados a uma matéria, nós o fazemos imediatamente. Nesse sentido, somos suficientemente livres a propósito de nossas teorias. E toda ciência deve ser assim, na medida em que há uma diferença entre teoria e convicção. Não existe uma ciência completa, a ciência vive enquanto supera os erros, e não enquanto estabelece verdades. (Ibid., p. 4).

Dessa feita, uma teoria deve servir apenas como recurso instrumental de partida para os estudos literários. Pois inúmeros são os métodos que podem ser utilizados por essa ciência, para que seja possível alcançar os objetivos a que se propõem os estudos a respeito de uma obra literária. Haja vista que o perfil do "método formal" não é imutável.

O trabalho fundamental dos formalistas é diferenciar a língua poética - a linguagem singularizada e desautomatizada - da língua cotidiana. Essa premissa permite ao investigador identificar o caráter semântico predominante em um determinado gênero literário.

Assim sendo, elegemos o "método formal" como suporte metodológico para o nosso trabalho de averiguação dos procedimentos que dão forma ao gênero literário de autoajuda. Porque entendemos que, através do mesmo, atingiremos a dominante do sistema que estrutura os livros de autoajuda.

2 LITERATURA DE AUTOAJUDA

2.1 CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

A literatura de autoajuda é uma das formas pelas quais se manifesta a literatura de massa, expressão literária da indústria cultural. Neste tópico, trataremos de conceituar, primeiramente, o que entendemos por literatura de massa, depois passaremos ao significado do gênero literário de autoajuda.

Na conceituação da literatura de massa exporemos pensamentos de três estudiosos que desenvolveram trabalhos a esse respeito, Muniz Sodré, Umberto Eco e Flávio Kothe.

Para Muniz Sodré, a literatura de massa é um produto popular que, diferentemente do cordel, já não encontra o seu lugar de produção no povo. A indústria é agora o espaço no qual se processa essa literatura. Essa forma literária confunde-se com o folhetim, uma vez que os princípios que norteiam essa produção estão interligados a elaborações literárias, que buscam atender a princípios editoriais de mercado correspondentes às leis da oferta e da procura. Nesse sentido, constitui-se em literatura de consumo, também conhecida por outros nomes, dentre os quais, literatura trivial. Conforme Sodré:

Folhetim, romance popular, literatura de consumo, literatura de massa são expressões que hoje indicam o mesmo fenômeno: uma narrativa produzida a partir de uma demanda de mercado, para entreter literariamente um público consumidor. O folhetim nasce, portanto, atrelado à imprensa de grande tiragem, ao germe da indústria cultural. Ao contrário da literatura culta, a literatura de massa tem, entre suas determinações produtivas, o aparelho informativo-cultural. Isto é essencial para a sua conceituação. (1978, p. 79-80).

O aparelho informativo-cultural exerce a função de dar credibilidade à literatura de massa, legitimando-a enquanto produto do mercado editorial.

Umberto Eco afirma que a literatura de massa sendo fruto da cultura de massa, tende a atuar

[...] sobre caracteres pré-fabricados: em todo caso, virgens de toda e qualquer penetração psicológica, à semelhança das personagens das fábulas. Quanto ao estilo, lançará mão de soluções pré-constituídas, aptas a proporcionar ao leitor as alegrias do reconhecimento do já conhecido... E desvirtuará, reduzindo a clichês, as soluções, em outras circunstâncias, inventivas da literatura precedente. (ECO, 1991, p. 24).

Essa realidade é contemporânea de uma época histórica em que as massas passaram a ocupar espaços da vida pública, não apenas como sujeitos secundários. Elas lograram protagonizar papéis que lhes conferiam responsabilidade e reconheciam as suas capacidades de serem co-responsáveis pela coisa pública. Nesse contexto, o grosso das camadas sociais pode colocar em circulação um discurso próprio, com características distintas das que podem ser frequentemente encontráveis nos produtos literários de grande tiragem em série.

Contraditoriamente a essa realidade, a maneira de pensar, de imaginar, de divertir-se não mais se origina nas massas. Tais hábitos são difundidos por meio de aparelhos de comunicações de massa, que veiculam mensagens carregadas de valores, cujos símbolos obedecem a códigos pré-formulados pela classe social hegemônica. Dessa feita, tornam-se comuns e massificados os modos como os indivíduos passam a se comportar, em setores que dizem respeito a espaços públicos e privados da sua vida.

Nesse-Sentido, uma gama de produtos literários passa a ser produzida e reproduzida, obedecendo a padrões, convenções, chavões e clichês levados a efeito pelas massas nas suas relações rotineiras.

Paradoxalmente, essa produção literária trivial oscila entre a vulgarização dos modos existenciais dos indivíduos que compõem as camadas de desfavorecidos economicamente e, em outro extremo, sugere fatos que não possuem articulação alguma com a vida dos consumidores e que, no entanto, devem ser assimilados como situações-modelo que devem ser religiosamente seguidos por todos.

Tais situações, propagadas em forma de mercadoria, encontram na produção editorial trivial uma grande aliada sua.

Para Flávio Kothe,

religiosa, a narrativa trivial promete a salvação, assim como a propaganda promete um pedaço do paraíso em cada mercadoria.(...) Do mesmo modo, a narrativa trivial, através de variados veículos - do gibi ao cinema, da novela à telenovela, do desenho animado ao vídeo game -, reitera sempre

um esquema ético à base de estereótipos, sem jamais realmente aprofundar o que aí se considera bem e mal. Através de milhares de variantes de superfícies, dá surpreendentes voltas para acabar chegando ao mesmo lugar. (1994, p. 10-11).

Chamamos a atenção para o ponto que consideramos ser comum às três manifestações a respeito da literatura de massa: ela existe em função de um público, que compõe uma das esferas do mercado e expressa uma demanda da vida social contemporânea. Esse processo ocorre, não porque o escritor e/ou o produtor cultural queiram favorecer o público leitor que demanda esse comércio. Mas, porque esse tipo de literatura, correspondendo aos princípios da indústria cultural, corresponde, em consequência, às leis da oferta e da procura. O sistema comercial, nesse caso, tem como certa a satisfação do processo que rege o mercado editorial de massa, o que provavelmente culminará em lucro.

A produção dessa forma literária não é mais própria do povo, mas da indústria da cultura que vislumbrando atender a critérios que são inerentes a sua natureza - da obtenção de lucro acima de tudo -, cerca a sociedade de produtos, sem os quais ela acredita não mais conseguir sobreviver. Pois a indústria cultural trata de disseminar entre todos, necessidades, para as quais ela mesma se encarrega de negar a sua satisfação. Para tanto, bastam as limitações financeiras reais da maioria dos indivíduos.

A literatura de massa dependente das imposições do mercado, em contrapartida, não pode conciliar a sua existência da mesma forma como são exercidas as funções desempenhadas por uma obra elaborada a partir de critérios inerentes a uma criação autoral autônoma e de um público leitor erudito. Como é o caso, a título de exemplo, da relação da obra do poeta João Cabral de Mello Neto com os seus leitores.

Um poeta como João Cabral de Mello Neto desenvolve um rigoroso trabalho formal da linguagem poética. Enquanto que, no caso da literatura de massa, a produção ocorre de maneira distinta da produção literária culta. Em vez de artesanato e apuro formal, o que predomina, na literatura de massa, é a velocidade da produção em série. Portanto, partimos da premissa de que a forma e o conteúdo da literatura de massa estão condensados no conceito de mercadoria.

De acordo com Marx,

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma "imensa coleção de mercadorias", e a mercadoria individual como sua forma elementar. (...) A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie, se elas originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. (1994, p. 45).

A forma mercadoria, no capitalismo, penetrou em todas as esferas da vida social, inclusive as simbólicas e afetivas, compondo um sistema que funciona em circuito fechado. É o que retrata Adorno, na seguinte reflexão: "A atitude do público que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa". (1985, p. 115).

Na compreensão adorniana, vale ressaltar, é o próprio sistema - e não os indivíduos singulares - que produz e reproduz as necessidades, desejos e demandas individuais. Isso decorre do fato de que, nas sociedades capitalistas contemporâneas, ocorreu uma espécie de esvaziamento do indivíduo. Esse panorama gerou uma situação na qual pode-se observar o fenômeno social que, segundo Adorno, estabelece a seguinte constatação de que: "Quanto menos indivíduo, tanto mais individualismo" (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, s.p). Pois, a existência do homem contemporâneo se deu dentro de uma realidade social estabelecida de modo a tragar o indivíduo, totalmente objetificado pelo fetiche da mercadoria.

A modernidade trouxe consigo uma situação antagônica para o homem. De um lado ele viu, no reconhecimento da sua individualização, o caminho para chegar a determinadas formas particulares de realização e satisfação pessoal; por outro lado, logo percebeu que a estrada aparentemente linear estava cheia de percalços, que poderiam levá-lo tanto mais ao fracasso e à insatisfação do que a uma realidade mais digna.

A conquista da liberdade individual não constituiu, por si só, em elemento determinante para a emancipação do sujeito frente às vicissitudes a que ele ficou exposto, diante do novo sistema social. Assim sendo, o valor social de reconhecimento do homem como sendo um indivíduo com direitos, deveres e desejos, não chegou a se estabelecer enquanto princípio assegurador de que o seu querer, corresponde ao seu real poder de ter ou ser.

É nesse contexto, que a literatura de autoajuda surge e passa a compor o conjunto de produções textuais de massa, alimentando uma esfera do mercado que

consome com avidez os conteúdos veiculados através desse gênero literário. Ela aparece através do movimento associado de abstração do sujeito e desenvolvimento do individualismo.

A literatura de autoajuda são textos escritos - alguns multimídia -, manuais destinados a prescrever orientações, conselhos, técnicas, fórmulas a indivíduos que necessitam solucionar problemas. E os problemas que os textos de autoajuda se propõem a responder são de toda ordem. São dilemas profissionais, familiares, educacionais, comportamentais, afetivos, religiosos, econômicos, sexuais, de saúde etc.

Para cada obstáculo, há uma infindável quantidade de títulos com o propósito de dar conselhos, ensinar a se comportar, a refazer concepções, desenvolver no sujeito uma personalidade apta a não se deixar abater diante de dificuldades.

A estabilidade e o crescimento alcançados pelo fenômeno editorial em foco encontram fortes explicações na velocidade, com que ele busca atender todo tipo de demanda, carregada por problemas que acometem as pessoas, cujas condutas encontram-se à mercê das influências automáticas externas a elas, disseminadas por meio de aparelhos sociais que atuam sobre as mesmas, com tamanha força e (dis) simulação, que faz com que cada indivíduo queira ser e tente ser - apenas ele - o monitor das suas ações e do mundo em que vive. Para tanto, ele procura na literatura de autoajuda receituários que lhe ensinem até mesmo "*como fazer amigos e influenciar pessoas*".

Atenta a compreensões dessa natureza, a literatura de autoajuda prega que o sujeito pode se autoprogramar para desenvolver as potencialidades que o conduzirão à felicidade. Ele deve desenvolver um racionalismo que, influenciando na sua subjetividade, lhe trará um bem-estar consigo mesmo, capacitando-o a resolver conflitos sociais diversos.

Assim, a literatura de autoajuda expande-se e se consagra como verdadeira indústria da alma humana.

Na era da modernidade tardia, a literatura de autoajuda age de modo a tentar fazer com que o indivíduo considere a imaginação como sendo uma espécie de fator do seu interior que, sendo estimulado, tem grandes probabilidades de potencializá-lo para interferir no meio social em que ele vive. Porque, de acordo com os textos de autoajuda, o ser humano é regido por forças superiores às suas. No entanto, ele pode colocá-las ao seu dispor, na medida em que se determine a programar as suas

capacidades subjetivas. Nesse sentido, o indivíduo deve adquirir confiança em si mesmo. Isso constitui um elemento vital para que o mesmo logre conviver de forma favorável com os desafios que assolam a sociedade.

O poder onipresente das convenções e padrões de conduta tem jogado papel decisivo, no sentido de tentar condicionar a consciência social que liga o sujeito, quer ele queira ou não, a um conjunto de produções literárias multimídia que atuam em âmbito mundial, assegurando harmonia sem fim ao público leitor.

Contudo, a expressão literária de autoajuda não se confunde com a arte literária, uma vez que, na concepção desta última, segundo Muniz Sodré, "O mercado não entra como determinante principal de produção". Pois, se é fato que esse tipo de literatura também circula em forma de mercadoria, também é certo que o que determina a sua existência não são os princípios que regem a produção de obras destituídas de valor estético.

Para Francisco Rüdiger:

A literatura de auto-ajuda compartilha com a literatura apenas o nome, e constitui um fenômeno desprovido de critérios internos de valor: basicamente é um fenômeno da indústria cultural, caracterizado pelo sucesso de vendagem, a dependência aos esquemas de marketing e a repetição de fórmulas padronizadas. (1996, p. 16).

Ao obedecerem aos esquemas de *marketing*, cuja recepção visa ao agrado imediato do que é oferecido ao consumidor, os textos de autoajuda veiculam valores, por meio de uma linguagem simplificada, no mais das vezes, maniqueísta.

Isso ocorre porque esses textos trabalham com polaridades rígidas: o bem está sempre em um extremo e o mal em outro.

No entanto, ponderamos que, atualmente, duas formas literárias, tanto a de massa quanto a de vanguarda, desenvolvem-se sob o prisma do comportamento individualista do homem moderno.

Fundamentamos nossa afirmação, recorrendo ao pressuposto aristotélico - concernente ao conceito clássico da arte da palavra - que afirma que a literatura é uma forma de mimese, na qual os "[...] imitadores imitam homens que praticam alguma ação". (ARISTÓTELES, 1993, p. 21). Assim, a mimese é uma forma de conhecimento, pois os autores criam personagens que mimetizam a vida. Ou seja, a obra literária é uma imitação por meio da palavra. Contudo, a arte poética é imitação não apenas do que existe, mas do que poderia existir.

A imitação concede à literatura um caráter verossímil, fazendo com que a mesma não pareça uma fraude. Portanto, a ficção deve ser crível aos olhos do leitor.

Todavia, embora concebamos a ideia de que tanto a literatura de vanguarda quanto a literatura de massa possuam um elemento comum, formulado a partir do exacerbado individualismo contemporâneo, divisamos oposições existentes nos dois gêneros literários.

Ora, se ponderamos que a arte literária é uma forma de imitação da vida, sociedade opressora, não encontrando forças para se contrapor às complexidades desse sistema globalizado, então, em acordo com Arturo Gouveia, acertamos que: "No campo da literatura, a drástica redução da ação, nas narrativas mais ousadas da vanguarda, não é apenas uma ruptura experimental, com enredos clássicos e realistas, mas a mimese da retração do sujeito no século XX". (2004, p. 26).

Assim tem-se constituído o herói da literatura de vanguarda contemporânea: um personagem amordaçado, imobilizado e ensimesmado frente às esmagadoras condições a que está submetido, nos limites da sua vida social. Ele é um herói cuja inação encontra similaridade em comportamentos do sujeito não-fictício. Sua força de ação é mais ou menos análoga à do indivíduo que o mesmo imita.

Dessa feita, também como o homem contemporâneo, o herói da literatura de vanguarda - contemporânea - é um abandonado à própria sorte. É um exemplar do indivíduo pleno de frustrações, opressões, derrotas, que impossibilitam o sujeito de narrar acerca de eventos dos quais ele tenha participado e saído vitorioso.

Ao ensimesmar-se, esse personagem não ultrapassa os muros da sua individualidade. Na verdade, ele foge à ação coletiva, desenvolvendo extremado comportamento individualista, pois nele o que flui é apenas a sua consciência. Como é o caso do protagonista do livro de Kafka - A metamorfose -, o personagem Gregor Samsa.

Queremos ponderar, contudo, que seria possível aceitar que a produção literária de vanguarda do século XX - prenhe de valores estéticos e destituída do caráter messiânico da literatura de autoajuda - pudesse ser processada a partir de valores ficcionais que encrustrassem no herói caracteres sobre-humanos. Uma vez que os objetivos que justificam a sua criação não correspondem aos que dizem respeito à elaboração de textos de autoajuda. Os quais, enfatizamos, se propõem a tirar o seu leitor de qualquer crise a que ele esteja assujeitado. Além do mais, ao nosso ver, a arte literária em questão não se prende a uma simples abordagem da

realidade. Pelo contrário, sua elaboração resulta em expressão crítica e denunciadora do mundo real.

A literatura de vanguarda do século passado seria, assim, uma espécie de promotor público, em relação ao sistema social que ela tem mimetizado, quando proseia a impotência do sujeito para transformar, ele sozinho, a realidade na qual vive, em razão da engrenagem que se nutre da submissão que impõe ao indivíduo.

Já o herói da literatura de massa, caso da literatura de autoajuda, é elaborado a partir de duas vertentes. Em uma ele acredita que pode, sozinho - o que lhe confere caráter individualista - enfrentar a ordem social, na qual está inserido. Nesse sentido, desenvolve ações que o tornam maior que os sujeitos que ele representa literariamente, e a quem direciona seus conselhos autoajudatórios, que é o leitor - um ser social não-fictício.

Para tanto, o texto de autoajuda é engendrado com vistas a fazer com que o leitor se considere alguém semelhante aos personagens versados pela obra literária prescritiva. Assim sendo, em acordo com o que se propõem, as ações dos personagens devem ser consideradas pelo leitor como sendo infalíveis receitas, destinadas à construção da felicidade almejada. Contraditoriamente, os heróis desenvolvem, muitas vezes, ações impróprias ao comportamento do homem real, por ter um caráter extraordinário, algo inimaginável para ser praticado por simples seres mortais.

Uma outra espécie de herói frequentemente presente na literatura de autoajuda é um tipo de personagem privado de ações invulgares. Seu comportamento é afim da mesmice, da rotina, da banalidade, da mediocridade, enfim, da automatização dos sentidos linguísticos.

Ponderamos que os dois tipos de heróis próprios de textos de autoajuda, não apresentam, para o público, ações que de fato possibilitem a concretização do que os escritores prometem ser encontrável em suas obras.

Acreditamos que uma definição que pode atender, relativamente, às configurações do tipo de herói supra-humano, da literatura de autoajuda, é a que Northrop Frye faz em *Crítica histórica: teoria dos modos* - com base em Aristóteles - acerca da existência de cinco tipos de heróis, cuja força de ação "*pode ser maior do que a nossa, menor ou mais ou menos a mesma*". Para Frye, esse é um herói,

Cujas ações são maravilhosas, mas que em si mesmo é identificado como um ser humano. O herói da estória romanesca move-se em um mundo em que as leis comuns da natureza se suspendem ligeiramente: prodígios da coragem e persistência, inaturais para nós, são naturais para ele, e armas encantadas, animais que falam, gigantes e feiticeiras pavorosos, bem como talismãs de miraculoso poder, não violam regra alguma de probabilidade, uma vez que os pressupostos da estória romanesca foram fixados. (1973, p. 39-40).

De acordo com a identificação, constatamos que essa forma de herói pode ser razoavelmente comparada ao herói da literatura de autoajuda que, ainda que seja humano, possui poderes divinais, os quais lhe permitem relacionar-se com a natureza através de movimentos extraordinariamente maravilhosos.

Ora, personagens dotados de superpoderes, sujeição e colaboração da natureza em favor da ação humana, objetos e animais encantados - feitos excepcionais, enfim - quando presentes em um produto textual que tem o claro objetivo de ensinar, aconselhar e dar exemplos para o consumidor, caso da literatura de autoajuda, para um leitor mais atento, deveriam ser identificados como sendo uma farsa.

Comparado ao herói, o leitor não dispõe dos mesmos superpoderes que admira e que fantasia poder vir a possuir para superar problemas. É de se esperar que histórias fantásticas livres de explicações, nas quais as leis de causalidade são quebradas, não seriam dignas de corresponder às expectativas do leitor de livros de autoajuda. Uma vez que ele espera encontrar no texto que lê, receituários que possam ser aplicados à sua realidade. Todavia, a concretude verificável pelo fascínio que a literatura de autoajuda exerce sobre milhares de leitores em todo o mundo, faz-nos levar em consideração que é a exata dureza existencial dos leitores que os impede de refletir sobre o embuste que vorazmente consomem.

Cismemos.

Em uma passagem de *O alquimista*, do escritor Paulo Coelho, quando Santiago, o herói da narrativa - que não é o personagem de poderes alquimistas - pede a uma senhora que interprete um sonho que tivera, ela lhe diz: "A interpretação é esta: você deve ir até as pirâmides do Egito. Nunca ouvi falar delas. Mas se foi uma criança que lhe mostrou, é porque existem. Lá você encontrará um tesouro que o fará rico". (COELHO, 2000, p. 33).

Esse trecho retrata o momento em que se dá o nó da trama. A partir daí, Santiago procura desenvolver ações que o levem a encontrar o tal tesouro, que o mesmo acredita estar, e está, irremediavelmente destinado a ele.

Na empreitada para conseguir alcançar o seu objetivo, o personagem vive um feixe de acontecimentos extraordinários, durante a sua trajetória por toda a prosa. Todavia, os fatos especiais a que ele se vê submetido são facilmente ultrapassados pelo sujeito supra-humano. Para tanto, ele conta com a providencial ajuda das forças que regem o mundo natural. "As leis comuns da natureza se suspendem ligeiramente", contribuindo para que esse herói, um super-homem, logre conquistar o que deseja e que lhe havia sido pré-determinado no início da fábula.

Ainda como exemplo de fenômenos sobrenaturais que ocorrem dentro da narrativa de *O alquimista*, destacamos a seguinte passagem: "Não, ele escutou o vento dizer: Se eu tivesse lhe contado, você não teria visto as pirâmides. São muito bonitas", não acha?". (2000, p. 221-222). O vento tinha a voz de um personagem que na obra é conhecido por Alquimista.

Toda essa narrativa é permeada por acontecimentos fenomenais.

Em um outro trecho do mesmo livro, o herói fala com Deus, desenvolve a sua Lenda Pessoal, descobre o segredo da Pedra Filosofal, dois elementos recorrentemente abordados em livros de Paulo Coelho.

Ele também enfrenta guerreiros, fala com o deserto, com o sol, relaciona-se com o Alquimista, cuja *Lenda Pessoal* é saber transformar chumbo em ouro. Por fim, retorna ao lugar de onde partira para, fatalmente, ser feliz encontrando o tesouro que buscava: "[...] um baú cheio de velhas moedas de ouro espanholas. Havia também pedrarias, máscaras de ouro com penas brancas e vermelhas, ídolos de pedras cravejados de brilhantes". (Ibid., p. 222).

Eventos extraordinários como esses, frequentemente versados por Paulo Coelho, conferem caráter fascinante a suas obras, que, como literatura de massa que é, transplanta formações ideológicas de valores míticos e místicos, falseando a realidade social, na qual potes de ouro ao fim dos arco-íris não ultrapassam as belas e pueris linhas das lendas populares.

O herói da literatura de autoajuda tem, muitas vezes, traços similares aos do herói épico; ele traz na memória feitos espetaculares para narrar. A diferença entre os dois - que nos leva a questionar o primeiro - é que se a literatura de autoajuda traz como um de seus focos principais a abordagem informativo- cultural na maneira

como enfoca a realidade, objetivando apresentar soluções para a vida do seu público consumidor, então, o herói que compõe essa espécie de texto, ao nosso ver, deveria ter algo especial a dizer. Fato que, com base em Adorno, em Notas de literatura, assertamos ser improvável, frente a um "[...] mundo administrado pela estandardização e pela mesmice". (2000, p. 56).

Manifestações fenomenais são frequentes em livros de autoajuda, ainda que eles sejam elaborados de forma diferenciada, quer sejam ficcionais ou não.

A produção desses livros costuma buscar produzir no leitor ares de invencibilidade; de que o indivíduo possui capacidades para desenvolver as suas potencialidades mentais, as quais, reafirmamos, se bem trabalhadas, fatalmente o levarão a encontrar o Paraíso na Terra. Como prova o livro A essência da auto-ajuda.

O referido livro faz parte da coleção Pensamentos de Sabedoria - composta de setenta e um volumes - que, segundo palavra do autor, Martin Claret, "[...] foi idealizada e construída para nos programar (autoprogramar) para a plenitude da vida". (2001, p. 7).

Martin Claret, em A essência da autoajuda, apresenta ao leitor o que ele chama de fórmula para a verdadeira ajuda. O autor propõe-se, como ele mesmo diz, a "*claretizar*" as pessoas, através do seu texto, para que elas alcancem a plenitude da vida. A linguagem apelativa que o escritor dirige ao leitor expressa, de modo exemplar, a intenção autoajudatória contida nos livros de autoajuda.

Vejamos:

Minha permanente paixão cultural [...] é ajudar as pessoas a se auto-ajudarem. [...] Quero "*claretizar*" as pessoas, ou seja, orientá-las no sentido de que vivam plenamente e tenham uma visão unívica do mundo. Que sejam e que vivam harmonizadamente polarizadas. Você tem o poder de genializar-se. Este é o meu convite e o meu desafio lançado a você, leitor. Participe do Projeto Sabedoria e seja uma pessoa cosmo-pensante e auto-realizada. "Pensar que É faz realmente SER". Leitor amigo: vamos juntos, construir uma poderosa força sinérgica para o nosso desenvolvimento pessoal e para o desenvolvimento de todas as pessoas de boa vontade. [...] Visualize-se como já sendo um vencedor do mundo. Seja profeta de si mesmo. (Ibid, p. 8).

Claret assevera que as pessoas são passíveis de programação, assim como é programável *um hardware*. Para tanto, basta que o sujeito promova a sua autoprogramação, para que ele se auto-realize.

O procedimento de Claret está em perfeito acordo com uma das facetas da literatura de autoajuda. Pois essa espécie de texto opera por meio de abordagens psicologizantes, responsabilizando, em última instância, o indivíduo pelo êxito ou fracasso que tenha na sua trajetória de vida. Vejamos um exemplo do que afirmamos, nessa citação retirada do livro *O caminho da tranquilidade*, de autoria da Sua Santidade o Dalai Lama.

Se você quer transformar o mundo, experimente primeiro promover o seu aperfeiçoamento pessoal e realizar inovações no seu próprio interior. Estas atitudes se refletirão em mudanças positivas no seu âmbito familiar. Deste ponto em diante, as mudanças se expandirão em proporções cada vez maiores. [...] é importante descobrir o que nos pode trazer o mais alto grau de felicidade. [...] Determinação, coragem e autoconfiança são fatores decisivos para o sucesso. Não importam quais sejam os obstáculos e as dificuldades. Se estamos possuídos de uma inabalável determinação, conseguiremos superá-los. Independentemente das circunstâncias. (2000, p. 10-13-15).

Pessoas que acreditam unicamente na capacidade individual e solitária, como meio para conseguir ter sucesso em sua existência, constituem o alvo preferencial dos produtos editoriais que compõem o gênero literário de autoajuda. Através do que é veiculado no texto, há um reforço da crença nessa capacidade. Esse tipo de literatura é uma mercadoria produzida pela indústria da cultura, destinada a psicologizar o consumidor desejoso de transpor problemas de ordem vária.

A diversidade de questões que afligem o homem contemporâneo é imensa. Assim como é incontável a quantidade de temas que a literatura de autoajuda se propõe a atender. Ela se arvora de ter, pelo menos, uma fórmula, um ensinamento para cada desafio da vida humana.

Dale Carnegie, um dos pioneiros do ramo literário da autoajuda, orienta - por exemplo - até mesmo como um patrão deve se comportar diante de uma empregada doméstica, que tenha errado quanto ao tipo de comida que ela deveria lhe servir.

O escritor dita regras de bem viver - no célebre livro de sua autoria *Como fazer amigos e influenciar pessoas* -, do tipo que pais e mães, historicamente, costumam tentar fazer com que seus filhos pratiquem. Dentre outras coisas, ele diz:

Se, por exemplo, a empregada nos traz batatas cozidas quando pedimos batatas fritas, digamos: "Sinto incomodá-la, mas prefiro batatas fritas". E ela responderá: "Pois não", e sentirá prazer em fazer isto porque você mostrou consideração por ela. Pequenas frases como "Sinto incomodá-la", "Teria você a bondade de...", "Queira fazer-me o favor", "Muito obrigado", são

pequenas cortesias que agem como lubrificante na engrenagem da monótona rotina de todos os dias da vida e, incidentalmente, são marcos de boa educação". (CARNEGIE, 1964, p. 119).

Chamamos atenção, na passagem citada, para as expressões, entre aspas, que, segundo Dale Carnegie, são próprias de uma boa educação. Através delas, ele sugere o uso de normas sociais, como se elas estabelecessem grandes novidades para as pessoas. Intriga-nos o fato de que a literatura de autoajuda venda para o leitor ensinamentos que, tradicionalmente, fazem parte "*da monótona rotina de todos os dias da vida*" de quem ela busca alcançar por meio dos seus aconselhamentos.

Essa é uma outra característica - constatada por nós - que constantemente integra o gênero literário de autoajuda. Por meio de ensinamentos como esses, tal gênero faz-se passar por um industrial de valores culturais que, na verdade, são cópias de velhas convenções sociais. Em nada causam estranheza com o que prometem.

Diante do que consta nos livros de autoajuda que analisamos e da fantástica vendagem de produtos que compõem o referido gênero, podemos esquematizar o processo em que se dá a relação do leitor com os textos de auto-ajuda. Ela se dá da seguinte forma: o indivíduo tem necessidades que precisam ser supridas, acredita no poder do receituário dos livros, como forma de satisfazer suas carências e torna-se presa fácil do consumo interminável de mais e mais livros de autoajuda.

Esse movimento corresponde aos olhares amorosos que a literatura de autoajuda - através da sua forma mercadoria - lança, ao consumidor embevecido pelas promessas de redenção que ela veicula.

Outro fator responsável pelo sucesso alcançado pela literatura de auto-ajuda, diz respeito à forma como as elaborações linguísticas ocorrem nos textos. Elas se dão de forma a facilitar a recepção do leitor. Principalmente porque essas manifestações textuais, geralmente, reproduzem padrões mantenedores da ordem social vigente. O conselho para a resolução de problemas está afinado com o jeito autômato e massificado como ocorrem as relações familiares, amorosas, profissionais, fraternais etc, entre as pessoas tradicionalmente.

Ratificamos, pois, que a reprodução de concepções culturais enraizadas no seio da sociedade, da qual faz parte o público leitor de livros de autoajuda, contribui para solidificar as bases das relações pessoais e dos problemas que resultam delas.

O relato de passagens problemáticas da vida de escritores - das quais eles conseguem sair de maneira exitosa - também é tema comumente versado em obras de autoajuda. O objetivo é levar o leitor a crer que ele também é capaz de - desenvolvendo os preceitos contidos nos livros - ser um vencedor.

Ressaltamos, com isso, que a linguagem da literatura de autoajuda escamoteia a realidade como de fato as relações sociais são processadas.

Assim, livros cuja proposição é ensinar o leitor a se autoajudar a adquirir sucesso financeiro, por exemplo, escondem do mesmo as peças que formam a engrenagem da realidade por ele vivida. Dessa feita, não permitem que o indivíduo perceba o golpe de sorte que seria ele - frente a situações instáveis - superar obstáculos financeiros apenas pela sua vontade própria.

Pregações com esse caráter escondem do sujeito a importância de refletir acerca dos dilemas que o cercam e dos princípios que dão sustentação à sociedade capitalista. Nela, o lucro sem freios é a meta primeira dos empresários. A competição entre humanos não leva em consideração as limitações de cada um. É um salve-se quem tiver mais sorte.

No entanto, a literatura de autoajuda está aí no mercado, assegurando que há queijo para todos. Como apregoa *Quem mexeu no meu queijo*, livro do escritor de obras de autoajuda, Spencer Johnson. No contexto da referida obra, ficamos sabendo que *queijo* significa *capital, poder*.

Para que se possa conseguir o que se quer: dinheiro, bens materiais - segundo promete o escritor basta que o leitor tenha paciência, não se deixe levar por pensamentos pessimistas, aja com perseverança, e será possível que ele consiga a fatia que lhe é própria.

A literatura de autoajuda assevera ao leitor que tudo é possível. A viabilidade dos acontecimentos é uma questão de adequação do homem à ordem estabelecida. Nesse sentido, o sujeito deve adaptar-se rapidamente às crises que o atormentam para, a partir das mesmas, vencer o que o separa da vitória inevitável. Para conseguir o seu intento, o leitor dispõe de inúmeros conselhos, na vasta biblioteca de textos de autoajuda.

Selecionamos um trecho do livro *Quem mexeu no meu queijo*, que para nós retrata o exposto acima. De acordo com essa passagem, é necessário que o indivíduo com problemas acredite que ele é o seu grande empecilho. O autor diz: "O

maior obstáculo à mudança está dentro de você mesmo, e que nada melhora até você mudar". (JOHNSON, 2004, p. 74).

Produtores desse veio literário rejeitam olhar de frente novas complexidades sociais. Como é o caso de Belkis Morgado, autora do livro *A solidão da mulher bem-casada*.

Nessa obra, a escritora alerta o leitor de que o seu ensaio versa sobre "(...) a condição da mulher média brasileira. Não da nova mulher apregoada pelas feministas mais radicais, uma mulher liberada, com ideias próprias, sustentando-se econômica e socialmente". (MORGADO, 1985, p. 10).

Compreendemos que Belkis queira delimitar o assunto que vai abordar. Contudo, ponderamos que ela, de fato, parece desconhecer que feministas também compõem a classe média brasileira e que estão sujeitas a injustiças sociais, assim como as mulheres que constituem outras classes da sociedade.

A personalidade do indivíduo - visando a sua transformação ou conformação - é o alvo principal de atuação da literatura de autoajuda, dependendo do problema e da forma como o autor sugere orientação para a superação do mesmo. Nesse sentido, formulações linguísticas são desenvolvidas para fazerem com que o sujeito se convença de que é possuidor de poderes miraculosos. Os escaninhos que guardam os segredos que lhe servirão de instrumentos para a conquista dos seus sonhos, estão nele mesmo, bastando que o mesmo aceite mudar. E a literatura de autoajuda possui o mapa do caminho que conduzirá o leitor ao Paraíso.

Para o psicólogo Arnaldo Chagas, as obras de autoajuda superestimam a meritocracia. Segundo esse estudioso das práticas de auto-cultivo:

O homem moderno perde a orientação característica das sociedades tradicionais, deste modo, com o desenvolvimento do individualismo, cada qual buscando sua própria orientação. Uma das condições incorporadas pela autonomia do sujeito é a busca em si mesmo, de forças interiores, para auto-ajudar-se. (CHAGAS, 2001, p. 26).

Decerto, o gênero literário de autoajuda é estruturado, na maioria das vezes, de maneira a configurar os personagens - que atuam nessa literatura - como sendo detentores de poderes sobre-humanos, como forma de combater a complexidade social a que estão expostos. Os dilemas e dificuldades existentes são tantos, que a maneira mais fácil para enfrentar as mazelas sociais, é o sujeito se municiar de super-poderes. E isso, para literatura de autoajuda, é uma questão de tinta.

Dessa feita, é banal - em textos de autoajuda - procedimentos que evidenciam a construção de heróis de natureza supra-humana.

Essas obras, pelo que apregoam, não estabelecem limites para o leitor entre o que vem a ser real e o que é fictício. A linguagem apelativa contida nas mesmas exerce papel determinante, no sentido de levar o leitor a confundir as suas limitações de poder com a força de ação dos personagens trabalhados.

Paulo Coelho, por exemplo, é um *magô* na indústria de produzir personagens que podem tudo. Se de pronto eles não aparecem como deuses, já no início de obras desse escritor, certamente a narrativa se desenrolará de modo a que eles venham a se constituir como tais.

De fato, esses heróis carregam em si poderes divinais e o adiamento dessa revelação se dá até que ocorra o desenlace do nó da trama.

As histórias de Paulo Coelho são enxertadas por acontecimentos espetaculares. Também são cheias de proações, ao fim das quais, os heróis - eternos vencedores - acumulam pontos que os levarão a ver reconhecido o seu status de deus. O adiamento dessa revelação ocorre em função dos vários desafios que o herói deve enfrentar no decorrer da história.

A seguir daremos uma prova do que afirmamos destacada de uma passagem da prosa de *O diário de um magô*.

Mas o cordeiro me olhou e falou comigo através de seus olhos. Dizia que esquecesse para sempre a minha indignidade, porque o Poder havia renascido em mim, da mesma maneira que podia renascer em todos os homens que transformassem a vida em um Bom Combate. Um dia chegará - diziam os olhos do Cordeiro - que o homem vai voltar a sentir orgulho de si mesmo, e toda a natureza louvará o despertar do deus que ali estava dormindo. (COELHO, 1990, p. 241).

Essa passagem retrata um encontro ocorrido entre o herói e um cordeiro.

O animal conduziu o personagem até à espada, que era buscada por ele durante toda a narrativa e que haveria de lhe conferir os poderes sobrenaturais de um magô.

E sabido, porque dito pelo próprio Paulo Coelho, que o livro *O diário de um Magô* é um relato, fruto de várias experiências vivenciadas pelo escritor, e que ocorreram durante a sua caminhada em busca da tal espada que o transformaria em magô.

O cenário dessa saga foi a mundialmente conhecida Rota de Santiago de Compostela, na Espanha.

A narrativa, repleta de eventos extraordinários, expõe crenças do autor na prática de exercícios que, segundo ele, contribuíram para que o mesmo se transformasse em um Mago. Por meio desse episódio, ele - o escritor Paulo Coelho - diz ter logrado ser um homem com poderes divinos.

Da mesma forma, no interior de outras obras de Paulo Coelho, percebemos o trânsito de ideias presentes em *O diário de um Mago*. Essas ideias constam ainda em *O Alquimista*, *Brida*, *O Zahir*, dentre outras. Elas são processadas através de eventos conflituosos e servem como pretexto para que o herói desenvolva, com louvor, a sua *Lenda Pessoal*, e dessa maneira ele fatalmente descobre o segredo da *Pedra Filosofal*, que fará dele um ser divino.

Ponderamos, no entanto, que o sucesso da literatura em foco não pode ser atribuído apenas a uma mera procura de leitores por fórmulas que os conduzam à felicidade. Devemos ressaltar que o êxito da literatura de autoajuda não ocorre em um vazio social. Mas corresponde sim, de alguma maneira, a demandas dilemáticas da vida social contemporânea, geradas por crises nas formas diversas de relações entre indivíduos na modernidade.

Mais que uma crise da ciência ou de paradigmas - próprios da era atual constata-se um processo de crise da modernidade como um todo. Nesse sentido, a crise contemporânea é geral. Envolve a própria racionalidade e o *ethos moderno*.

Deveras a crise contemporânea configura-se como uma crise da política, da cultura, do estado, enfim, das instituições públicas e privadas.

Essa realidade também afeta as relações pessoais, sexuais, profissionais, familiares, religiosas, econômicas etc.

As pessoas, via de regra, encontram-se frustradas, o que dificulta o crédito em quaisquer projetos societários de caráter coletivo. Diante desse quadro, indivíduos não medem esforços, tampouco economizam para comprar produtos que os ajudem a enfrentar a sociedade degradada em que vivem. Assim, abarrotam de lucro os bolsos dos mercadores de ilusões literárias.

Pensador polêmico da modernidade, já no final do século XIX, Nietzsche, em uma formulação que deixou enorme fortuna crítica, proclamou o desamparo do homem contemporâneo que se deu por meio do processo de secularização da vida social na modernidade. Segundo ele, Deus deixou de ser o eixo articulador da vida

social humana. Essa era a síntese da conhecida proposição da *"morte de Deus"*, em *Assim falou Zaratustra*. Porém, ao *"matar Deus"*, o homem se viu solitário, sem conforto, consolação e alento. Nas palavras de Max Weber: "O destino do nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo desencanto do mundo, levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos mais sublimes". (1992, p. 452-453).

Com efeito, o sujeito não delega mais somente a Deus o poder de decidir sobre o seu destino. Ele já não tem tanta esperança apenas em dons divinais como outrora. O homem agora tenta agir de forma singular, com o intuito de ser responsável por si mesmo.

No capitalismo, as pessoas são valoradas de acordo com o sucesso das suas relações sociais. Sendo assim, o antigo princípio cristão - pregar a salvação de almas - foi substituído pela preocupação do indivíduo em alcançar êxito na vida. Ser bem sucedido na vida corresponde a ser bem sucedido como pessoa. Isso pode ser conseguido, de acordo com livros de autoajuda, mediante o investimento do sujeito no aprimoramento da sua personalidade. Nesse sentido, ele deve agir com imaginação criativa e lançar mão de meios diversos, como os textos de autoajuda, que prometem a consolidação de uma ação senhorial do homem sobre si mesmo. Isso significa que ele deve primar por ser o senhor do seu próprio destino.

Na impossibilidade de contar com o apoio providencial de deuses, o homem contemporâneo quer agora, ele próprio, ser um deus, um super-homem, para arrostar a penúria em que vive. E o segredo da magia que o transformará em um ser divino, ele acredita poder encontrar nas páginas do gênero literário encantador que é a literatura de autoajuda.

Nesse contexto, reportamo-nos ao personagem Ivan, de *Os irmãos Karamázovi* - obra de Dostoiévski quando ele afirma que "Se Deus não existe, tudo é permitido". Parafraseando essa afirmação, dizemos a respeito da literatura de autoajuda que, se ela existe, tudo é possível. Haja vista o que ela prega em seus textos.

Como forma de conquistar mais e mais adeptos, a prática da autoajuda - que engloba várias formas de manifestações, além do modo literário - dispõe de meios diversos para garantir a amplitude de sua abrangência e a extensão da sua existência. Todavia, uma poderosa aliada da indústria editorial dessa vertente da

literatura de massa é a propaganda, que os meios de comunicação de massa fazem a respeito desse gênero literário.

Revistas de grande circulação nacional e tiragem semanal, como ISTOÉ, ÉPOCA e VEJA, possuem seções e colunas destinadas a divulgar listas dos livros mais vendidos, na rubrica AUTOAJUDA E ESOTERISMO, junto com as rubricas de FICÇÃO e NÃO-FICÇÃO.

Chamamos a atenção para o fato de que, em tempos recentes, a rubrica destinada à AUTOAJUDA ganhou autonomia relativa às categorias literárias clássicas de FICÇÃO e NÃO-FICÇÃO. Ainda mais, como a literatura de autoajuda anteriormente compunha a lista dos livros mais vendidos, que integravam as categorias de ficção e não-ficção, de fato, se deitarmos a vista na lista dessas classificações, detectaremos um resíduo de textos de autoajuda nas demais categorias, que não a de autoajuda.

Atualmente o gênero literário de autoajuda contaminou toda a produção do mercado de livros.

Eis uma prova retirada da revista ÉPOCA, de 27 de fevereiro de 2006, com a lista dos livros mais vendidos nos últimos meses:

Quadro 1 - Os livros mais vendidos

FICÇÃO	
1 - O Caçador de Pipas , Khaled Hosseini	(22-1)
2 - Ponto de Impacto , Dan Brown	(15-2)
3 - O Código Da Vinci , Dan Brown	(98-3)
4 - Memórias de Minhas putas tristes , Gabriel G. Márquez	(33-4)
5 - Anjos e Demônios , Dan Brown	(69-5)
6 - As Intermitências da Morte , José Saramago	(17-7)
7 - Quando Nietzsche Chorou , Irvin D. Yalon	(31-8)
8 - Fortaleza Digital , Dan Brown	(47-6)
9 - Orgias , Luis F. Veríssimo	(13-9)
10 - Os Crimes do Mosaico , Giulio Leoni	(2-10)
NÃO-FICÇÃO	
1 - Quase Tudo , Danuza Leão	(14-2)
2 - O Doce Veneno do Escorpião , Bruna Surfistinha	(15-1)

3 - Freakonomics , J.S.Dubner e S. Levitt	(35-3)
4 - O Mundo é Plano , Thomas L. Friedman	(8-5)
5 - Juscelino Kubitschek - O Presidente Bossa Nova , M. Cohen	(4-7)
6 - Uma Nova História do Tempo , S. Hawking e L. Mlodinow	(11*)
7 - Uma Breve História de Quase Tudo , Bill Bryson	(3 *)
8 - Carmen - Uma Biografia , Ruy Castro	(11-8)
9 - O Valor do Amanhã , E.G. da Fonseca	(15-9)
10 - Um Homem Chamado Maria , J. F. dos Santos	(3 *)
AUTOAJUDA	
1 - O Monge e o Executivo , James C. Hunter	(75-1)
2 - Jesus, O Maior Psicólogo Que Já Existiu , Mark Baker	(47-3)
3 - Nada é Por Acaso , Zíbia Gasparetto	(11-2)
4 - Nunca Desista dos Seus Sonhos , A. J. Cury	(66-4)
5 - Superdicas Para Falar Bem em Conversas... , R. Polito	(19-5)
6 - Desvendando os Segredos da Linguagem... , A. Pease B. Pease	(27-6)
7 - Pais Brilhantes, Professores Fascinantes , A. J. Cury	(100-7)
8 - Heróis de Verdade , R. T. Shinyashiki	(18-10)
9 - Casais Inteligentes Enriquecem Juntos , Gustavo Cerbasi	(8 *)
10 - A Dieta do Abdômen , T. Spiker e D. Zinczenko	(9-9)

* Levantamento realizado entre 12 e 23 de fevereiro nas livrarias: **Cortez**, **Livraria da Vila e Nobel** (SP); **Finac** (RJ, SP, Campinas, Curitiba e Brasília); **Laselva** (SP, RJ, Guarulhos, Campinas, Fortaleza, Florianópolis, Foz do Iguaçu e Curitiba); **Livraria Cultura** (SP, Porto Alegre e Recife); **Leitura** (Belo Horizonte, Brasília, Goiânia e Vitória); **Livraria Curitiba** (RJ, Brasília, Florianópolis, Joinville, Londrina e Porto Alegre); **Saraiva** (RJ, SP, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre); **Sodiler** (RJ, Brasília, Recife, Maceió e Natal); **Travessa** (RJ). O número à esquerda indica há quantas semanas o livro figura na lista; à direita, sua posição na semana anterior. Consulte listas completas em www.epoca.com.br (27 de fevereiro de 2006).

A rapidez com que são produzidos os livros da literatura de massa e a quase inabalável confiança de que essas obras se constituirão em best-sellers, garantem a intensa produção literária por parte de inúmeros autores. Isso justifica a presença de mais de um livro, de determinado escritor, constando de uma mesma lista dos livros mais vendidos, em uma época específica.

Elementos de toda ordem fazem da literatura de autoajuda um produto sedutor. Na sequência, abordaremos criticamente trechos de duas obras, *Perdas e ganhos*, da escritora Lya Luft, e *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei*, de Paulo Coelho.

Passemos ao caso de Lya Luft.

Alguns autores aprovados por setores da crítica literária acadêmica são resistentes quanto a verem suas obras classificadas como sendo de autoajuda, como é o caso de Lya Luft. Todavia, o *best-seller* *Perdas & ganhos*, de autoria da escritora, obteve espetacular audiência por parte do público consumidor de livros de autoajuda. Perguntamo-nos: quais os possíveis motivos que justificam a ampliação dessa obra, para o mercado editorial em foco?

Vejamos um trecho de uma reportagem da revista *Veja*, que fala do fenômeno comercial atingido pela referida obra.

Trata-se de um casamento feliz entre forma e conteúdo, ao qual o público reagiu de imediato. Lya varreu as livrarias do país como um pé-de-vento: chegou sem aviso e deixou um bocado desarrumada a tradicionalmente estável lista dos campeões nacionais de popularidade. Num mercado editorial em que vendas contadas às dezenas de milhares são um feito de destaque, a escritora gaúcha ultrapassou com facilidade a casa da centena. Já há 150000 exemplares de *Perdas & ganhos* nas mãos dos leitores. Nem há sinal de calmaria no horizonte: no início de fevereiro, o livro voltou ao primeiro posto da relação de mais vendidos de VEJA, na categoria ficção, que tem freqüentado assiduamente nos últimos oito meses e de onde desbancou o antes enxcedível Paulo Coelho. (...) *Perdas & ganhos* é o 14º livro de Lya, e o primeiro em seus 24 anos de carreira a atingir repercussão e números desse porte. (2004/03, p. 14- 15-16).

E de causar inquietude o fato de que outros títulos da escritora jamais tenham alcançado o êxito editorial de *Perdas & ganhos*. Porém, apenas um estudo do texto é capaz de nos indicar respostas para a fenomenal circulação da obra.

Podemos tecer vários pontos de reflexão, com base no conteúdo veiculado pelo livro de Lya Luft. Começaremos por chamar a atenção para o modo como é estruturada a linguagem do livro. Lya utiliza dois procedimentos literários evidentes.

Primeiramente, ela compõe uma escrita intencionalmente ambígua, diáfana, transcendente, enfim, uma linguagem quase platônica. Observemos a citação a seguir.

O que escrevo nasce de meu próprio amadurecimento, um trajeto de altos e baixos, pontos luminosos e zonas de sombra. Nesse curso entendi que a vida não tece apenas uma teia de perdas mas nos proporciona uma sucessão de ganhos. O equilíbrio da balança depende muito do que soubermos e quisermos enxergar. [...] sou dos que acreditam que a felicidade é possível, que o amor é possível, que não existe só desencontro e traição, mas ternura, amizade, compaixão, ética e delicadeza. (LUFT, 2003, p. 14-15).

As formulações discursivas da autora materializam premissas constantes em livros de autoajuda. Tais textos são elaborados de forma a conduzirem o público leitor a dar credibilidade ao que lê, na medida em que a exposição do autor, falando de si mesmo, atua de modo a afiançar os valores conceituais que ele preceitua. Também é clara a aliança que o texto tem com doutrinamentos que visam a atar os sujeitos a determinadas pregações, por meio de enunciados plenos de clichês do tipo: "o equilíbrio da balança depende muito do que soubermos e quisermos enxergar".

Uma outra atitude de Lya nos faz ver a sua procura por estabelecer uma intimidade com o leitor, através da tessitura de um diálogo coloquial, como em: "Se meu leitor e eu acertarmos nosso tom recíproco, este monólogo inicial será um diálogo - ainda que eu jamais venha a contemplar o rosto do outro que afinal se torna parte de mim". (Ibid., p. 17).

Transcendentalidade e intimidade expressas, através de uma linguagem apelativa, caminham juntas para atrair o leitor.

Ao produzir *Perdas & ganhos*, Lya Luft lança mão de procedimentos bastante encontráveis em textos de autoajuda. O fato de a escritora oferecer receitas, conselhos, normas de comportamento, lições que visam a edificar etc, faz com que o seu texto reproduza fórmulas consagradas pelo gênero literário de autoajuda. Assim, constatamos não ser difícil perceber o que diferenciou o tratamento diverso, por parte do público leitor, em relação às obras de Lya, que antecederam a publicação e comercialização de *Perdas & ganhos*.

Tratemos agora de Paulo Coelho.

Na contra-capa do livro *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei*, há dito que o caminho percorrido pelos *heróis* - *Pilar e o homem que ela ama, um seminarista em busca do amor*, "[...] é também o caminho a ser percorrido por todos aqueles que entendem a importância do amor como força transformadora, e como o melhor guia para a comunhão espiritual". (1995). Através dessa citação, podemos novamente comprovar, de maneira similar ao que ocorre com o texto de

Lya Luft, a existência de procedimentos linguísticos de tipo metafísico e com vistas a fazer um apelo direto ao leitor.

Dentre as diversas formas de elaboração da literatura de autoajuda, chamamos atenção para uma que, ao nosso ver, se destaca de maneira especial,

por parecer anteceder ao próprio enunciado da obra. São as referências de cunho apelativo.

Frases publicitárias presentes nos próprios textos, muitas vezes, já a partir da apresentação dos livros, visam a atrair a atenção do leitor, asseverando a validade do que ele deve encontrar nas obras. Geralmente, esses apelos valem-se da opinião de um séquito de pseudo-especialistas: psicólogos, filósofos, videntes, missionários, enfim, religiosos de toda ordem.

As expressões de efeito se dão através de períodos curtos, chavões, linguagem automatizada, que autores e editores imprimem nos frontispícios dos livros, como recurso para que eles obtenham a cumplicidade do leitor. Cabe ressaltar que os frontispícios dos dois livros - o de Lya Luft e o de Paulo Coelho - utilizam-se desse mesmo ardil representativo da literatura de autoajuda.

De fato, isca é o que não falta para atrair o desejo dos leitores. Vários são os recursos semânticos para despertar esse interesse cobiçado pelo comércio. Contudo, não são nada mais que portas da esperança, abertas para umas poucas "crianças esperançosas" de que as fórmulas dêem certo. Como prova esse outro fetiche que consta, ainda, da contracapa de *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei*:

Todos os dias Deus nos dá um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos este momento, que hoje é igual a ontem e será igual ao amanhã. Mas quem presta atenção ao seu dia descobre o instante mágico. (Ibid).

Há vários elementos intrínsecos à composição da literatura de autoajuda. A prática recorrente de tentar conduzir o leitor a uma viagem por um "país das maravilhas" cria, no mesmo, um labirinto de expectativas e de promessas de felicidades sem fim.

O Chapeleiro Maluco conduziu Alice ao Reino Encantado das Maravilhas, no belo texto de Lewis Carol; no caso da literatura de autoajuda, em vez do Chapeleiro Maluco, o leitor é conduzido pela mão invisível do mercado e o séquito de charlatões que ele pode comprar.

Quanto à forma como é estruturado o gênero literário de autoajuda, podemos classificá-lo dividindo-o em três categorias.

1. Livros que buscam ensinar o leitor a desenvolver capacidades objetivas. Eles ensinam as pessoas a terem sucesso nos negócios, comunicarem-se umas com as outras, conservar o marido etc.

Como fazer amigos e influenciar pessoas, de Dale Carnegie, é um texto elaborado a partir dos princípios que visam a orientar o sujeito em vários setores da sua vida. Contudo, tais orientações apontam, preponderantemente, para o desenvolvimento de capacidades objetivas. Eis um fragmento da obra, no qual o autor sugere ao indivíduo ações para que o mesmo possa parecer importante, diante das outras pessoas.

Todas as vezes que for sair, encolha o queixo, firme a cabeça, encha os pulmões e mais possível; cumprimente os amigos com um sorriso e ponha a alma em cada aperto de mão. Não receie ser mal compreendido e não gaste um minuto sequer pensando nos inimigos. [...] Todas as coisas emanam de um desejo e todas as súplicas sinceras são atendidas. (CARNEGIE, 1964, p. 92).

Dale Carnegie, através do que formula, tenta consagrar uma convenção costumeiramente explícita em livros de autoajuda: o desejo "sincero" do necessitado é determinante para que ele consiga realizar seus objetivos.

2. Há também os livros que objetivam ensinar a desenvolver capacidades subjetivas. O alvo desses textos são as pessoas que querem investir em sua auto-estima, que buscam saber envelhecer, vencer a depressão ou viver em plenitude.

Elegemos uma passagem de *A essência da autoajuda* - *A essência da Sabedoria dos Grandes Gênios de Todos os Tempos*. Esse livro faz parte da coleção *Pensamentos e Textos de Sabedoria* e o trecho a que nos referimos está contido nos tópicos que versam sobre *A auto-estima* e *A arte de viver*. Neles há considerações a respeito da importância que deve ser dada à capacidade de o indivíduo ter auto-estima por si mesmo. Para tanto, segundo o livro, é preciso que a pessoa saiba se amar.

Ame-se agora. Comece a amar-se imediatamente. Não se deixe conter por qualquer tipo de insatisfação que tenha com sua própria pessoa. A

insatisfação consigo mesmo às vezes se torna um hábito e não deixa a pessoa desfrutar as coisas boas que acontecem na sua vida. Ame-se a partir deste instante. Não adie esse prazer achando que você primeiro terá de fazer este ou aquele exercício, tomar esta ou aquela medida. Lembre-se de que, aprendendo a se amar o mais rapidamente possível, você logo começará a amar e aceitar os outros, o que tornará sua vida muito mais agradável e produtiva. (CLARET, 2001, p. 43-44).

A estrutura imperativa dessa formulação, com expressões do tipo Ame-se agora e Ame-se a partir deste instante, leva-nos a perceber que a posição senhorial do texto, de fato, não consegue municiar o leitor de técnicas que o façam realmente desenvolver sua auto-estima. O exposto, na verdade, trabalha com a consciência do homem, como forma de dissimular a fraude que é o enunciado.

3. Por fim, temos os livros que compõem a vertente esotérica. Fazem parte dessa forma literária de autoajuda os livros que intentam ensinar o leitor a desenvolver potencialidades mentais, de características místicas, prometendo levar o indivíduo a ser detentor de super-poderes. A fé em fenômenos sobrenaturais é o recurso fundamental, de que o escritor dispõe para levar o leitor a crer no que consome.

Selecionamos um trecho de *O diário de um Mago* para exemplificar essa vertente dos textos de autoajuda. O ensinamento visa a ensinar o leitor a desenvolver a sua capacidade de intuir.

O DESPERTAR DA INTUIÇÃO

(O EXERCÍCIO DA ÁGUA)

Faça uma poça de água sobre uma superfície lisa e não absorvente. Olhe para seta poça durante algum tempo. Depois comece a brincar, sem qualquer compromisso, sem qualquer objetivo, com a poça de água. Trace desenhos que não querem dizer absolutamente nada. Faça este exercício durante uma semana, demorando um mínimo de dez minutos cada vez. Não procure resultados práticos neste exercício porque ele está despertando, aos poucos, sua Intuição. Quando ela começar a se manifestar durante as outras horas do dia, confie nela. (COELHO, 1990, p. 96).

Todas as três categorias têm em comum estruturas linguísticas com vistas a ensinar, orientar, aconselhar, enfim, ensinar regras e exercícios, de modo a servirem

como instrumentos mediadores do que o leitor almeja conseguir, através dos textos de autoajuda.

Para concluir esse tópico, resumiremos os procedimentos literários que dominam o sistema dos textos de autoajuda. São eles:

- a) Linguagem de caráter pedagógico que visa a ensinar, dar fórmulas, conselhos, técnicas e orientações que prometem a salvação do leitor diante de problemas;
- b) Linguagem simplificada, para ser facilmente receptada pelo leitor;
- c) Abordagem superficial da realidade, sem levar em consideração as causas reais dos problemas sociais, econômicos que afligem o leitor;
- d) Estrutura linguística automatizada, prenhe de chavões, clichês, preconceitos, e doutrinas religiosas, que têm como base convenções vulgarmente encontráveis no cotidiano das pessoas;
- e) Linguagem psicologizante, cujo objetivo é incutir no leitor os ensinamentos veiculados nos livros e fazê-lo crer que é o único responsável por seus dilemas;
- f) Escamoteamento das formas como as relações sociais são processadas;
- g) Presença de heróis invencíveis detentores de super-poderes, além de serem, por outro lado, personagens de caráter medíocre, que costumam desenvolver ações que reforçam o status quo vigente;
- h) Abordagens que têm como base formulações de pseudo-especialistas, cujo papel é atestar o valor autoajudatório da obra;
- i) Elaborações apoiadas em trabalhos de reconhecido valor estético, de escritores consagrados por setores da crítica literária acadêmica;
- j) Concepções maniqueístas a respeito dos temas versados nas obras;
- k) Relatos de acontecimentos inverossímeis que, no entanto, objetivam levar o leitor a crer que ele também pode viver e agir de acordo com o que lê.

Os elementos listados estão perfeitamente afinados com as características da literatura de massa, a qual - é bom lembrar - tem a sua produção submetida a valores mercadológicos massificadores. Quer sejam: produção em série, atendimento ao aparelho informativo-cultural, promessas de redenção, desenlaces de conflitos dos enredos de forma previsível.

Esse conjunto estrutural logra conduzir o leitor à felicidade do reencontro com o já conhecido.

No entanto, embora os livros de autoajuda contenham inúmeros componentes que fazem deles uma expressão literária trivial, consideramos que os mesmos possuem um elemento em especial, que os distingue dos demais produtos textuais de massa: a *deliberada expressão do escritor assegurando que a sua obra é capaz de autoajudar os leitores que a consomem*. Portanto, é a pretensão de solucionar aos leitores que melhor justifica a indústria dos livros de autoajuda.

2.2 A INDÚSTRIA CULTURAL

Segundo sociólogos, atualmente, assiste-se, de um lado, ao fortalecimento de setores da vida pública e, de outro, o enfraquecimento de algumas instituições que, historicamente, auxiliavam o homem em suas relações sociais.

Tal situação teria causado uma confusão na realidade social contemporânea, ou melhor, culminou com o desencantamento dos indivíduos, com relação ao mundo em que eles vivem. Contudo, para Adorno e Horkheimer, isso não expõe a verdade dos fatos. Para eles, na presente era há um elemento totalizador - a indústria cultural - que confere a tudo que existe um outro encantamento, ou seja, há uma engrenagem estruturada de tal forma a reencantar o sujeito diante do mundo que o cerca.

Profissionais da sociologia, como Kant, afirmavam que o conhecimento humano seria capaz de desmistificar as leituras, que o homem vinha desenvolvendo historicamente a respeito da realidade. Nesse sentido, a evolução dos saberes científicos haveria de resultar na libertação do homem da ignorância, que o prendia a concepções que falseavam a sua existência.

A modernidade seria o palco, no qual seria possível vislumbrar a materialização do que era categorizado pelos sociólogos. Uma vez que as perspectivas democráticas da modernidade haveriam de promover a participação política do homem em esferas sociais nunca antes vividas por eles e isso lhes daria condições de interferir, de forma determinante, para melhorar a vida de todos.

Se durante séculos as civilizações passadas impuseram contenções às livres expressões dos indivíduos - nas quais, as tentativas do sujeito de se desengajar dos objetivos da comunidade eram prontamente desestimuladas - na era moderna, foi possível constatar uma paulatina e progressiva libertação do sujeito de valores morais que o impediam de agir. Isso trouxe como consequência positiva a valorização dos desejos do homem, os quais passaram a ser reconhecidos como necessidades individuais.

Nesse contexto, o homem passou a ser visto não apenas como ser comunitário, mas também como ser social. No entanto, para Adorno e Horkheimer, tal evento resultou em uma mudança no padrão de vida das massas, de uma maneira sem igual precedente, na história da humanidade.

A nova realidade impôs ao homem uma situação antagônica. De um lado ele viu na sua individuação o caminho propício para chegar a determinadas formas particulares de realização pessoal e de satisfação dos seus desejos. Por outro lado, ele logo percebeu que o caminho a trilhar era cheio de percalços, que podiam tanto mais levá-lo à insatisfação e ao fracasso do que ao sucesso. A realidade almejada havia lhe pregado uma peça. O reconhecimento da sua individualidade não se constituiu, por si só, em um elemento determinante para a emancipação do sujeito, frente às vicissitudes a que ele ficou exposto.

As regras competitivas do mercado, as exigências de especialização profissional para os trabalhadores, a impositiva e massificada busca por ter êxito, descortinaram situações, nas quais as complexidades sociais não podiam ser enfrentadas, pelo homem, de forma solitária. E, para além de tudo isso, os homens deveriam ter, ser proprietários, consumir. Para ser, eles precisavam ter. Todas as formas de relações sociais humanas estavam eivadas de imposições mercadológicas. O sujeito passou a ser cobiçado pelos olhares amorosos das mercadorias, pela produção em série, pelos produtos da indústria da cultura de massas, os quais passaram a se fazer presentes em todos os espaços da vida humana.

Adorno e Horkheimer, em um dos capítulos da *Dialética do Esclarecimento - A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas* - chamaram a atenção para o fenômeno causador da exacerbada "relação amorosa" entre o consumidor e os produtos culturais massificadores, que atuam socialmente

articulados entre si. A esse fenômeno eles deram o nome de indústria cultural. Segundo os estudiosos:

[...] a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos os são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço. (ADORNO; HORKHEIMER, 1997, p. 113).

É perceptível que, em seus trabalhos, os autores mencionados, tiveram como preocupações buscar identificar as formas de veiculação dos princípios que norteiam a produção dessa indústria.

Os estudos de Adorno e Horkheimer salientam que os consumidores ficam fascinados com o que produzem, ainda que não consigam ter a sua posse.

Ocorre que os consumidores comuns não são possuidores dos meios de produção, cuja propriedade - no capitalismo avançado¹, marco da sociabilidade abordada pelos teóricos da indústria cultural - é cada vez mais abstrata, imaterial e correspondem - para ficarmos em dois exemplos de propriedade abstrata - aos títulos dos administradores das sociedades de ações e ao capital financeiro globalizado.

Os dois frankfurtianos fizeram uma leitura inovadora das formulações de Marx, a respeito da mercadoria e do seu fetiche, contidos no clássico capítulo I de *O capital*. Tais formulações marxistas acerca do fetiche da mercadoria estão imersas em um trabalho de crítica da economia política.

Especificamente com relação à questão da mercadoria que, como sabemos, tem um suporte - o valor de uso - e uma exterioridade - o valor de troca -, na sociedade do capitalismo avançado, a forma exterior ganhou autonomia face ao valor de uso, penetrando em todas as esferas sociais e, ainda mais, sobre o inconsciente do sujeito.

Na verdade, até os desejos dos consumidores comuns - pertencentes às classes desfavorecidas - foram expropriados, pelo mercado. Quando eles conseguem consumir, o fazem dentro dos limites de poder de consumo que a classe

¹ Entendemos por "capitalismo avançado" (alguns autores chamam o mesmo fenômeno de 'capitalismo tardio') o período da história do capitalismo mundial que começa depois do colapso de 1929. Os autores da Escola de Frankfurt, de Horkheimer/Adorno até Habermas, compreendem que elaboram suas teorias visando elucidar as complexas formas desta época particular da história do capitalismo.

dominante lhes impõe. Assim, a produção capitalista - da qual os trabalhadores são os maiores alicerces estruturais - os mantém, por meio da mercadoria, arrebatados, presos de corpo e alma. E o ato de compra, que à primeira vista pode significar algo que resulte em favorecimento do indivíduo, nada mais é que a consolidação da sua submissão ao "poder absoluto do capital".

Adorno e Horkheimer, mais uma vez, podem nos explicar melhor. Para eles:

Assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que eles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza. (Ibid., p. 124).

Essa ideologia é espelhada no consumismo irrefreável, praticado por um universo incontável de consumidores que, com sua ação, legitimam os bens culturais padronizados, vendidos a eles pela indústria da cultura, para a qual trabalham.

Hegel dizia que "a verdade é o todo". (2002, s.p.)

Devemos contextualizar a sentença hegeliana. Ela foi proferida em um momento histórico repleto de otimismo, para com o futuro da humanidade, precisamente, na aurora das revoluções burguesas, em começos do século XIX, quando havia uma expectativa de realização da obra da razão iluminista, perfilada na figura da cultura burguesa.

Embora crítico das revoluções burguesas, Lukács estava ligado ao processo desencadeado pela vitória da revolução proletária, ocorrida na Rússia e da expectativa de sua expansão mundial. Em Lukács não há margem para dúvida: o proletariado é o sujeito histórico de uma revolução que resultará na emancipação do homem.

Todavia, convém destacar que Adorno e Horkheimer elaboraram suas teorias sobre a indústria cultural em outra época histórica - um "espírito do tempo" bastante distinto do vivido por Hegel e Lukács -. Os primeiros desenvolveram seus trabalhos no momento em que já se haviam dissipado as esperanças na razão iluminista, no ordenamento societário burguês e mesmo nas virtualidades emancipacionistas da classe operária.

Recordemos que Adorno e Horkheimer viveram a tragédia histórica da ascensão do Nazismo na Alemanha. E, em seus estudos, eles buscaram esclarecer

a importância do liberalismo burguês que, não só observou passivamente a vitória do Nazismo, mas aderiu a ele.

Arturo Gouveia observa, em *Dois ensaios frankfurtinos*, que:

Sabe-se hoje, com mais distanciamento, que a "loucura" de Hitler não pode ser dissociada de uma instrumentalidade técnica e de uma racionalidade burocrática rigorosa. [...] Adorno hoje parece premonitório ao vislumbrar, ainda no "calor da hora", o extremo da perversão assumido pela racionalidade moderna. Seu ceticismo em relação à individuação e a uma emancipação verdadeiramente humanística do homem deriva da observação, em um grau sem precedentes no século XX, do processo de aniquilação do sujeito. (2004, p. 21).

O esclarecimento, próprio da razão, que deveria se constituir em prática humana de dominação da natureza, revelou-se como poderoso instrumento, que pode prover a ação do homem de potencialidades para dominar a sociedade.

De acordo com Adorno e Horkheimer, a razão e o progresso técnico científico são as mais poderosas armas da indústria da cultura.

Por meio desses instrumentos, esse sistema cresce e estabelece inúmeras maneiras de se auto-fortalecer, bem como, de enfraquecer o indivíduo em sua capacidade de negar o que, aos seus olhos, parece-lhe indispensável para a melhoria da sua vida particular.

É que, na era do capitalismo avançado, a antiga "verdade do todo", hegeliana, ou seja, a relação dialética entre o todo e as partes, metamorfoseou-se em uma contrafração, de tal maneira que o particular e o singular já não se conectam dialeticamente com a totalidade. Conforme Adorno, "O TODO É O FALSO".

Traduzindo essa questão da filosofia - a metamorfose da relação de totalidade -, para o sistema da indústria cultural, percebemos que este transformou-se em uma espécie de entelêquia, ou seja, uma engrenagem que opera sem que haja mais a presença da antítese.

Para Marx, a tese é o capitalismo e a antítese é o proletariado, sendo que esse último haveria de se insurgir contra o capitalismo que o oprime. Para Adorno, não existe mais a antítese - o proletariado capaz de se insurgir pois o proletariado foi convertido em extensão da tese. A favor dessa situação há os milhares de big brothers e as insondáveis retinas, atentas a perceberem e tratar de destruir toda e qualquer iniciativa, que vise a se opor ao estado de coisas forjado pela sociedade

capitalista. Ao nosso ver, a sociedade capitalista é uma imensurável indústria da cultura. (MARX, 1994).

A indústria da cultura opera em circuito fechado. Isso corresponde a uma das teses principais sobre essa indústria, uma vez que, o capitalismo avançado criou uma falsa identidade entre o universal e o particular, entre o coletivo e individual.

Segundo Adorno e Horkheimer, "A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo da sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular". (1997, p. 113).

Tal assertiva leva a uma outra tese, segundo a qual, para a indústria cultural, na contemporaneidade, há uma impossibilidade da existência de relações dialéticas que para Marx e Hegel devem ocorrer, a partir da dinâmica contraditória entre tese e antítese, cuja síntese é o resultado do conflito.

Para os frankfurtianos, ao desaparecer a antítese propulsora da época das revoluções - burguesa e proletária do tipo trabalhador X patrão, temos, por conseguinte, o desaparecimento do dinamismo dialético. Assim, essa premissa fundamenta que ao trabalhador só resta ter os mesmos desejos do patrão.

Nesse sentido, como já dissemos, ele atua como se fosse uma extensão do seu chefe. Tal atuação, em contrapartida, contribui para fortalecer a permanência das duas condições: a de patrão e a de empregado. Os pólos são funcionais e não contraditórios. "Quem resiste só pode sobreviver integrando-se. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, ele passa a pertencer a ela assim como o participante da reforma agrária ao capitalismo", (ibid., p. 123). A indústria da cultura administra a vida humana em todos os seus aspectos: profissionais, religiosos, familiares, afetivas, como também nas suas horas de lazer.

No final da vida, Adorno procurou dar fundamentação a uma dialética que chamou de negativa. De acordo com esse conceito, no lugar de ascensional, desenvolvimentista, de superação das sínteses, em direção ao "espírito absoluto", caso da dialética de Hegel, o frankfurtiano levantou a hipóteses de o processo dialético ter invertido o sinal histórico, passando a impossibilitar as sínteses.

Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudo-individualidade. O indivíduo reduz-se à capacidade do universal

de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo (Ibid., p. 144-145).

A aparente homogeneidade ocorrida entre o todo e o particular, entre o universal e o individual, nada mais é do que a supremacia dos poderosos contra os desfavorecidos economicamente. E os mais fortes têm na indústria cultural uma poderosa aliada, em favor da sua permanência na condução da administração das necessidades e dos desejos dos indivíduos administrados.

A crise desencadeadora das necessidades sociais é forjada pela pequena parcela que compõe a classe dominante, a qual busca aparentar ser ela própria a redentora dos dilemas que causa às classes dominadas. Nesse sentido, os produtos da indústria cultural são postos em cena, como forma de paliar as carências que atormentam a maioria dos indivíduos.

Esse contexto favorece o surgimento da literatura de autoajuda, lembramos, em meados do século XIX, cuja produção cai rapidamente nas graças da indústria cultural, uma vez que essa indústria pode vislumbrar conseguir, através desses produtos editoriais, uma forma de apascentar o indivíduo, que vive a buscar saídas do círculo vicioso em que se transformou a sua vida.

Assim, ler livros de autoajuda, em muitas vezes, pode significar uma espécie de fuga, como a desenvolvida por indivíduos em suas horas de entretenimento. O que, na verdade, não é "[...] uma fuga da realidade ruim, mas da ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir". (Ibid., p.135)

Nesse sentido, com a literatura de autoajuda, a indústria da cultura passou a dispor de mais um instrumento para ludibriar os sonhos das pessoas.

A indústria cultural possui variadas facetas para a sustentação e manutenção do poder nas mãos de poucas pessoas. Ela atua de forma diversificada, de modo a criar e comercializar costumes entre os homens. Dessa feita, para a maneira como as pessoas se vestem, há uma indústria a ditar modelos de roupas passageiros, que a maioria das pessoas sonha em possuir; para a comunicação mais elementar entre membros de uma mesma família, existem assovios mil das verdadeiras iaras, em que se transformaram os modelos efêmeros e "irados" dos aparelhos de telefonia celular; para a moradia de quem pode pagar, há os sedutores, "privados e seguros" condomínios/cidades; e para lenificar a dor de não poder ter tudo isso, ou melhor, para não orientar o indivíduo de como ele deve agir para superar tais deficiências,

há um dos braços da indústria da cultura, na literatura, que é a literatura de autoajuda.

Com tudo isso, acreditamos ter esclarecido a maneira pela qual os autores clássicos, da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, questionam a vigência da noção iluminista do sujeito, assim como também eles desacreditam e porque desacreditam a possibilidade de uma práxis revolucionária, na época histórica do capitalismo avançado.

Para nós, um dos instrumentos que impossibilitam essa práxis revolucionária, tão cara a Marx, é a produção literária que reforça comportamentos individualistas no leitor, como é o caso da literatura de autoajuda.

A literatura de autoajuda é uma demonstração da "[...] capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado o mesmo". (Ibid., p. 144-145).

Por fim, com base nas características dos livros de autoajuda, constatamos que a circulação de tais produtos é uma forma de conservação da ordem social vigente, já que a consciência dos indivíduos encontra-se precarizada, frente ao poderio econômico que o atrai e o repele. Sendo assim, o indivíduo sucumbe ao todo, a ideologia da classe dominante. Não há mais gosto individual. Os gostos encontram-se massificados pela indústria cultural.

2.3 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA DE AUTOAJUDA

Como vimos no tópico anterior, é cada vez mais crescente a quantidade de leitores embevecidos com a literatura de massa - a literatura trivial - e com uma de suas vertentes: a literatura de autoajuda.

No entanto, mesmo que a literatura de autoajuda firme seu apogeu a partir de meados do século passado, constatamos formulações linguísticas características desse gênero literário em obras que remontam à modernidade.

Nossa assertiva está baseada no fato de que, ao estudarmos esse boom editorial, constatamos traços singulares a obras de autoajuda - como as temos na atualidade - em livros que datam do início da Era Cristã. É o caso de *A arte de amar*,

de Ovídio, poeta latino, grande escritor, reconhecido e aprovado como tal pela crítica literária acadêmica da atualidade.

Cabe-nos ressaltar, entretanto, que os princípios mercadológicos - da oferta e da procura - que regem a produção literária de autoajuda na contemporaneidade, por razões - históricas, sociais etc - óbvias, são elementos distintivos fundamentais entre a produção da obra de Ovídio e a empresa de textos, cujos procedimentos têm como fim o lucro.

Uma das provas para incluirmos *A arte de amar* no rol dos livros de autoajuda encontra-se no seu prefácio. Mais precisamente na apresentação que Montesquieu faz da obra. Segundo ele, "De todos os poetas, Ovídio foi quem desvendou os mais belos segredos da natureza. Ele ensinou aos homens soltar o suspiro adequado e às mulheres recebê-lo, aos homens saber o momento propício aos amantes, e às mulheres oferecê-lo". (2001, p. 7).

Percebemos nessa passagem a existência de pelo menos dois elementos comuns à estrutura dos textos de autoajuda. Um, diz respeito à justificativa, ainda que velada, chamando a atenção do leitor para o especial caráter pedagógico do livro, em função da habilidade do autor em ensinar a arte de amar. Outro está relacionado à reprodução de aspectos comumente esperados nas relações afetivas entre homens e mulheres: eles dão, elas recebem; eles sabem, decidem, elas concordam.

Percebemos claramente Isso no texto, ainda que Ovídio esclareça que sua obra é destinada a ajudar igualmente integrantes dos gêneros masculino e feminino, quanto a questões referentes ao amor.

No entanto, *A arte de amar* pode ser considerado um livro ousado para a época de sua produção. Pois, a obra não impõe limites ao tipo de público que deve ser contemplado com os seus conselhos. O texto tem como alvo homens e mulheres.

O público feminino goza de atenção especial por parte do poeta, uma vez que o mesmo reconhece que mulheres também têm direito a amar, ao amor. Não apenas aquele tradicional amor maternal, mas o amor que pode conduzir ao prazer e não apenas à procriação.

Ovídio disponibiliza páginas e páginas do seu receituário amoroso para - como ele diz -, ainda que contrariando os seus pares - integrantes do gênero masculino - orientar de modo bem-humorado as amantes femininas.

Vejamos, no fragmento abaixo, uma amostra de como o escritor dirige suas técnicas às mulheres - que ele considera - fisicamente desfavorecidas para o amor, pois as bonitas, segundo ele, repousam em segurança.

Se você é pequena, sente-se, evite que, em pé, a creiam sentada, e estenda sua miúda pessoa sobre o leito; mesmo lá, deitada, para que não se possa avaliar seu tamanho, jogue sobre si uma roupa que esconda seus pés. Muito magra, vista-se com roupas de tecido grosso; ponha uma grande capa sobre as costas. Tem a pele pálida? Vista-se com roupas listradas de cores brilhantes. Muito morena? Procure ajuda dos tecidos brancos de Faros. (...) uma perna seca nunca deve se mostrar sem correias (...). (Ibid., p. 95- 96).

No entanto, *A arte de amar*, em seu tempo, foi considerada uma obra menor em relação a outros livros de Ovídio. Na verdade, como já vimos no primeiro tópico deste capítulo, dificilmente um artista desenvolve procedimentos artísticos hegemônicos em todo o conjunto de seus trabalhos. Para nós, Perdas e ganhos nem parece uma obra escrita pela mesma Lya Luft de exílio, por exemplo.

Certo é que, na referida obra, Ovídio convida o leitor a passear pelas páginas do livro, garantindo êxito nas relações amorosas, para quem assimilar as técnicas que ele expõe no texto. O escritor, ao tratar de tema universalmente sedutor - o amor -, assina uma promissória, no sentido de tentar dar garantias de que os seus ensinamentos conduzirão os amantes inexperientes ao sucesso, em suas vidas amorosas.

Se houver algum homem a quem a arte do amor seja desconhecida, que ele leia este poema e que, conhecendo-o através de sua leitura, ame. É a arte com que a vela e o remo são manejados que permite às naus navegarem rapidamente... a arte de amar deve governar o amor... É a experiência que me dita esta obra: escutem um poeta ensinado pela prática. (OVIDIO, 2001, p. 17-18).

No exemplo exposto, Ovídio faz uso de um recurso comum aos procedimentos literários dos livros de autoajuda: as palavras do próprio autor asseveram os resultados satisfatórios do que ele vai proclamar na obra.

Uma análise do texto, tendo como base abordagens sociológicas, de perfil feminista, certamente nos apontaria constatações de que em diversas passagens da obra o escritor se refere às mulheres de maneira coisificada. Assim, os procedimentos literários aos quais nos referimos nos levam a detectar vestígios da

Gênese do machismo atual. Como nos atesta uma das passagens dedicadas aos homens, na qual diz o poeta:

Antes de tudo, que seu espírito esteja persuadido de que todas as mulheres podem ser presas: você as prenderá; estenda apenas as redes. Os pássaros se calarão na primavera, no verão as cigarras, o cão de Menale fugirá diante da lebre, antes que a mulher resista perante as solicitações carinhosas de um homem. Ela mesma, que você poderá acreditar não querer, quererá. (Ibid., p. 29).

Nessa citação, constatamos a presença de conceitos preestabelecidos à base de estereótipos historicamente atribuídos às mulheres e aos homens.

De acordo com esses estereótipos as mulheres são indecisas, frágeis, não têm vontade própria. Quanto aos homens, estes devem - por que lhes é natural - ter comportamentos firmes, determinados e seguros de que terão êxito em todas as suas investidas amorosas junto às mulheres. Essa é mais uma das características da literatura de autoajuda que, para nós, se faz bastante evidente na obra de Ovídio, qual seja: procedimentos linguísticos que reproduzem preconceitos, padrões, convenções, chavões, estereótipos, não apenas a respeito de homens e mulheres, como também sobre diversos outros temas de interesse do público leitor.

Dessa feita, podemos rebuscar, no passado distante, bases preliminares do que atualmente consideramos literatura de autoajuda.

Abrimos aqui um parêntese, para chamarmos a atenção para um fato, ao qual já fizemos referências na introdução deste trabalho, sobre a existência de textos que têm, na atualidade, despertado a cobiça do comércio de livros de autoajuda. É o caso de textos de grandes filósofos da antiguidade, os quais, têm sido comercializados, como sendo produtos que visam autoajudar os leitores, ainda que não tenham sido elaborados com o sentido de terem a sua circulação fundada de modo a estabelecer princípios dogmáticos, com pretensão de serem considerados verdade absoluta, caso das publicações editoriais de autoajuda.

Ao nosso ver, mesmo que os tratados filosóficos não sejam formulados dentro de premissas que se querem indiscutíveis, eles têm sido alvo de sagazes investidas por parte do mercado editorial e digeridos como textos de autoajuda, na medida em que as reflexões veiculadas por eles são associadas a conselhos, ensinamentos e orientações que o leitor consome com objetivo igual ao que o conduz aos livros de autoajuda, que é a busca por obter uma vida melhor.

Dessa feita, de olho nesse filão mercadológico, industriais de produtos literários de autoajuda vêm lançando no mercado obras, que na origem da sua fabricação não eram identificadas como sendo livros de autoajuda.

Como exemplo, citamos *Consolações da filosofia*, de autoria de Alain de Botton, no qual, o autor selecionou trechos de livros de filósofos, com o fim claro de comercializar o que ele chama de lenitivos filosóficos.

Na orelha desse livro há uma informação a respeito do seu conteúdo e do benefício que as reflexões filosóficas podem propiciar aos indivíduos leitores.

Em As consolações da filosofia, Alain de Botton perfila seis filósofos e os afronta com diversos males da vida - pois o mal de existir se conjuga de variadas maneiras: mal do dinheiro, mal do amor, mal do corpo (...) Sócrates, Epicuro, Sêneca, Montaigne, Schopenhauer e Nietzsche indicam: para essas agruras vitais, o remédio pode ser substancial, filosófico. (BOTTON, 2001, s.p.).

No livro, Alain perfila trechos de trabalhos dos filósofos que ele cita, com o fim de conceder autoajuda aos leitores. No fragmento a seguir, Alain extrai um trecho dos Ensaio, de Montaigne, como forma de aconselhar às pessoa sobre como elas devem encarar adversidades.

Devemos suportar tudo aquilo que não podemos evitar. Nossa vida compõe-se, como a harmonia do mundo, de dissonâncias e de diferentes tons, maviosos ou estridentes, sustentidos e bemóis, suaves e grandiosos. Se um músico gostasse de apenas alguns deles, o que lhe restaria para cantar? Ele precisa saber como usar e combinar todas as variedades de tons. Da mesma forma devemos agir com relação ao bem e ao mal, pois são eles que formam a essência de nossa vida. (Ibid., p. 253).

Os trabalhos de Sêneca, filósofo estoíco do início da Era Cristã, também interessam ao comércio da literatura de autoajuda.

Em Sobre a providência, sobre a firmeza do homem sábio, Sêneca reflete sobre a consciência do homem e busca levá-lo a aceitar os males que o afligem, como forma de o mesmo alcançar a plenitude.

Acreditamos que a intenção do filósofo em contribuir para que as pessoas sejam felizes, constitui o fundamento para que sua obra seja comercializada, por um setor editorial que lucra exatamente por negociar sugestões de comportamentos humanos. A fração que selecionamos dá uma dimensão da proposta do filósofo para quem deseja ser feliz.

[...] devemos primeiramente, pôr diante dos olhos aquilo que desejamos; depois examinar, sob todos os aspectos, por onde devemos chegar à meta do modo mais rápido possível. [...] devemos discernir tanto aquilo para que tendemos quanto o meio de conseguir o meio de conseguir o desejado, não sem escolher um perito, conhecedor profundo do caminho em que nos metemos, porque as condições dessa viagem não são as mesmas que as dos demais itinerários. (BOTTON, 2001, p. 1-2).

Contudo, embora possamos encontrar formulações próprias do gênero literário de autoajuda em tempos muito afastados de nós historicamente, é somente em meados do século XIX - de acordo com Francisco Rüdiger - que o seu conceito será criado. É esse o momento - precisamente em 1859 - em que o médico publicista vitoriano, Samuel Smiles, publica *Ajuda-te*, livro que vem a tornar-se um best-seller da literatura de autoajuda.

Segundo o que consta no referido livro, Smiles decidiu escrever a obra a partir da visita que lhe fez certo dia um homem. O mesmo relatou ao publicista a situação de êxito profissional e financeiro em que se encontravam, não só ele - era patrão em uma oficina - como também outros tantos amigos seus, em virtude de todos terem assistido a uma conferência que Smiles proferira para eles, anos antes.

O médico publicista diz recorda, então, de que cerca de dois ou três trabalhadores, durante um inverno, resolveram reunir-se em um quarto da casa de um deles, para estudar e ensinarem-se mutuamente: química, matemática, aritmética, línguas modernas, geografia.

O número de estudantes não tardou aumentar, pois outros trabalhadores, tomando conhecimento da atividade pedagógica que estava acontecendo, vieram juntar-se aos pioneiros.

Chegou o verão. Nessa estação, aumentou paulatinamente a quantidade de alunos, de tal maneira que eles acharam por bem realizar as aulas no jardim e não mais dentro da casa.

Todavia, aumentou o número de aspirantes ao conhecimento. Tanto, que, ao ser ultrapassada a quantidade de cem estudantes, os mesmos, decidiram alugar um prédio velho, rejeitado pelas pessoas, por ter servido, antes, de hospital para aquela mesma comunidade.

Smiles reflete assim sobre esses acontecimentos:

A instrução era sem dúvida imperfeita e elementar, porém dada de boa vontade. Os que sabiam pouco ensinavam os que sabiam menos ainda, aperfeiçoando-se, eles mesmos, enquanto aperfeiçoavam os outros e, em todo o caso, dando um bom exemplo de trabalho. Assim estes rapazes, e até mesmo alguns homens já feitos que se lhes tinham juntado, foram-se ensinando mutuamente a ler e escrever. (1859, p. 4).

Com o intuito de incrementar suas aulas, os rapazes resolveram acrescentar conferências às mesmas e, para tanto, convidaram Samuel Smiles para inaugurar o que eles consideraram ser uma nova fase dos seus estudos. Ou melhor, para "conversar um pouco com eles", como diziam os estudantes satisfeitos.

O escritor diz que, mesmo que não confiasse muito em resultados positivos, para uma aprendizagem exitosa, em razão desse evento ocorrer em forma de conferência pública, ele assegura que não foi difícil sensibilizar-se com o entusiasmo dos rapazes, o que o levou a proferir "algumas palavras animadoras para eles.

Ao ficar sabendo desse fato, relatado pelo dono mecânico, Samuel Smiles ficou motivado a tomar nota dos resultados das conferências que realizara, bem como da experiência que tinha correlação com o mesmo objetivo: estimular pessoas a conseguirem alcançar êxito em suas vidas.

Esse fato, que o médico considerou proveitoso, o fez decidir-se por escrever o livro *Ajuda-te* citando diversos exemplos, nos quais os homens, de origem sócio-econômica diversa, haviam se tornados bem sucedidos, graças à prática de si - como Smiles chama a autoajuda - ainda que eles tivessem atravessado crises de toda ordem.

Para Smiles, quem praticasse o autocultivo - outro nome dado por ele à autoajuda - seria conduzido à plenitude terrena. Entretanto, o escritor dava ênfase à boa formação do caráter do indivíduo, para que o mesmo lograsse chegar à felicidade. É que ele entendia que esse é um elemento que constitui um dos objetivos mais nobres da vida. Como diz o mesmo, na referida obra, "[...] a força e o valor de um Estado dependem muito menos da forma das suas instituições do que do caráter dos homens que o compõem. Com efeito, uma nação não é mais do que a agregação de condições individuais". (Ibid., p. 3).

Nesse sentido, o pioneiro do conceito de autoajuda nos dá mostras, em seu texto, de procedimentos bastante característicos das produções literárias de autoajuda, na atualidade. Uma vez que ele dá especial importância à tentativa que o sujeito teria de fazer, objetivando transformar-se primeiro, para, depois transformar o mundo que o subjuga. Há já um destaque direcionado para a ação individual, como

sendo componente determinante do sucesso humano. Dessa feita, para Smiles importava mais a forma como o homem governa a si mesmo do que como ele é governado.

No desenvolvimento das ações de autocultivo, o sujeito deveria se esmerar por alimentar bons hábitos em si, porque, de acordo com Smiles,

A verdadeira fonte do progresso individual e da prosperidade das nações, em última instância, não depende da política, mas do espírito de auxílio próprio existente entre os homens, a tal ponto que se fosse propagado entre a classe operária, serviria mais do que qualquer outro meio para elevá-la como classe sem rebaixaras outras. (Ibid., p. 16).

Reflexões da natureza do que está exposto nesse fragmento, nos levam a classificar o pensamento de Smiles, no mínimo, como ingênuo, para não dizer maledicente. Assim, podemos constatar que, já em seu nascedouro, a literatura de autoajuda banaliza as formas como se estabelecem, de fato, as complexas relações sociais humanas.

Essa literatura parece dar pouca importância às causas dos problemas vividos pelos indivíduos. Sua abordagem é superficial. E para nutrir a gana do sucesso conquistado, os autores de livros de autoajuda não se fartam de pregar constantes peças ao leitor sedento de socorro. Como é o caso desse logro de fazer o consumidor acreditar que, em qualquer situação, apenas a solidariedade ou a ação fraterna entre os homens é suficiente para elevá-los de uma condição social inferior à outra mais favorável.

Via de regra, a sociedade que constitui a era do capitalismo avançado chegou uma etapa onde a sobrevivência das pessoas está submetida à concorrência, à disputa desvairada, o que reforça a concentração da riqueza nas mãos de poucos. Os programas assistenciais, desenvolvidos no âmbito da maioria dos governos e da iniciativa privada de caráter filantrópico, têm contemplado a um escasso número de necessitados.

O alicerce mantenedor desse estado de coisas encontra-se incrustado nos diversos pátios institucionais da vida social mundial: família, escola, igreja, meios de comunicação como televisão e mercado editorial. Ao contrário do que se poderia almejar, tais instituições têm referendado sucessivamente o poder da classe dominante, omitindo-se ou não.

Contudo, consideramos que de uma certa forma não é bem propício chamar de autoajuda o que aconteceu com os rapazes que buscavam o conhecimento escolar, e de quem Smiles narrou a história em Ajuda-te. Talvez pudéssemos identificar tal feito como sendo um mútuo cultivo, de uns para com os outros. Autoajuda, ou melhor, literatura de autoajuda é o que o médico faz ao registrar a história vivida pelos estudantes assistidos por ele. Exemplo, que o fez pensar que poderia servir como modelo para que as pessoas pudessem se elevar socialmente, sem rebaixar as que compõem classes sociais privilegiadas.

Na defesa do progresso do caráter humano, do tipo sentenciado por Smiles, outras manifestações vão se fazer notar historicamente, como é o caso do movimento do Novo Pensamento que, para Francisco Rüdiger, não foi nada mais do que um

[...] verdadeiro movimento de auto-ajuda (...) fenômeno cultural da classe média, apoiado por formidável máquina de ensino e propaganda, que se propunha a desenvolver o chamado potencial humano (...), tornara-se, então, uma espécie de moda entre as camadas ascendentes, que consumiam avidamente os periódicos e freqüentavam os cursos criados pelo movimento. O Novo Pensamento contribuiu historicamente para transformar a prática da auto-ajuda em fenômeno de massas. (1996, p. 74-81-109).

Os Estados Unidos serviram de palco para que o movimento do Novo Pensamento fizesse tanto sucesso. Todavia, o movimento começou a desaparecer no início do século XX, ainda que a prática da autoajuda não tenha tido esse mesmo destino. Seu tempo e seu espaço ampliavam-se, assim como o público interessado nesse evento.

É nesse cenário que Dale Carnegie instala o seu Laboratório de relações humanas.

Carnegie, que muitos imaginam, erroneamente, ser o criador da literatura de autoajuda foi um exímio orador e observador do tipo de necessidade que a sociedade demanda. Ele valeu-se de pesquisas de mercado, para fazer funcionar o referido laboratório no Instituto Carnegie, localizado em Nova York.

Através das pesquisas que desenvolveu, Dale Carnegie diz ter descoberto que na vida as pessoas interessam-se, especialmente, por terem saúde e por conseguirem influenciar pessoas, além de buscarem possuir dinheiro. Nesse sentido, homens e mulheres, querem dominar técnicas que os façam ser estimados

uns pelos outros e, ainda, que lhes dêem instrumentos para persuadir as outras pessoas.

Com base nos trabalhos do referido Instituto, Dale Carnegie produz e publica, em 1934, o best-seller mundial *Como fazer amigos e influenciar pessoas*.

No livro há diversas passagens que consideramos hilárias, embora não seja essa a intenção do escritor. Na verdade, o procedimento ordinário que Carnegie confere à sua exposição pedagógica é que, para nós, resulta em certa comicidade do texto, conforme podemos visualizar na citação seguinte, na qual Carnegie dá orientação de como influenciar pessoas.

É um excelente processo para ser empregado, quer você esteja tratando com crianças, novilhas ou chimpanzés. Ouça este exemplo: Ralph Waldo Emerson e seu filho tentaram um dia levar um bezerro para dentro da cocheira. Mas ambos cometeram o erro comum de só pensar no que estavam querendo: Emerson empurrava o bezerro enquanto o filho puxava. Mas o animalzinho agia exatamente como Emerson e o filho: pensava apenas que ele queria, por isto firmou as pernas e obstinadamente se recusou a deixar o campo. Uma empregada irlandesa viu a luta. Era uma mulher incapaz de escrever ensaios e livros, mas naquele momento, teve muito mais senso animal, ou instinto de bezerro, que o grande Emerson. Pensou sobre o que o bezerro queria: colocou maternalmente um dedo na boca do animal, deixou que ele chupasse, enquanto facilmente conduzia o teimoso bezerro para dentro da cocheira. (CARNEGIE, 1964, p. 50).

Chamamos a atenção para o fato de que Carnegie não diferencia pessoas de animais. Ele nivela a todos, por acreditar que a satisfação dos mesmos independe da sua condição animal ou humana. Isso também é perceptível na forma como ele se refere à empregada.

Muito do trivial experimentado ou verbalizado nas práticas cotidianas das pessoas, passou a constituir um discurso textual que, comercializado, fez-se disputado por milhares de indivíduos sedentos por vencerem crises, em todo o mundo.

No curso do seu desenvolvimento, designação de autoajuda, ao invés de apenas restringir-se à construção do caráter, passou a ser vista como um valioso instrumento formador da personalidade humana. Tal conceito é tido como recurso capaz de transformar espiritual e psicologicamente o indivíduo. Essa concepção aliada ao pensamento iluminista de que o homem religioso, na modernidade, era um ser anacrônico, impôs às massas a procura de algo em que elas pudessem crer, mas que, no entanto, haveria de ter ares de ciência.

Nesse contexto, o desejo humano de conquistar uma fé fortalecida por formulações bem construídas, passa a encontrar no nascente gênero literário de autoajuda textos que lhe asseguravam que, uma vez que tudo é dinâmico, o pensamento também o é, podendo ser manipulado. Assim, o que o homem possui resulta do patrocínio determinante que as suas capacidades mentais podem lhe propiciar. Empara que a sua mente possa lhe empresariar ações que o satisfaçam, é necessário que o sujeito invista na potencialização do seu interior.

Os pró-ajudantes literários buscam, sempre, apresentar algo que, aos olhos do leitor, possa parecer diferente de tudo o que ele conhece, ainda que, como dizem Adorno e Horkheimer a respeito dos produtos comercializados pela indústria da cultura:

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer; emitida pelo enredo e pela encenação, prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. Ao desejo excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o que enfim se serve é o encômio do cotidiano cinzento ao qual ele queria escapar. (ADORNO; HORKHEIMER, 1997, p. 130-131).

Nessa empreitada, a produção dos textos de autoajuda, nem de longe, parece se preocupar em chocar.

Destarte, é válido até o procedimento de contrariar a fé ardorosa da sociedade ocidental cristã, como fez Mare Lews, jovem autor do best-seller de autoajuda: *Pecar para vencer*.

De acordo com um artigo da Revista Veja, - sobre o autor -, ficamos sabendo que, na referida obra, ele faz apologia aos sete pecados capitais.

Orgulho, preguiça, luxúria, gula, avareza, inveja e ira, os sete pecados capitais, são nossas maiores fontes de motivação. São as coisas que nos dão inspiração para o sucesso. Todas as pessoas bem sucedidas são orgulhosas. [...] a arrogância é uma virtude. [...] a inveja é uma ferramenta valiosíssima em termos de motivação. Senti-la é tão natural quanto respirar. [...] a ira é energia, é fazer as coisas com paixão. [...] a gula é querer sempre mais. (MARTHE, 2002, p. 114-124).

Dessa feita, na atualidade, editores e autores de livros de autoajuda, atentos às crises sociais, não às suas causas, se esmeram por buscar desenvolver e propagandear a todo momento novidades que garantam o sucesso de venda

das obras que produzem. Eles atuam através de ações semelhantes às realizadas, anos antes, por Dale Carnegie. Tais livros resultam de pesquisas desenvolvidas pelo mercado editorial de autoajuda, para saber quais os problemas que mais estão afligindo leitores, como forma de assegurar o êxito da comercialização dos produtos autoajudatórios.

O alcance de tal êxito depende muito de que pessoas afiancem a validade do que os livros veiculam. É de grande valia que leitores, apreciadores dos ensinamentos contidos nos livros de autoajuda, defendam a qualidade e atestem a necessidade da existência desse gênero literário, como forma de melhorar a vida das pessoas.

Nessa direção, é freqüente a disseminação, através dos meios de comunicação de massa, de reportagens e entrevistas com celebridades. Pessoas conhecidas da mídia - nacional e internacional - que aparentam ter uma vida tranquila e bem sucedida financeiramente, compõem o rol preferencial dos que estão habilitados a fazer proselitismo dos livros de autoajuda.

As matérias que tratam de relações de pessoas com textos de autoajuda, obedecem, de forma genérica, a um esquema.

Nesse esquema, as pessoas notáveis relatam passagens dilemáticas da sua vida, nas quais, como elas afirmam, viveram grandes tormentas. Porém, com o apoio fundamental de um ou mais livros de autoajuda, essas pessoas asseveram ter conseguido superar o que as fazia sofrer. Mas os depoimentos, via de regra, não se limitam a isso. Segundo tais pessoas, após a superação do sofrimento elas passam a ser aquele tipo de indivíduo que o leitor acredita estar realmente bem, uma vez que as matérias estampam imagens das celebridades, como se fossem mercadorias a cobiçarem os desejos dos consumidores, de serem iguais a elas.

Esse fenômeno desperta a admiração do leitor, para o que ele acredita ser um exemplar do que pode acontecer consigo. A distância a ser percorrida entre o infortúnio e a fortuna depende apenas de que o mesmo escolha - dependendo do seu problema - o livro que lhe abrirá as portas da felicidade.

Assim sendo, publicações semanais nacionais, como a revista IstoÉ e a VEJA, participam, ao nosso ver, daquele processo que, segundo Wolfgang Fritz - em Crítica da estética da mercadoria - constitui uma espécie de "[...] complô planejado para corromper as massas". (1997, p. 80). De fato, as reportagens servem como out

doors de bancas de revistas, objetivando aumentar o consumo de livros de autoajuda. Senão, vejamos.

A revista VEJA, publicada em 13 de novembro de 2002, estampou em sua manchete de capa a seguinte inscrição: AUTO-AJUDA QUE FUNCIONA - o que dizem os mais respeitados autores que ensinam você a ter sucesso e viver melhor.

No corpo da matéria o leitor se depara com personalidades conhecidas suas, através dos meios de comunicação de massa. São pessoas reconhecidas no cenário midiático brasileiro - artistas, empresários, jogadores - que discorrem acerca do prazer que sentem em ler livros de autoajuda, além de relatarem - óbvio - os efeitos benéficos usufruídos por elas, em virtude dos ensinamentos aprendidos em tais livros.

Segundo essa mesma reportagem, o mercado brasileiro de livros de auto ajuda cresceu mais de 700%, de 1994 a 2002, enquanto que o mercado editorial como um todo aumentou apenas 35%.

A matéria reforça o que afirmamos, basta ver os números a respeito do comércio de livros de autoajuda.

Ficamos sabendo, ainda, por meio da reportagem que:

A auto-ajuda tornou-se uma indústria tão lucrativa que fez nascer uma espécie de linha de montagem. Uma pesquisa realizada pelo estudioso inglês Timothy Clark revela que nesse mercado as novas tendências passaram a ser cuidadosamente gestadas pelas editoras. É prática recorrente que estas, ao formular uma nova idéia, contratem um ghost writer para escrever o livro e convidem um autor renomado para assinar a obra. (MARTHE, 2002, p. 124).

Deveras, a Feira do Paraguai - ciente das dificuldades que assolam a vida dos seus fregueses - vende fórmula para tudo.

Dessa feita, para os que não têm paz, existem consolações no livro O caminho da tranquilidade, de autoria da Sua Santidade o Dalai Lama; se mulheres sofrem em sua vida matrimonial, a ajuda pode estar em A solidão da mulher bem casada, da pedagoga brasileira Belkis Morgado; já homens e mulheres podem relacionar-se bem, na medida em que consumam, aprendam e pratiquem as orientações dadas por John Gray, em Homens são de Marte, mulheres são de Vênus. Ainda para integrantes do gênero feminino que desejem aprender a desenvolver seus arquétipos potenciais femininos, é possível encontrar técnicas na obra Mulheres que correm com os lobos, da analista junguiana, Clarissa Pinkola

Estés - contadora de histórias - e como ela mesma gosta de ser identificada, cantadora.

A extraordinária expansão do comércio de texto de autoajuda nos leva, em consequência, a refletir sobre o que vem a ser esse espetacular aumento da quantidade de leitores no espaço nacional. Pois, consideramos que nas condições em que se encontra o Brasil, juntamente com outros países latino-americanos, por razões sócio-econômicas óbvias e pela ausência de educação para todos, não podemos afirmar, com precisão, que há uma literatura de massa a alcançar uma inumerável quantidade de leitores, como podemos, por exemplo, nos referir à existência de uma música de massa, pela natureza técnica de reprodução dessa última e a capacidade de recepção dos consumidores.

O acesso à música parece-nos bem menos complexo do que o exigido para o texto escrito. Por exemplo: não há necessidade de que o ouvinte saiba a respeito de partituras, para que ele tenha acesso aos produtos musicais de massa. O que importa é que suas capacidades auditivas estejam aptas a ouvir o que lhes chega aos ouvidos. O que se dá pelos mais diversos meios de propagação musical: rádio, televisão, bares, boates, o som de casa ou o do vizinho etc. Já para que o texto literário de massa seja recepcionado pelo indivíduo, é necessário minimamente que ele saiba e queira ler; que tenha ultrapassado a condição de analfabeto funcional.

Todavia, não podemos ficar indiferentes ao fato de que, mesmo que haja menos leitores que ouvintes, entre os primeiros é absoluta a preferência pelo gênero literário de massa.

Estudos mais recentes, como os de Márcia Abreu, sobre os percursos da leitura, confirmam a existência entre os jovens de hábitos de leitura. Sendo que, "Na verdade, lê-se muito livro de autoajuda, de vulgarização científica, histórias em quadrinhos, lê-se muito livro sobre hobby, sobre astros da música e do cinema". (1999, p. 14).

Isso reflete o poderio da indústria cultural. O que culmina com o fortalecimento de um sistema, cujos objetivos iniciais visavam alcançar a mesma força técnica e mercadológica do aço. É a homogeneização dos gostos a fazer da sociedade um bolo, uma massa, na qual desaparecem as unidades. Os elementos particulares são agora um todo e o todo é uno.

3 ANÁLISE CRÍTICA DOS PROCEDIMENTOS LINGÜÍSTICOS EMPREGADOS NO LIVRO DE AUTO- AJUDA NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI

3.1 A LINGUAGEM: APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS

A base da tarefa de crítica literária que ora realizamos está alicerçada nos conceitos de desautomatização e singularização da linguagem, presentes no trabalho *A arte como procedimento*, do formalista russo V. Chklovski.

Chklovski, no trabalho citado, fala que, "Em arte, a liberação do objeto do automatismo se estabeleceu por diferentes meios". (CHKLOVSKI, 1971, p. 45). E, ao discorrer sobre um desses meios, a desautomatização e a singularização da linguagem, o autor nos conduz a perceber que os procedimentos de elaboração literária que objetivam e logram constituir-se em valores estéticos, libertam a linguagem da automatização e do "nada em especial", fato que ocorre frequentemente, através do uso corriqueiro da linguagem, pelos seus usuários.

Tal evento, repetitivo e mecanizado, torna os indivíduos familiarizados com o terror. Pois, de acordo com Chklovski, "A automatização engole os objetos, os hábitos, os móveis, a mulher e o medo à guerra". (Ibid., p. 44).

Isso ocorre porque o sujeito, na banal repetição das suas ações cotidianas, é levado a um estado tal de condicionamento mecânico, que o impede de desvelar o significado real da sua própria existência. Em consequência, as suas ações se desenvolvem de forma mecânica e automatizada. Então, ver, desenvolver, ou melhor, viver e desenvolver repetidamente quaisquer ações vulgariza a experiência existencial do sujeito, fragilizando as suas concretas possibilidades de viver e refletir sobre fatos novos, que possam levá-lo a romper com a dureza do seu dia-a-dia.

Com base nas premissas teóricas de Chklovski, afirmamos que sujeito e ação são parte de uma mesma engrenagem que, para ser acionada, depende apenas de necessidades impostas ao sujeito, por condições naturais e sociais, que atuam sobre ele como os dispositivos de "liga e desliga" do botão de uma máquina, a qual, não é nada mais que o próprio sujeito.

Uma vez que o sujeito pode ser identificado a partir das ações que realiza, em decorrência das suas relações com a sociedade em que vive.

Em termos artísticos literários, para Chklovski, o contrário do acima exposto, ou seja, o surgimento do inusitado ocorre através dos procedimentos de desautomatização e singularização da linguagem.

Segundo o formalista russo, a percepção do indivíduo dá-se por meio de "[...] dois tipos de imagens: a imagem como meio prático de pensar, meio de agrupar os objetos e a imagem poética, meio de reforçar a impressão". (Ibid., p. 42). Em outras palavras, cabe à imagem prática a tarefa de facilitar as relações cotidianas, através de expressões objetivas, que dêem rapidez às transações sociais.

Quanto ao sentido da imagem poética, a intenção é justamente de que, por meio da sua formulação, ocorra o processo contrário, pois o objetivo é exatamente não reforçar, no sujeito, a sensação de coincidência, de similaridade com algo antes já conhecido por ele, da sensação de logro diante do "já visto". Uma vez que, "[...] a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já passado não importa para a arte". (Ibid., p. 45).

Assim é que a imagem poética não se satisfaz com a reprodução vulgar. Ela prima por realizações inéditas.

A intensidade da imagem poética pode ser despertada por meio de inúmeros recursos, a depender da habilidade do escritor.

A utilização de um signo que remete a uma compreensão convencional, que atende a padrões preestabelecidos, pode ser considerada ultrapassada, na feitura de uma obra artística. Ou seja, pode ser vista como algo que alimenta a reprodução da mesmice, e isso não agrada ao procedimento que tem como fim a imagem poética.

O procedimento linguístico que prima pela especialidade, faz com que a imagem poética se constitua em algo que sela o objeto do qual se fala, que estabelece a coisa como sendo invulgar, inédita, singular.

De fato, a elaboração artística gera novas possibilidades de (re) conhecimento do significante.

Para Chklóvski, "O objetivo da imagem não é tornar mais próxima da nossa compreensão a significação que ela traz, mas criar uma percepção particular do objeto, criar uma visão e não um reconhecimento". (Ibid., p. 50). É como se o referencial semântico anterior, a respeito de um determinado objeto, fosse ignorado ou pouco considerado pelo estilista literário que, com habilidade ímpar, buscará

propiciar, por meio de procedimentos linguísticos, uma apreensão inédita acerca do tema por ele versado.

Tal compreensão, reafirmamos, se dá de maneira diversificada, por meio de associação das expressões linguísticas com ideias sinônimas ou antônimas em relação a essas mesmas expressões.

Para ser singular a imagem há de provocar uma nova percepção, um estranhamento no leitor, diante do texto lido. Deveras, essa imagem distingue o objeto de si mesmo, dá à coisa um caráter especial. Nesse sentido, diz Chklovski: "Pessoalmente, penso que quase sempre que há imagem, há singularização". (Ibid., p. 50).

Como exemplo de procedimento de singularização, destacamos um trecho de *Cem anos de solidão*, obra do escritor Gabriel Garcia Márquez. Nessa passagem, a personagem Remédios, a bela - identificada pelo narrador como sendo possuidora de uma beleza extraordinária, além de ser totalmente destituída de malícia -, um dia, ao tomar banho, é observada, de cima do telhado do banheiro, por um forasteiro que se encontrava em sua casa. O homem, ao ver Remédios, a bela, despida e, ao fim do banho, vestir sua bata sem colocar nada por baixo do vestido - confirmando o que todo mundo pensava a respeito da moça - implorou para que a mesma se casasse com ele. Remédios, a bela, se negou, dizendo que jamais casaria com um homem que deixava de almoçar, perdendo quase uma hora só para ver uma mulher tomar banho. Então arrebatado, o forasteiro arrancou algumas das telhas em que estava apoiado e se preparou para pular no interior do banheiro. Momento que, ao nosso ver, é descrito de forma assaz bela. Vejamos como o artista literário tece o desfecho da cena.

- É muito alto! - ela o preveniu assustada -. Você vai se matar! As telhas apodrecidas se despedaçaram num estrondo de desastre e o homem mal conseguiu lançar um grito de terror e fraturou o crânio e morreu sem agonia no chão de cimento. Os forasteiros que ouviram o barulho na sala de jantar e se apressaram em levar o cadáver perceberam na sua pele o sufocante cheiro de Remédios, a bela. Estava tão entranhado no corpo que os as rachaduras do crânio não emanavam sangue e sim óleo ambarino impregnado daquele perfume secreto, e então compreenderam que o cheiro de Remédios, a bela, continuava torturando os homens além da morte, até a poeira dos ossos. (MÁRQUEZ, 1994, p. 225).

Chamamos atenção para a maneira especial pela qual, Gabriel Garcia Márquez se refere à personagem que constrói. O nome: Remédios, a bela\

ausência de malícia na sua personalidade; a posse de um cheiro tão fabuloso, que chega a ser capaz de transformar em óleo ambarino o sangue do homem que, desatento, morre encantado diante da visão da mesma; a perseguição desinteressada que seu fascínio exerce sobre os homens, torturando-os além da morte, até a poeira dos ossos.

Manifestamos que as imagens contidas na citação nos regozijam, não por possíveis associações que por ventura tentemos fazer das mesmas, com significados pré-existent à elaboração do escritor. Mas, sim, pelo procedimento de ferra que o artista habilmente cria, ao lidar com expressões que nos remetem a imagens incomuns na ditadura do cotidiano.

Para nós, a grande carpintaria dessa cena está estreitamente vinculada ao nome atribuído, por Gabriel, à personagem Remédios, a bela. Há uma genial ironia na escolha do signo - Remédios, a bela - cujo significado coloquial, denotativo, é dar e não tirar a vida de alguém, torturando-o até a poeira dos ossos. Essa é uma demonstração da singularidade que o artista dá ao seu texto, cuja articulação linguística tem a proeza de causar sensações surpreendentes no leitor, uma vez que, o mesmo se depara com o inabitual, com uma associação que se realiza por meio de uma concepção que inverte a lei semântica vulgarizada, em referências que se reportam ao signo remédio. Tal procedimento desencadeia um labirinto de adivinhações do código linguístico do trecho citado.

Para Chklovski:

A singularização não é somente um procedimento de adivinhações eróticas ou de eufemismo, ela é a base e o único sentido de todas as adivinhações. Cada adivinhação é uma descrição, uma definição do objeto por palavras que não lhe são habitualmente atribuídas. (1971, p. 52).

Dessa feita, é de despertar a simpatia do leitor a ruptura que o autor institui entre significante e significado, pela forma como percebemos que ele faz uso do signo remédio.

Intrigamo-nos, ainda, com o relato de que a pele do forasteiro exalava o cheiro de Remédios, a bela, sem que o mesmo tenha tido relação de intimidade com a moça. É de surpreender, também, que, pela ausência do mesmo motivo, o sangue do homem inebriado tenha, fantasticamente, se transformado em um óleo ambarino impregnado daquele perfume secreto. A explicação extraordinária reforça a

singularidade da ação poética. Ela estimula a desautomatização da linguagem, na medida em que o acontecimento fora do comum se realiza por meio de um exacerbado sentimento que a moça provocava no ser embevecido com a sua beleza.

O leque de associações que o artista constrói com destreza contribui para descortinar a compreensão sobre o processo de singularização, o qual constitui um jogo de adivinhações, cujo prazer lúdico cabe ao leitor desvendar.

Por fim, acertamos que a desautomatização acontece no plano da linguagem, do estilo, das sentenças etc, e a singularização ocorre no plano do enredo, das situações vividas, no perfil dos personagens etc. Todavia, embora possa parecer que são meios distintos de elaboração do objeto estético literário, na verdade, por nossas reflexões a respeito do trabalho de Chklovski, acertamos que quando há desautomatização da linguagem ocorre a singularização, e quando há singularização ocorre a desautomatização da linguagem.

3.2 RESUMO DO ENREDO DE NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI

A história de Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei é ambientada, parte na Espanha e parte na França. É narrada em primeira pessoa, pela personagem Pilar que, juntamente com um seminarista - que é referenciado na obra sempre por meio de pronomes pessoais e nunca pelo seu nome - constitui o casal de heróis desta narrativa romântica do escritor Paulo Coelho.

Pilar e o seminarista eram amigos de infância, nascidos na cidade de Souria, na Espanha. Os dois se separaram logo que ele ficou rapaz, mudou de cidade e viajou pelo mundo, procurando, segundo o mesmo, "deus pelos quatro cantos da Terra". (1995, p. 111). Fizera esse percurso porque o mistério da vida o fascinava.

O seminarista, além do amor que sentia por Pilar, apaixonara-se por várias outras mulheres e trabalhara para muitos homens. Em suas viagens, diz ter procurado a resposta para o mistério da vida, em lugares como a Índia e o Egito. Ele conheceu "mestres de magia e de meditação". Conviveu com alquimistas e

sacerdotes para descobrir, por fim, "Que a verdade sempre está onde existe a fé". (ibid., p. 112). Nessas viagens, ele percebeu que:

Os budistas estavam com a razão, os hindus estavam com a razão, os muçulmanos estavam com a razão, os judeus estavam com a razão> Sempre que o homem seguisse - com sinceridade - o caminho da fé, ele seria capaz de unir-se a Deus, e operar milagres. "Mas não adiantava apenas saber isto: era preciso fazer uma escolha. Escolhi a Igreja católica porque fui criado nela e minha infância estava impregnada de seus mistérios. Se tivesse nascido judeu, teria escolhido o judaísmo. Deus é o mesmo, embora tenha mil nomes; mas você precisa escolher um nome para chamá-lo". (Ibid., p. 112).

Pensando assim, ingressou em um seminário até que, um dia, atendeu ao pedido de seu superior religioso para que o acompanhasse na ida à casa de uma mulher que havia falecido e deixado os seus bens para o seminário. Esse episódio o fez começar a ter dúvidas sobre a sua vocação sacerdotal, pois ele passou a se imaginar vivendo com Pilar, em uma casa semelhante àquela da mulher falecida. Como o mesmo revela a Pilar:

A partir daquele dia, não consegui mais deixar de pensar na casa. Cada vez que entrava na capela para orar, lembrava que minha renúncia não havia sido completa. Eu me imaginava ali com você, morando numa casa igual àquela, ouvindo aqueles discos, olhando a neve na montanha e o fogo na lareira. Imaginava nossos filhos correndo pela casa e brincando nos campos em volta de Saint-Savin. (Ibid p 125).

A seguir o seminarista passa a viver em estado de angústia, em função das sensações desencadeadas nele, a partir da visita que fizera à mulher morta. Então, ele revela o que está sentindo ao seu superior e, por orientação do mesmo, escreve para Pilar convidando-a para assistir a uma palestra que ele iria proferir em Madri, para um pequeno grupo de pessoas. O objetivo, segundo ele, era de que, estando próximo da moça, o rapaz deveria aproveitar a oportunidade para decidir entre permanecer no seminário ou abandoná-lo, para unir-se a Pilar.

Ao receber o convite do seminarista, Pilar vai ao seu encontro e fica sabendo que ele faz milagres, pois desenvolveu os dons do Espírito Santo. O seminarista diz que a ama, desde a infância vivida por eles, em souria. A moça fica um pouco confusa, com medo de se apaixonar. O rapaz ensina Pilar a fazer um exercício, o exercício do outro que, de acordo com ele, vai libertá-la do medo que paralisa as pessoas, impedindo-as de serem felizes. O mesmo relata para ela histórias de

milagres, de mulheres poderosas, detentoras de dons divinais. E, certa vez, conduz Pilar a um poço, local em que o seminarista pede à Virgem que o "ajude a tomara melhor decisão", quanto ao seu futuro: uma vida com Pilar ou sem ela, entregue ao sacerdócio.

A seguir, eles participam de rituais para desenvolverem os dons do Espírito Santo, visitam capelas, lugares com ruínas, castelos etc. Então, a moça descobre, praticando o exercício da outra, que está irremediavelmente apaixonada pelo seminarista. No entanto, se ele fizer a opção de ficar com ela, perderá o poder de realizar milagres.

Pilar resolve dizer ao moço que está apaixonada por ele e que deseja que o mesmo continue a obrar milagres, ações sobrenaturais que fazem com que ela tenha uma especial admiração pelo seminarista. Contudo, antes que a mesma diga que quer que ele continue a praticar feitos divinos, o seminarista desenvolve um ritual que lhe leva a perder a capacidade de operar milagres.

Feito o ritual, o rapaz encontra-se com Pilar e eles se dirigem a uma cachoeira. Lá chegando, ele revela que abriu mão de ter poderes, momento em que ocorre o clímax da história.

- É isto que quero lhe explicar - disse ele, novamente sorrindo. - que não podia fazer-lhe sofrer com a minha missão [...]. Ontem eu menti. Foi a primeira e a última mentira que lhe contei [...]. Na verdade, em vez de ir ao seminário, eu fui à montanha e conversei com a Grande Mãe. "Disse que, se Ela quisesse, eu me afastaria de você (...), se Ela me pedisse, eu renunciaria à coisa que eu mais amo no mundo: você [...]". Entretanto - continuou -, se fosse possível afastar esse cálice de minha vida, eu prometia servir o mundo através do meu amor por você [...]". - Então, ontem, eu pedi à Virgem um milagre. Pedi que retirasse meu dom [...]. E, no momento em que pedi à Virgem para retirar meu dom, comecei a falar línguas [...] as línguas me diziam o seguinte: "Coloque as mãos na terra. Seu dom sairá de você, e voltará para o seio da Mãe". [...] eu fiz o que a inspiração do Espírito Santo mandava. (Ibid., p. 217-218).

Pilar, em seguida, sai correndo do lugar em que se encontravam. Ratificamos: uma cachoeira, localizada dentro de uma imensa caverna, "do tamanho de uma catedral", com a noite se instalando. Ela se perde do seminarista, é salva por um vigia, desmaia e, ao acordar, está ao lado de uma mulher, que passa a cuidar da mesma e a lhe dar conselhos, sobre amor, felicidade etc. A mulher alerta Pilar de que "O amor permanece. Os homens é que mudam". (Ibid., p. 230).

Pilar recebe canetas e papéis para que registre a história que viveu e continua na casa da mulher, por cerca de três dias. Até que:

Certa manhã, quando já estava quase no final do manuscrito, escutei o barulho de um carro. Meu coração deu um salto, mas eu não queria acreditar no que ele me dizia. Já me sentia livre de tudo, pronta para voltar ao mundo, e fazer de novo parte dele... O mais difícil havia passado - embora a saudade permanecesse. Mas meu coração estava certo. Mesmo sem levantar os olhos do manuscrito, senti sua presença e o som de seus passos. (Ibid., p. 233).

Por fim, o seminarista se aproxima de Pilar e conta a ela o que fez para encontrá-la. A moça mostra ao rapaz o que escrevera durante aquele tempo, sem fazer alusão ao que lhe acontecera.

A seguir, ocorre o desfecho da narrativa, com o seminarista pedindo a Pilar que fosse pegar as suas coisas, para que fossem embora juntos, porque, segundo ele, "Sonhos dão trabalho", (ibid., p. 236).

3.3 A LINGUAGEM PREVISÍVEL DE NA MARGEM DO RIO PIEDRA EU SENTEI E CHOREI

Reconhecido autor de livros de literatura de massa, Paulo Coelho é escritor lido em mais de 61 idiomas e editado em mais de 150 países.

Entre outros títulos que possui, Paulo Coelho é Conselheiro Especial da UNESCO para diálogos Interculturais e Convergências Espirituais, além de ser detentor de inúmeros prêmios e condecorações mundiais.

No Brasil, o escritor é membro da Academia Brasileira de Letras, amado por milhares de pessoas e não execrado por toda a crítica literária acadêmica ao contrário da visão totalitária que se costuma ter em relação a interesses de leitores cultos, por obras que compõem o gênero literário de massa.

Os estudos que efetuamos acerca do livro Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei visavam a desvelar o que há em articulações lingüísticas, desenvolvidas pelo escritor Paulo Coelho, que tornam os seus livros tão fascinantes para o público leitor que os lê. Ressaltamos que o exemplar do livro que analisamos faz parte da septuagésima edição desse insofismável livro de autoajuda - no Brasil -

datada de 1995, Sendo que a primeira edição ocorreu apenas um ano antes, em 1994.

Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei é uma narrativa romântica, classificada por nós como fazendo parte da vertente esotérica da literatura de autoajuda. Ou seja, ela é uma obra que visa a orientar os leitores a desenvolverem potencialidades mentais, como forma de os levar a buscarem conseguir benefícios que acreditam ser possível alcançar, através do poder da mente.

A categoria estrutural esotérica é perceptível na obra, por meio das manifestações linguísticas e do comportamento dos personagens. Nas relações entre si, eles realizam rituais com o intuito de assimilarem poderes sobre-humanos, a aquisição de dons do Espírito Santo, por exemplo. É o que mostramos no trecho que se segue, no qual, Pilar tenta desenvolver os referidos dons, em uma reunião, da qual participou com outras pessoas místicas.

Não consegui entender direito o que aconteceu a seguir. Cada uma daquelas pessoas começou a falar uma língua que não fazia parte de qualquer idioma conhecido. Era mais um barulho do que uma língua, com palavras que pareciam vir direto da alma, sem sentido lógico. Lembrei rapidamente nossa conversa na igreja, quando ele me falou da revelação - de que toda a sabedoria consistia em escutar a própria alma. "Talvez esta seja a linguagem dos anjos", pensei, tentando imitar o que faziam - e me sentindo ridícula. (Ibid., p. 136).

A história é elaborada tendo como motivação principal a publicização de concepções místicas. Assim sendo, o romance existente entre os heróis da trama ocorre apenas como tema secundário, para que os relatos acerca de fatos sobrenaturais sejam propagados pela indústria que forja produtos editoriais de massa, da natureza do que estudamos.

Paulo Coelho reproduz em Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei uma história vulgar. Nela, Pilar, uma moça do interior, se apaixona - não sem antes resistir ao sentimento amoroso - por um homem, um seminarista. Sem que haja maiores conflitos, a heroína transforma o que sente em algo que, apenas para ela, obstaculiza o "unidos para sempre" que o leitor já sabe e aguarda, desde o começo da fábula.

O enredo é uma produção literária encharcada de visões fatalistas e concepções maniqueístas a respeito dos fatos que estampa. O texto é processado

por meio de oposições binárias, do tipo: Deus e o diabo, em função do seu objetivo de veicular mensagens de caráter mítico e místico.

A noção de bem e de mal são incorporadas por todos os personagens da narrativa, com especial destaque para o seminarista, personagem que reforça a crença na capacidade - que o mesmo ensina a desenvolver - de que o indivíduo pode obrar milagres. Ele próprio faz milagres, profetiza, fala em línguas, é admirado e modelo seguido por todos os outros personagens.

Por meio de expressões com vistas a orientar, dar uma chave mágica que abrirá as portas do Éden para o leitor, Paulo Coelho produz uma obra que

propicia, ela mesma, uma recepção imediata ao seu produto literário. Conforme podemos constatar, na seguinte passagem, na qual o seminarista conferencia que:

É preciso correr riscos, dizia ele. Só entendemos direito o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça. Todos os dias Deus nos dá - juntamente com o sol - um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos este momento, que ele não existe, que hoje é igual a ontem e será igual a amanhã. (Ibid., p. 25).

Quando conceituamos a literatura de autoajuda, no primeiro capítulo, chamamos atenção para o fato de que formulações linguísticas ludibrianes são instrumentos de persuasão bastante utilizados por produtores e assimilados acriticamente por leitores desse gênero literário. Paulo Coelho não foge à regra, na maneira como produz seus textos.

Encantatória, as obras literárias de autoajuda escamoteiam de aparência corriqueira as complexidades do sistema social que se alimenta da ignorância da massa.

Ao esconder as regras da concorrência entre indivíduos, bem como, ao dissimular as reais possibilidades, pelas quais há poucos vencedores. Assim, não é de estranhar a existência, na obra em foco, de um personagem pouco afeito ao jogo limpo. Aliás, essa é uma característica que predomina no perfil de todos os personagens de Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei. É nesse sentido que assistimos a inconsequências como as contidas, no trecho acima citado. Uma vez que não podemos desconsiderar as dificuldades de sobrevivência em que vive a maioria dos indivíduos, em sociedades divididas em classes sociais.

Portanto, como é sabido historicamente, não basta aceitar o fogo da revelação do Espírito Santo - como tenta assegurar o seminarista - para que a condição de desfavorecimento econômico, em que vivem milhares de pessoas, seja transformada em benefício dessas mesmas pessoas, apesar da existência milenar e da propagação das religiões e dos que nelas crêem. Não fosse assim, qual a explicação divina para a existência de miseráveis cristãos em todo o mundo? No entanto, o herói persiste na atitude irônica para com o leitor que busca, na história lida, uma espécie de lenitivo para os problemas que consomem a sua tranquilidade existencial.

Eis uma outra fala do seminarista, com vistas a garantir a superação de dilemas por meio da fé:

Nós somos nossa grande surpresa - disse ele. - a fé do tamanho de um grão de mostarda nos faria mover estas montanhas aí. Foi isto que aprendi e hoje me surpreendo quando escuto com respeito minhas próprias palavras. "Os apóstolos eram pescadores, analfabetos, ignorantes. Mas aceitaram a chama que desceu do céu. Não tiveram vergonha da própria ignorância: tiveram fé no espírito Santo. Este dom é de quem quiser aceitá-lo. Basta apenas acreditar" aceitar, e não ter medo de cometer erros". (Ibid., p. 114- 115).

A premissa básica contida nos textos de autoajuda, de servirem como pronto-socorros para necessitados, faz com que a ironia que envolve essa citação, expresse uma espécie de deboche para com o leitor interessado em vencer obstáculos.

Diferentemente do resultado estético obtido por meio do procedimento irônico do trecho que citamos de Cem anos de solidão - causador da sensação de surpresa, estranhamento, encantamento - que lembramos, não tem a pretensão dos livros de autoajuda, o sentido da articulação linguística que nos é dada em Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei, manipula a esperança das pessoas, tentando despertar a fé religiosa que os leitores possuem.

Há uma reprodução de conteúdos místicos fartamente disseminados no mundo cristão ocidental e, comumente, encontráveis no cotidiano das pessoas, o que facilita o agrado previsível desse texto doutrinário, apoiado por princípios existenciais de sujeitos que sofrem, diante de um mundo repleto de desigualdades sociais.

Em *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* a ironia não é aplicada como um recurso, com vistas a desautomatizar a linguagem; de fato, ela escarnece do leitor. Contudo, reconhecemos a habilidade do escritor - não por dar sentido inédito à elaboração do seu texto - mas por sua maestria no uso da figura irônica que, como sabemos, é exitosa, na medida em que não se dá a reconhecer prontamente pelo leitor.

A fraude, reafirmamos, está na promissória assinada pelo autor da obra em foco, ao asseverar a infalibilidade das fórmulas contidas no texto que produz e que não resistem frente à concretude do meio social.

Com base em Chklóvski, chamamos de dessingularização da linguagem a maneira como Paulo Coelho desenvolve o enredo de *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei*. Nessa direção, dessingularizante, ele segue expondo sua limitação artística, através de ideias já conhecidas por leitores, que tenham lido outras obras do escritor, como é o caso das reverberações disseminadas pelos personagens do livro, utilizadas para satisfazer a crédulos adeptos de qualquer que seja o seu credo religioso.

A seguir, ilustraremos com exemplos encontrados em diversas falas de alguns desses atores literários. Para melhor compreensão, identificaremos o autor de cada fala, pela ordem em que cada um aparecerá na citação.

- a) **Pilar desenvolvendo um dos dons do Espírito Santo:** [...] eu pedi ao Espírito santo que me fizesse vencer a barreira do medo. "tente", disse para mim mesma. "Basta abrir a boca e ter coragem de dizer coisas que você não entende, "tente". [...] eu sentia a Virgem ao meu lado me segurando no colo, me cobrindo e me esquentando com o seu manto. As palavras estranhas saíam cada vez mais rápido da minha boca". (Ibid., p. 138-139);
- b) **Padre a quem Pilar pede conselhos amorosos:** [...] Deus vem à Terra para nos mostrar nosso poder: Fazemos parte do seu sonho, e Ele quer um sonho feliz. Entretanto, se admitirmos para nós mesmos que Deus nos criou para a felicidade teremos que assumir que tudo aquilo que nos leva para a tristeza e para a derrota é nossa culpa. (Ibid., p. 161);
- c) **O seminarista - falando a respeito da validade de vários credos religiosos:** Os budistas estavam com a razão, os hindus estavam com a razão, os índios estavam com a razão. [...] Mas não adiantava apenas isto: era preciso fazer uma escolha. Escolhi a Igreja Católica [...]. O universo sempre conspira a favor dos sonhadores [...]. Siga seus sonhos, transforme sua vida num caminho que leve a Deus. Realize seus milagres. Cure. Faça profecias. Escute seu anjo da guarda. Transforme-se. Seja um guerreiro, e seja feliz em seu Combate. (Ibid., p. 79-179);
- d) **Brida, heroína que dá nome a um outro livro de Paulo Coelho:** - Ó espelho da Deusa Terra... Nos ensina nosso poder, faz com que os homens nos compreendam. Nós conhecemos a face feminina de Deus [...]. Nós, as mulheres, que entendemos e amamos a Grande Mãe,

pagamos nossa sabedoria com as perseguições e as fogueiras [...]. Sou o que você acha que eu sou. Faço parte da religião da Terra (1990 p. 31-34).

Chamamos a atenção para algo comum às quatro falas citadas: a ênfase dada para a conquista de um poder que, segundo os personagens, para alcançá-lo, só depende da habilidade de cada indivíduo. Isso confirma a nossa constatação de que os textos de autoajuda, principalmente os que compõem a categoria esotérica, são processados através de uma linguagem psicologizante, como forma de incutir no leitor os ensinamentos dos livros e responsabilizá-lo pela falta de capacidade e de oportunidades para superar os seus dilemas. Isso nos conduz a uma outra característica das obras de autoajuda: formulações superficiais a respeito da realidade.

Averiguando e constatando a falta de primor formal para com a linguagem de Na margem do Rio Piedra eu sentei chorei, arriscamos afirmar que os chavões, as frases feitas, as manifestações místicas dos personagens, na verdade, servem como falhos recursos digressivos que Paulo Coelho manuseia, para dar corpo à sua história.

Assim, vemos que a reprodução de expressões e pensamentos tirados de demais textos seus e dos de outros autores muitas vezes aparece como frases soltas, sem coerência, com o que está sendo refletido no enredo.

Após um incidente ocorrido durante uma noite - em um bar pelo fato de que um homem bêbado disse que o lugar em que eles estavam seria fechado, porque as pessoas estavam discutindo coisas sérias - falavam acerca do amor-, todos os presentes riram, menos o seminarista. O rapaz, então, chamou Pilar para irem embora. Em seguida, lemos no texto uma fala da narradora, Pilar, por meio da qual, ela divaga: "Chove em Bilbao, e chove no mundo. Quem ama precisa saber se perder e se encontrar. Ele está conseguindo equilibrar bem estas duas partes. Está alegre e canta, enquanto voltamos para o hotel". (COELHO, 1994, p. 53). Para nós essa é uma verbalização desconexa.

O fato de Pilar iniciar o registro do seu pensamento, dando destaque para o fenômeno da natureza, provoca uma expectativa quanto ao seu estado espiritual naquele momento. Não porque ela diz que "chove em Bilbao", mas porque ela dá ênfase à oração coordenada aditiva, quando observa que chove também no mundo.

Nesse contexto o signo chuva tem um valor simbólico conotativo. Uma vez que é improvável que chova ao mesmo tempo em todo o mundo.

Ao pôr em tela a cena da forma como faz, a personagem parece querer dizer que o mundo todo compartilha do sofrimento que ela insinua estar vivendo. No entanto, indagamos: que sentimento é esse? Sabemos que o seminarista está alegre. Mas, por que dizer que ele está sabendo se perder e se encontrar? Perder-se significa ficar desorientado, atrapalhar-se, o que deve remeter a uma provável sensação de desamparo, por parte do ser perdido. Todavia, não há passagens anteriores ou posteriores que possam dar fundamento ao pensamento de Pilar.

Diante da desarmonia estrutural do texto, ponderamos que o romance vivido por Pilar e pelo seminarista nada mais é que um motivo marginal, a servir de apoio para o tema central da narrativa - a reprodução de dogmas de caráter religioso. Dessa feita, inúmeras orações e expressões, após o resultado lingüístico - desconexo - aparentam ser colocadas de "qualquer jeito" na obra.

Por outro lado, não descartamos que, por se tratar de um produto que prima por veicular ideias místicas, o que funda a sua congruência é exatamente a ilogicidade do mesmo. Pois, o que justifica o nexo de grande parte das obras literárias de autoajuda - que difundem valores sobrenaturais - é a possibilidade de contar com a fé incondicional dos leitores, frente ao que é versado e ornado com base em práticas esotéricas.

Em *O diário de um Mago*, no qual Paulo Coelho faz um relato assumidamente autobiográfico, há uma passagem em que ele ouve do seu guia espiritual que é preciso saber combater o Bom Combate. O que não corresponde, deveras, ao que está escrito. Na verdade, o comando não é dado para que seja travada uma luta contra o referido Bom Combate, mas para que o indivíduo - leia- se leitor - pratique o Bom Combate. Isso só é perceptível quando o guia diz que: "[...] quem deseja combater o Bom Combate, tem que olhar o mundo como se fosse um tesouro imenso, que está ali esperando para ser descoberto e conquistado". (COELHO, 1990, p. 92). Decerto, ele queria afirmar: "Quem desejar realizar o Bom Combate...".

Para explicar o que viria a ser o evento, o escritor cria uma expressão que impactua por denotar força, luta, poder. Isso tem grandes chances de causar acolhimento no leitor - livre de interpolações - pelo fato de que se constitui em mais um bordão, a assegurar que a descoberta e conquista de tesouros depende unicamente de uma decisão pessoal do indivíduo.

Estudos sobre o livro *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* nos levam constantemente a associar trechos dessa obra com outros contidos em *O diário de um Mago*.

Ainda que *O diário de um Mago* seja apresentado por Paulo Coelho como sendo um texto autobiográfico, e *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei*, como uma obra ficcional, o que vemos é uma repetição das ações desenvolvidas pelos personagens das duas narrativas. Em vários momentos são fortes as evidências de que, ao lermos a história fictícia, estamos, na verdade, lendo a prosa autobiográfica, haja vista a grande quantidade de elementos semelhantes, presentes nos dois livros.

Em *O diário de um Mago*, o protagonista fala de lendas e - em particular - do que seria a sua Lenda Pessoal.

A Lenda Pessoal, segundo o herói, pode ter vários significados e, nessa obra, consiste na conquista da proeza de o mesmo tornar-se um mago, um homem de poderes supra-humanos.

Para tanto, o personagem faz peregrinações pelo caminho de Santiago de Compostela, á procura de uma espada que há de lhe conceder os referidos poderes.

Em *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* o seminarista, também, relata que viajou por diversos lugares. Atravessou fronteiras com o fito de compreender, segundo ele, o mistério da vida. Nessas viagens, o mesmo aprendeu que: "Sempre que o homem seguisse - com sinceridade - o caminho da fé, ele seria capaz de unir-se a Deus, e operar milagres". (COELHO, 1994, p. 112). A partir daí, ele invocou os dons do Espírito Santo e conquistou os poderes sobre-humanos de realizar milagres.

Uma das formas de digressões processadas no interior da fábula de *Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei* ocorre por meio de narrativas de várias historinhas místicas, tendentes ao fantástico. As histórias são bastante conhecidas da sociedade mundial cristã e também, recorrentemente, citadas em outras narrativas de Paulo Coelho. É o caso da que fala de Bernadete, a virgem de Fátima, que teria conversado com a mãe de Jesus. Há o mito de Cibele, "uma das manifestações da Grande Mãe". (Ibid., p. 33). Ainda são relatados feitos da Santa Teresa d'Ávila. Aliás, a obra em foco é introduzida por meio de um conto que narra a realização de um milagre, vivido por pessoas que, em consequência da fé que possuíam, conseguiram caminhar sobre águas. É o próprio Paulo Coelho quem assina a introdução, dizendo:

Esta história exemplifica bem o que procuro contar em Na margem do Rio Piedra eu sentei chorei. Raramente nos damos conta de que estamos cercados pelo Extraordinário. Os milagres acontecem à nossa volta, os sinais de Deus nos mostram o caminho, os anjos pedem para serem ouvidos, mas, como aprendemos que existem fórmulas e regras para chegar até Deus, não damos atenção a nada disto. Não entendemos que Ele está onde O deixam entrar. (Ibid., p. 10).

O conjunto de narrativas de carácter inverossímil é exposto de modo a criar no leitor a certeza de que ele também pode viver situações, da mesma forma que os heróis figurados.

Não deixamos de levar em consideração que estamos falando de uma obra ficcional. Daí, talvez algumas pessoas se ponham a imaginar que, assim sendo, ela não tem nenhuma obrigação de servir de instrumento transformador da realidade vigente. Dessa feita, a narrativa não merece que a crítica a cerque de exigências, que não seriam cabíveis em um texto literário em prosa. Entretanto, lembramos que não estamos fazendo a crítica de um texto ficcional qualquer. O objeto dos nossos estudos se propõe a autoajudar leitores a superar dificuldades. Por isso, questionamos o automatismo de uma linguagem - gestada por meio de expressões estereotipadas - que visa ser autoajudatória, mas que esconde do leitor os perigos a que ele está exposto, ainda que ele consuma o conteúdo expresso nos livros.

Ocultando as causas dos desequilíbrios sociais, esses procedimentos linguísticos reforçam condições de alienação nas massas. Tal situação contribui para perpetuar a supremacia de uma pequena parcela de indivíduos, conduzindo e administrando a sociedade e os desejos dos que dão sustentação a ela. É a automatização apascentando o temor e a ação dos desfavorecidos, em relação à guerra de classe a que eles estão submetidos.

Há outros embustes na obra que analisamos. Um deles diz respeito ao fato de o seu criador conseguir automatizar e dessingularizar, o que outras pessoas desautomatizaram e singularizaram com tamanha destreza.

Ao lermos a obra de Paulo Coelho, temos a sensação do devir do objeto, do "já passado conteúdo" sobre a coisa falada, como tão bem Chklóvski identificou a linguagem vulgar. Em nada surpreende. Na prosa há a reprodução pífia de temas, passagens da Bíblia, como os dons do Espírito Santo.

Vejamos um exemplo significativo. Pilar participa juntamente com o seminarista e cerca de quase cem pessoas - religiosas carismáticas - de uma

reunião, em que os participantes almejam ser guiadas pelo que eles chamam de Mulher Vestida de Sol - alegoria usada para designar o fogo do Espírito Santo. As pessoas desenvolvem um ritual com o intuito de serem agraciadas com dons divinais.

No evento, todos cantavam e, segundo Pilar, estavam concentrados no que faziam. Ela, no entanto, era aquela pessoa que não queria aderir àquela expectativa de recebimento dos referidos dons. Por isso, a mesma relutava em aceitar os benefícios divinos, porém, ao aceitados, Pilar acabou por acrescentar valores especiais aos dogmas religiosos. Ou melhor, a atitude da personagem compactua para que a fé nos dogmas pareça excepcional aos olhos do leitor. Ela fala que, ao se sentir sozinha e vendo que "(...) os anjos tinham com quem conversar (...)", resolveu "tentar falar aquela língua estranha". (Ibid., p. 138). O milagre acontece, como suspeitávamos, para dar destaque à ação da heroína.

Deus parecia ter me escutado. As palavras começaram a sair mais livres - e foram aos poucos perdendo o significado da língua dos homens. A vergonha diminuiu, a confiança aumentou, a língua começou a fluir livremente. Mesmo que não entendesse nada do que estava dizendo, aquilo fazia sentido para minha alma. (Ibid., p. 139).

Seria, pois, por ignorância que a personagem de Paulo Coelho busca um dom que, segundo a Bíblia -, é considerado um dom menor em relação aos demais dons divinais? Pois, de acordo com o texto bíblico que trata desse tema - presente em Coríntios - há uma exposição sobre os referidos dons no capítulo 14: "Segui o amor, e procurai com zelo, os dons espirituais, mais precisamente que profetizeis. 2. Pois quem fala em outra língua, não fala aos homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios". (Vers. 1-2, p. 208).

A elaboração do texto bíblico leva em consideração não só o indivíduo que desenvolve os dons, mas as pessoas com quem o mesmo se relaciona.

Por que não enfatizar o dom do amor, que é levado em maior conta dentre os demais dons, de acordo com o próprio texto religioso? Uma vez que o desenvolvimento desse dom capacitaria as pessoas a melhor se relacionarem umas com as outras.

Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei faz referências, ainda, a outro texto bíblico, o Salmo 137. Destacamos que o título da obra de Paulo Coelho é

inspirado em um versículo desse Salmo. Aliás, Pilar começa a narrar sua história amorosa - em flashback - escrevendo com letras garrafais:

NA MARGEM DO RIO PIEDRA eu sentei e chorei. Conta a lenda que tudo que cai nas águas deste rio - as folhas, os insetos, as penas das aves - se transforma nas pedras do seu leito. Ah, quem dera eu pudesse arrancar o coração do meu peito e atira-lo na correnteza, e então não haveria mais dor, nem saudade, nem lembranças. (COELHO, 1994, p. 13-15).

Ao final do enredo ficamos sabendo que foi às margens do Rio Piedra que Pilar registrou grande parte da história que viveu. Ela estava nesse local quando o seminarista reapareceu para concretizar o previsível desfecho da narrativa.

De acordo com Pilar, era sua intenção, ao acabar de escrever, atirar os papéis nas águas do rio para que eles - com o sofrimento por ela sentido - fossem transformados em pedra, como diz a lenda. Antes que realizasse seu objetivo, ela escutou o barulho de um carro e, embora não quisesse acreditar no que ouvia, sentiu que o seu "coração estava certo", o seminarista voltara, no momento em que, segundo ela, "O mais difícil havia passado - embora a saudade permanecesse." (Ibid., p. 233).

Pilar evidencia com sua fala que estava recuperada da dor da separação do seminarista. Ela tinha saudades, porém, sua dor não a impedia de se sentir "[...] livre de tudo, pronta para voltar ao mundo, e fazer de novo parte dele". (Ibid., p. 233).

A seguir, a moça dá os papéis para que o rapaz leia o que ela escreveu neles. Ele lê e depois pede um inexplicável perdão a Pilar, o que a faz afirmar - alegremente - alegremente que, na margem do Rio Piedra ela sentou e sorriu. Então, o seminarista indaga se a mesma conhece o Salmo 137.

O episódio e outros tantos nos levam a perceber a atitude recorrente de Paulo Coelho de fazer alusões a textos que, embora veiculem ideias místicas, têm reconhecido valor estético. E o que nos parece, à primeira vista, que poderá servir como mote que ele construa estruturas lingüísticas de caráter especial, de fato, desfaz-se em uma abordagem automatizante, que acaba por empobrecer sentidos que antes se faziam singulares, pela forma como foram versados por outros escritores.

É como se Paulo Coelho buscasse acrescentar qualidades singulares aos seus textos usando como recurso literário referências vagas, na medida em que, vagas também são as formulações discursivas que ele concede aos temas que

desenvolve. Podemos, assim, constatar na sua obra a efetivação de mais um dos caracteres contundentes dos textos de autoajuda, aos quais nos reportamos no primeiro capítulo deste trabalho: versificações que ocorrem com base em outras de reconhecido valor estético. Senão, vejamos o que está escrito no Salmo 137, *Saudades da pátria*:

As margens dos rios da Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos. Lembramos de Sião. 2 Nos salgueiros que lá havia pendurávamos as nossas harpas. 3 pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião. 4 Como, porém haveríamos de entoar o canto do SENHOR em terra estranha? 5 se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. 6 apegue-se a minha língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria. 7 Contra os filhos de Edom, lembra-te, SENHOR, do oia de Jerusalém, pois diziam: Arrasai-a, até aos seus alicerces. 8 Filha de Babilônia, que hás de ser destruída; feliz aguele que te der o pago do mal que nos fizeste! 9 Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra. (Vers. 1-9, p. 643).

Percebemos que as semelhanças evocadas pelo seminarista, entre o que ele expressa e o que está contido no Salmo 137, não podem servir de base comparativa entre a saudade que ele e Pilar sentiram e os ais expressos pelo salmista.

No Salmo, torna-se evidente que a dor da saudade manifesta é ampliada em função da exigência feita pelo causador da dor ao cantador, para que este proporcione um prazer musical justamente a quem o faz infeliz. Como se não bastasse, o agressor ainda quer que o seu pedido seja atendido e acompanhado de um sentimento de alegria. Ao nosso ver, é justamente a digna reação do sofredor que confere valor estético singular ao Salmo 137. A intensidade da saudade sentida, aliada à consciência que o salmista expressa ter, corresponde ao reforço da impressão causada, recurso bastante importante na criação de uma imagem poética.

Lembramos Chklovski atestando que: "Se toda a vida complexa de muita gente se desenrola inconscientemente, então é como se a vida não tivesse acontecido". (1971, p. 45). A inconsistência presente na fala do seminarista e no comportamento de Pilar - que já se encontrava "pronta para voltar ao mundo" --, resulta em inconsciência da mesma a respeito do que ela narra e como narra.

Em Na margem do Rio Piedra eu sentei chorei há, também, uma tosca utilização de um dos versos do soneto Amar, da poetisa Florbela Espanca. Versa o soneto:

Eu quero amar, amar perdidamente!
 Amar só por amar: Aqui... além...
 Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
 Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
 Prender ou desprender? É mal? É bem?
 Quem disser que se pode amar alguém
 Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
 É preciso cantá-la assim florida,
 Pois se Deus nos deu voz foi para cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
 Que seja a minha vida uma alvorada,
 Que me saiba perder... pra me encontrar...
 (ESPANCA, 1999, p. 232).

O eu lírico expresso nesse poema nos leva a reconhecer o simbolismo, de sentido ímpar, que a poesia veicula. Uma vez que a sua autora é uma mulher, natural de Portugal, que viveu entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, dentro de um contexto histórico que serviu de palco para a tradicional, conservadora e patriarcal sociedade portuguesa cristã da época. E, de acordo com valores, principalmente do Cristianismo, nessa fase da história, não era comum que mulheres falassem acerca dos seus desejos de "amar perdidamente", sem se importarem em "se perder para se encontrar". Nesse sentido, assertamos que há singularização do tempo da produção e da autoria do soneto.

O último verso do poema de Florbela encontra-se dessa forma, em Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei: "Chove em Bilbao, e chove no mundo. Quem ama precisa saber se perder e se encontràr". (1994, p. 53). Ressaltamos o descuido com que as frases são colocadas no livro - de forma desconexa -, por isso consideramos desnecessária ou sem justificativa a presença dessa formulação literária dessinglar, no texto de Paulo Coelho.

A ausência de desvelo para com os procedimentos linguísticos, que dão forma à obra, redundam na falta de elementos estéticos, o que, decerto, é de grande valia para que o livro de autoajuda Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei se constitua em texto literário, que atende sobremaneira aos ditames mercadológicos da indústria da cultura, cujos produtos, como bem atestam Adorno e Horkheimer, são um logro. Pois segundo eles:

A fuga do cotidiano' que a indústria cultural promete em / os seus ramos, se passa do mesmo modo que o rapto da moça numa folha humorística norte-americana: é o próprio pai que está segurando a escada no escuro. A indústria cultural volta a oferecer como paraíso o mesmo cotidiano. Tanto o escape quanto o elopement estão de antemão destinados a reconduzir ao ponto de partida. A diversão favorece a resignação, que nela quer se esquecer. (1997, p. 133).

Assim é Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei: um ardil pré-destinado a manter presos a seus problemas, os leitores que buscam ajuda para resolvê-los, através do consumo desse livro.

Por meio das considerações místicas previsíveis e reforçadas por óbvias reproduções de padrões comportamentais religiosos, que fazem parte do cotidiano da sociedade contemporânea, a obra de Paulo Coelho, ao prometer socorro a leitores necessitados, na verdade, atua sobre eles como uma espécie de bumerangue que, após desenvolver algumas curvas, retorna ao ponto de partida: as mãos do arremessador. O ponto onde parte o leitor é a cruel realidade em que ele vive.

Finalmente, ponderamos que o gosto ingênuo por livros desse tipo combina com o ingênuo desejo da heroína Pilar de buscar recuperar a fé infantil que, segundo ela, a acompanhara durante muitos anos, levando-a a crer em anjos e milagres.

4 ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO DE AUTOAJUDA HOMENS SÃO DE MARTE, MULHERES SÃO DE VÊNUS

4.1 JUSTIFICATIVA PARA O PROCEDIMENTO DE CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE O LIVRO HOMENS SÃO DE MARTE, MULHERES SÃO DE VÊNUS

O livro *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* é de autoria de John Gray. O escritor é natural dos EUA, ex-monge e casado. É autor de best-sellers do ramo literário de autoajuda, conhecido internacionalmente, além de terapeuta e organizador de cursos e seminários, em sua maioria sobre relacionamentos amorosos entre homens e mulheres.

Segundo Gray, os cursos e seminários, juntamente com depoimentos de seus clientes, constituíram o material dos seguintes best-sellers de sua autoria: *Marte e Vênus juntos para sempre*, *Marte e Vênus no quarto*, *Marte e Vênus apaixonados*, *O que você sente pode ser curado*, além do livro que, neste tópico, é objeto da nossa crítica literária.

Leitores costumam comunicar que o que mais lhes agrada em *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, são as abordagens especificando as diferenças existentes entre os gêneros masculino e feminino.

Não se trata precisamente de uma obra literária artística, do tipo concebido, por exemplo, por Chklovski, em *A arte como procedimento*. Para o estudioso russo: "O procedimento da arte é o Procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção". (1971, p. 45).

O procedimento que obscurece a forma está intrinsicamente inscrustado na linguagem que dá corpo estilístico ao texto. E essa linguagem é manifestada por meio de estruturas que apresentam algo de novo ao leitor, que surpreendem a sua percepção. Com base no método formal, assertamos que os aspectos estruturais imanentes da obra em questão são formulados de modo a diminuir a percepção da sua estrutura profunda, para facilitar o acesso aos significados que ela veicula.

De fato, Homens são de Marte, mulheres são de Vênus não é um texto escrito com a pretensão de ser considerado uma obra de valor artístico literário. De verdade, é um ensaio. Um trabalho, no qual o escritor, partindo de uma fábula criada por ele - alicerçada em concepções, convenções, padrões que compõem o senso comum vigente -, expressa opiniões sobre problemas recorrentes que, geralmente, subsistem em relações amorosas, entre integrantes dos gêneros masculino e feminino.

Embora não se constitua em arte literária, ponderamos, no entanto, que o que nos permite desenvolver estudos junto ao referido texto - também à luz de pressupostos próprios da crítica literária acadêmica - está alicerçado no seguinte conceito de literatura, formulado por Massaud Moisés, no Dicionário de termos literários:

Primitivamente, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo, passou a significar "arte das belas letras" e, por fim, "arte literária". Até o século XVIII, preferiu-se o termo "poesia", ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX é que a palavra "Literatura" entrou ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir textos poéticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas. (MOISÉS, 1992, p. 311).

Assim, embora a obra que perscrutamos não seja identificada como arte literária, um cânone acadêmico - que comumente constitui objeto de apreciação por parte da crítica de letras artísticas -, é, todavia, expressão literária escrita que faz parte de um gênero que, reafirmamos, encanta milhares de leitores em todo o mundo, em particular no Brasil. Os estudos literários acadêmicos, já de há muito tempo, vêm ampliando o seu escopo; caso uma expressão escrita desperte o interesse dos leitores, dessa feita, deve também ser considerada como tendo relevância para a apreciação crítica.

Sendo a literatura de autoajuda um gênero literário caracterizado há pouco mais de um século, justificamos - ainda - a crítica que ora realizamos a seu respeito, com fundamento na assertiva de Eikhenbaum, quando fala da importância que deve ser dada ao processo de formação dos gêneros e de sua substituição.

Diz Eikhenbaum, em A teoria do Método Formal, que:

[...] a literatura de segunda ordem, a literatura de massa tem também valor, pois ela participa deste processo. O que importa aqui é distinguir a literatura

de massa que prepara a formação dos novos gêneros, daquela que aparece na degeneração do processo e que representa uma matéria possível para o estudo da inércia histórica. (1971, p. 35).

A forma literária da autoajuda é uma vertente nova da literatura de massa, formada a partir de determinadas condições históricas. Mas, não nos ateremos aos aspectos históricos, por acreditarmos que, na medida em que necessitarmos desvelar o caráter dos heróis de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, para tanto, inevitavelmente haveremos de cruzar os elementos que compõem a sua personalidade com condições sociais, culturais e históricas. As quais, certamente, desempenham papel determinante para a formação do caráter e o desenvolvimento das ações e relações sociais entre os homens e mulheres - os heróis que investigamos - descritos por John Gray.

4.1.1 Apresentação dos conceitos

Neste tópico, damos continuidade à nossa tarefa de averiguar e criticar os procedimentos que dão forma ao gênero literário de autoajuda. Especificadamente os utilizados no processo de elaboração do texto de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, livro estruturado a partir de princípios próprios do gênero em foco.

Podemos atingir nosso alvo por meio de vários instrumentos, ou melhor, através de recursos próprios do trabalho de crítica literária, que dizem respeito às categorias que substanciam os produtos literários, tais como: espaço, tempo, trama, linguagem, herói etc. Nesse caso, elegemos o herói e a linguagem do texto, para nos servirem como objetos capazes de nos levarem a alcançar os objetivos da nossa tarefa.

As categorias do herói e da linguagem serão estudadas por nós, tendo em vista o conceito da dominante em um texto literário. Tomamos como suporte teórico formulações do russo Tomachesvski e do brasileiro Flávio Kothe.

Para Tomachesvski, o procedimento que predomina na organização de uma obra literária é chamado de dominante.

Os traços do gênero, isto é, os procedimentos que organizam a composição da obra, são dominantes, isto é, todos os outros procedimentos necessários à criação do conjunto artístico estão submissos a ele. O procedimento dominante é chamado a dominante. O conjunto das dominantes representa o elemento que autoriza a formação de um gênero. (1976, p. 200-201).

Nesse sentido, os elementos que dão corpo à estrutura de um texto devem ser considerados o eixo central da abordagem crítica, que visa apontar os fatores que tipificam um determinado gênero. Pois o estudo de um determinado gênero torna-se impraticável, se ocorrer desvinculado do sistema no qual encontra-se inserido e com o qual se correlaciona.

Com base em formulações referentes ao herói e à linguagem, analisamos os modos como são abordadas as relações entre homens e mulheres. Na obra, Gray se refere às mulheres como sendo naturais do planeta Vênus quanto aos homens, esses são identificados como marcianos, naturais de Marte.

Questões que se referem às relações amorosas entre homens e mulheres constituem o alvo temático de Gray. E o tratamento que o autor dá ao tema, bem como os procedimentos literários utilizados por ele para materializar as suas considerações, seguidas de orientações e conselhos, exercem papel relevante para a consecução do nosso objetivo de descortinar a dominante presente no tipo de literatura que investigamos.

Assim sendo, damos ênfase aos enfoques relacionados à dominante que prepondera no texto, por entendermos que nos enfoques está localizada a mola propulsora do discurso empregado por John Gray, para versar acerca de relações amorosas entre homens e mulheres.

Segundo Flávio Kothe,

[...] Na dominante está a chave do sistema. Um sistema é um conjunto de elementos coerentes entre si e distintos do seu meio. A dominante é o princípio de organização, é o governo do sistema, assim como o governo é a dominante do sistema social. A dominante está presente em todos os elementos do sistema, mas, por sua vez, resulta de todos eles. (2000, p. 7).

Os costumeiros gestos comportamentais de homens e mulheres, geralmente desenvolvidos pelos mesmos, nas relações de gênero, nos levam a crer que são utilizados por John Gray como elementos governadores do sistema literário por ele estabelecido. Todavia, não se resume a isso a nossa reflexão. Para nós, o modo como esse material social é processado no interior da obra, constitui traço

dominante distintivo do gênero ao qual ela pertence. Isso significa identificar a dominante construtiva da obra, ou seja, quais procedimentos preponderam na construção da linguagem e do herói por nós estudados.

Vale destacar que exercício da crítica literária, que prima por ressaltar a identificação da dominante textual, deve concretizar seus objetivos através do mergulho em todo o envoltório verbal que concede estrutura ao texto.

De acordo com Kothe,

[...] A dominante é o contexto textualizado de modo partidário ou totalizador para persuadir segundo a diretriz semântica traçada pela orientação de sua estrutura profunda. É um poder secreto que impera em todo o sistema, o conjunto das conexões entre as partes, a razão íntima de suas ênfases e seus escamoteamentos. Ela é o mais evidente e, ao mesmo tempo, o mais recôndito do sistema. Pode ser afluída subitamente num detalhe, numa expressão mais ou menos obscura, num elemento à primeira vista inexplicável. (Ibid, p. 7).

Dessa feita, o que constitui o texto como um todo, as ideias veiculadas no mesmo, nos falam a respeito de concepções e maneiras de tratar aspectos sociais vigentes. É uma das formas para se chegar ao cerne das ideias textuais é atentar para os elementos que estruturam tais ideias. Nessa tarefa, todos os componentes linguísticos devem ser levados em consideração pelo analista do texto literário. Pois eles são os pilares da dominante do texto.

Levando em consideração a necessidade de darmos destaque à dominante da obra, no bojo do seu sistema literário, localizamos nas categorias do herói e da linguagem os elementos que melhor corporificam a estrutura profunda do que objetivamos desvendar. Kothe nos esclarece, mais uma vez, que,

"[...] Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras". (Ibid, p. 8).

Constituindo-se em dominante, o herói configura categoria de maior importância para a efetivação da tarefa de investigar o texto como sendo contexto estruturado de forma verbal. Nesse sentido, percorreremos as pegadas do sistema social, que se encontram materializadas nos rastros dos heróis, homens/marcianos e mulheres/venusianas.

A nossa investigação a respeito do herói é baseada na formulação de Tomachevski, acerca dos personagens de uma obra. Pois consideramos que a assertiva do estudioso, ainda que desenvolvida de forma sucinta, consegue responder relativamente bem a questões relacionadas aos personagens de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus.

De acordo com Tomachevski, no processo de elaboração de uma determinada obra, o autor dispõe de variados instrumentos que lhe dão munição para o trabalho de seduzir a atenção do leitor para o seu produto literário. O tema, a fábula, a trama, o herói etc. são meios pelos quais o autor consegue despertar e sustentar, no leitor, sentimentos de simpatia ou de antipatia em relação ao texto lido. A obra "[...] age sobre o leitor acordando nele emoções que dirigem a sua vontade". (1971, p. 172). Entretanto, cabe salientar que não é o leitor que introduz o elemento emocional no texto. O elemento emocional encontra-se na estrutura da obra.

Tomachevski nos diz que

[...] A maioria das obras poéticas é construída a partir da simpatia ou antipatia percebida pelo autor, a partir de um julgamento de valor, transferida para o material proposto à nossa atenção. O herói virtuoso (positivo) e o malévolo (negativo) representam uma expressão direta deste elemento valorativo da obra literária. O leitor deve ser orientado na sua simpatia, em suas emoções. (Ibid., p. 171).

Os personagens que se movimentam na fábula de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, são construídos de modo a despertarem sentimentos de indignação ou de simpatia, conforme mostraremos adiante. O seu caráter é unidimensional, portanto, constante. Suas características são lineares, permanecem as mesmas por todo o ensaio. Seus atos constituem um sistema de motivos, indissoluvelmente ligados a esses personagens, de modo a provocarem juízos de valor.

Tais juízos não se encontram em premissas que não estejam fundadas nas orientações distintas, que John Gray firma a respeito de homens e mulheres. O caráter dos personagens é informado ao leitor, por Gray, através do procedimento de máscara, mediante descrições desenvolvidas com o sentido de designarem traços característicos dos heróis, fazendo deles personagens virtuosos - caracterizados positivamente - ou malévolos - com características negativas.

Nesse processo, no entanto, não perdemos de vista que é o caráter sistemático da obra, realizado em sua fundamentação discursiva, que nos interessa como objeto dos nossos estudos literários. Assim, atribuímos igual importância às categorias do herói e da linguagem no corolário por nós desenvolvido. Como, também, retomaremos as formulações de Chklovski acerca dos procedimentos de singularização e desautomatização da linguagem, como recursos teóricos para o desenvolvimento da crítica que ora realizamos, a respeito das duas categorias em foco.

Ainda que consideremos o herói a categoria de maior relevância para os nossos trabalhos nesse tópico, compreendemos que são os procedimentos literários, a manipulação do material linguístico, dispensados pelo autor na construção dos elementos categóricos que, ao fim, permitem ao leitor ter acesso aos gestos semânticos básicos da obra, que, por sua vez, poderão fazê-lo perceber qual é o direcionamento político do texto, ou seja, qual a dominante que corporifica o texto.

Exemplificamos a nossa assertiva fazendo referência a *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, texto de autoria da escritora Clarice Lispector.

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Clarice dá início ao procedimento de singularização da sua obra, já a partir da abertura da mesma, por meio de uma vírgula. E assim continua, até o final da narrativa, provocando alteração nos padrões de aplicação dos sinais de pontuação. No entanto, a quebra do usual manuseio gramatical, ao invés de embaçar a percepção do texto literário, constitui um recurso especial, do qual Clarice lança mão para melhor dar sentido à sua criação artística. Trata-se de uma obra encharcada pelo vai/vem próprio de produções ficcionais, onde a consciência da personagem flui de modo a levá-la a questionar a sua própria existência. Assim é Lóri, a heroína de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Uma mulher que ultrapassa o estado de alienação em que vivia - no qual supervalorizava futilidades e se mostrava alheia às questões sociais que a cercavam -, passando a desviar-se da primitiva condição mental em que se encontrava.

Na obra, o conjunto de motivos associados gira em torno de um tema, "o amor", propondo um sistema, cuja dominante expõe uma forma desusada de relação amorosa entre um homem e uma mulher. Nessa história não ocorre a repetida e esgarçada fórmula automatizada, através da qual percebemos, de um lado, um

simpático herói masculino, e, do outro, uma malévola heroína feminina. Um procedimento bastante recorrente em produções que abordam o tema versado.

Clarice confere nova estilização aos seus personagens. Ali, é a personagem feminina quem passa por diversas provações, durante a longa viagem que realiza rumo às mais recônditas profundezas de si mesma para, na volta, encontrar à sua espera um Ulisses, cujo comportamento é o inverso daquele exercido pelo herói épico. Ao contrário do Odisseu, quem se encontra pacientemente à espera do ser amado não é uma Penélope enredada na fábula fia e desfia - dia após dia -, como forma de afiançar um final feliz para si na companhia do homem que ama.

Na singular ficção de Clarice, é Ulisses, o professor de filosofia, que, ciente da complexidade que significa existir, se transforma em um simples homem, para esperar a hora em que Lóri, a mulher que ele ama, haverá de retornar da caverna em que entrou para tentar adquirir a consciência total de ser. Usamos o termo caverna, aqui, como forma de fazer alusão à condição que John Gray afirma - em *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* - ser própria dos homens, quando eles querem ficar sozinhos, para, recolhendo-se ao seu mutismo individual, refletirem sobre situações diversas.

Em *Uma aprendizagem* ou o livro dos prazeres, Ulisses acompanha Lóri em sua jornada, não sem também sentir prazer com o quadro que vê e do qual faz parte, ainda que essa situação o intrigue, como nos mostra a cena seguinte:

Sim, disse Ulisses. Mas você se engana. Eu não dou conselhos a você. Eu simplesmente - eu - eu acho que o que eu faço mesmo é esperar. Esperar talvez que você mesma se aconselhe, não sei, Lóri, juro que não sei, às vezes me parece que estou perdendo meu tempo, às vezes me parece que pelo contrário, não há modo mais perfeito, embora inquieto, de usar o tempo: o de te esperar. (Ibid., p. 53).

A tomada de consciência de Lóri acarretou uma outra consciência em Ulisses. Assim, quando ela lhe revelou estar sendo, "Ele examinou-a e por um momento estranhou-a, aquele rosto familiar de mulher. Ele se estranhou, e entendeu Lóri: ele estava sendo". (1998, p. 71). Ser pego de surpresa frente ao acontecimento, pelo qual tanto aguardará, faz com que Ulisses também tenha uma nova percepção sobre si mesmo. A mudança ocorrida com Lóri repercute em Ulisses, assim como a espera de Ulisses exerce forte ação sobre Lóri.

O modo como Clarice desenvolve o processo de transformação de Lóri nos concede momentos de rara beleza. Como nos prova o trecho a seguir, que retrata um encontro de Ulisses com a mulher. Nesse encontro, Lóri se surpreende existindo, assim como também lhe causa espanto a revelação da existência de todas as coisas que a cercam. Ela e Ulisses

Ficaram calados como se os dois pela primeira vez se tivessem encontrado. Estavam sendo. [...] Ambos sabiam que esse era um grande passo dado na aprendizagem. E não havia perigo de gastar este sentimento com medo de perdê-lo, porque ser era infinito, de um infinito de ondas de mar. Eu estou sendo, dizia a árvore do jardim. Eu estou sendo, disse o garçom que se aproximou. Eu estou sendo, disse a água verde na piscina. Eu estou sendo, disse o mar azul do Mediterrâneo. Eu estou sendo, disse a aranha e imobilizou a presa com o seu veneno. Eu estou sendo, disse uma criança que escorregara nos ladrilhos do chão e gritara assustada: mamãe! Eu estou sendo, disse a mãe que tinha um filho que escorregava nos ladrilhos que circundavam a piscina. Mas a luz se aquietava para a noite e eles estranharam, a luz crepuscular. Lóri estava fascinada pelo encontro de si mesma, ela se fascinava e quase se hipnotizava. (Ibid., p. 72).

Dar voz às coisas intensifica a percepção e o sentido das mesmas. Fazer com que todos os elementos dessa cena ganhem vida é um recurso, que desencadeia uma valorização da constatação da realidade, tanto por parte de Lóri, como por parte de Ulisses, o qual, observando tudo, "com os olhos úmidos", desejou que Lóri não fugisse do inédito estado em que se encontrava, para que ela assumisse a transformação que ocorria consigo mesma. Naquele instante, Lóri se dava conta de que sabia. Ela adquirira a consciência de se perceber tomando conhecimento da concretude da vida, ainda que isso lhe causasse uma fascinação doída.

Clarice retrata assim a profundidade da descoberta da heroína:

Nessa noite Lóri ficou de vigília. Era uma noite muito bonita: [...] Ela quis retroceder. Mas sentia que era tarde demais: uma vez dado o primeiro passo este era irreversível, e empurrava-a para mais, mais, mais! O que quero, meu Deus. É que ela queria tudo. Como se passasse do homem-macaco ao pitecantropus erectus. E então não havia como retroceder: a luta pela sobrevivência entre mistérios. E o que o ser humano mais aspira é tornar-se um ser humano. (Ibid., p. 74).

A expressão metafórica usada por Clarice para revelar a metamorfose ocorrida com Lóri, é uma contribuição lingüística singular que nos faz ter acesso à dimensão da evolução ocorrida com a heroína. Principalmente porque, por meio da analogia, tomamos conhecimento da irreversível condição humana alcançada por

Lóri. A passagem do homem-macaco para o *pithecanthropus erectus* significou, entre outras coisas, uma extraordinária transformação no modo de locomoção do ser humano. Ele sai do anterior estado em que andava sobre quatro patas - agachado - e passa a locomover-se sobre dois pés, de pé. Não mais em um plano inferior.

Com esse procedimento, Clarice confere verossimilhança ao seu texto, uma vez que os aspectos verossímeis de um texto artístico, não são comprometidos com a motivação realista, da forma como ela está rotineiramente colocada. A elaboração que tem primor pela arte trata os motivos antigos e habituais, de maneira insólita, de modo não-habitual. O discurso de Clarice, a respeito do gênero feminino, ousou quebrar preconceitos, ao desvelar a mudança ocorrida com Lóri e que é determinante para alçá-la da condição de um ser inferior - vivente em um plano baixo - para um plano superior, com visões elevadas.

O conjunto de motivos, da forma como é trabalhado na narrativa, promove um sentimento de singular simpatia em relação aos dois personagens - Lóri e Ulisses - em função da forma como os dois são retratados em sua relação amorosa. A complexidade do caráter dos dois personagens, bem como, a sua disposição de mergulhar a fundo nos seus conflitos interiores, servem de trilha sonora desse enredo, onde não há espaço para a repetição da trivial receita maniqueísta que, por meio de leis bastante rígidas, procede uma divisão dos seres entre bons e maus.

De fato, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Clarice procede deslocamentos semânticos de vária ordem: na maneira como fabula a respeito da relação de amor entre um homem e uma mulher; na forma como implode as barreiras culturais, cuja *dominante* textual - vulgar na literatura de massa - reforça mitos a respeito das mulheres e dos homens; no modo como rompe com os comuns usos da gramática. Sendo que, ao nosso ver, o procedimento de ruptura com as tradicionais regras gramaticais guarda uma agradável surpresa para o leitor, quando - ao fim da narrativa - a escritora conclui a fábula, presenteando- nos e à própria história com as infinitas possibilidades de realizações que os dois pontos - usados ao final - podem propiciar à nossa imaginação, quanto ao que pode vir depois, quanto ao futuro sinalizado pelo sinal de pontuação, que faz dessa uma obra aberta. Em uma conversa final, entre Ulisses e Lóri, diz ele, Eu penso, interrompeu o homem e sua voz estava lenta e abafada porque ele estava sofrendo de vida e de amor, eu penso o seguinte:" (Ibid., p. 1-55).

4.1.2 Resumo do livro Homens são de Marte, mulheres são de Vênus

Iniciamos este tópico expondo considerações feitas pelo autor de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus que, segundo ele, o motivaram a produzir a referida obra, que foi desenvolvida, ao longo de treze capítulos, assim denominados:

1. Homens são de Marte, mulheres são de Vênus; 2. O sr. Conserta-Tudo e o comitê para o progresso da casa; 3. Os homens vão para suas cavernas e as mulheres falam; 4. Como motivar o sexo oposto; 5. Falando línguas diferentes; 6. Os homens são como elásticos; 7. As mulheres são como ondas; 8. Descobrimos nossas diferentes necessidades emocionais; 9. Como evitar discussões; 10. Marcando pontos com o sexo oposto; 11. Como comunicar sentimentos difíceis; 12. Como pedir apoio e receber; 13. Mantendo viva a magia do amor.

John Gray começa seu texto falando sobre como lhe surgiu a intenção de escrever Homens são de Marte, mulheres são de Vênus. Segundo ele, a ideia foi concebida a partir de uma experiência vivida por ele.

Diz Gray que, após o nascimento de uma de suas filhas, ele e sua mulher Bonnie estavam completamente exaustos. "Bonnie tinha sido lacerada durante o parto e precisava tomar analgésicos. Ela mal conseguia andar". (1997, p. 11). Gray permaneceu em casa durante cinco dias para ajudar e depois retornou ao trabalho.

Enquanto estava fora, sua mulher sentiu fortes dores, não conseguiu que alguém a socorresse e quando ele retornou para casa os dois tiveram uma discussão, o que fez com que ele dissesse que estava indo embora de casa. Bonnie, então, chorou e pediu-lhe que não se fosse na hora em que ela mais precisava dele.

Ela lhe disse: "Por favor, venha até aqui e me abrace. Você não precisa dizer nada. Eu só preciso sentir os seus braços em volta de mim. Por favor, não vá". (Ibid., p. 12).

A partir desse momento, John Gray passou a comparar o seu relacionamento atual com outros que tivera anteriormente, nos quais, ele se "[...] comportava de forma indiferente e inamistosa nos momentos difíceis simplesmente porque não sabia mais o que fazer". (Ibid., p. 13).

Segundo o escritor, esse incidente lhe deu inspiração durante seus "[...] sete anos de pesquisa para ajudar a desenvolver e refinar os insights sobre homens e

mulheres". (Ibid., p. 13). O que o animou a tomar a decisão de escrever *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*.

O texto de John Gray, já a partir do início, nos dá mostras de que se trata de uma obra que promete ter a receita, para autoajudar leitores que necessitam vencer problemas de ordem amorosa. E, por se elaborada para atender aos objetivos de ensinar homens e mulheres a terem boas relações afetivas, resulta em um texto de autoajuda que deve ser classificado como sendo um livro estruturado para ensinar a desenvolver capacidades objetivas.

Na obra, Gray garante que:

a) Todos os princípios contidos nesse livro foram testados e tentados. Pelo menos 90% dos mais de 2.500 indivíduos questionados se reconheceram entusiasticamente nessas descrições; b) [...] Um guia definitivo fazia-se necessário para entender como homens e mulheres saudáveis são diferentes; c) Mais importante, no decorrer desse livro você aprenderá técnicas práticas para resolver os problemas que surgem das nossas diferenças; d) *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* é um manual para relacionamentos nos anos 90. Revela como homens e mulheres diferem em todas as áreas de suas vidas [...]; e) Não somente homens e mulheres se comunicam diferentemente, mas pensam sentem, percebem, reagem, respondem, amam, precisam e apreciam diferentemente. Eles quase parecem ser de planetas diferentes, falando línguas diferentes e necessitando de diferentes nutrientes; f) [...] Você vai não somente criar mais paixão nos seus relacionamentos, como também vai progressivamente equilibrar suas características masculinas e femininas; g) [...] qualquer um pode se beneficiar dos insights contidos nesse livro. A única reação negativa que ouço dos participantes dos meus seminários e nas cartas que recebo é "Gostaria que alguém tivesse me dito isso antes. (1997, p. 14-18).

Como é típico nas manifestações literárias de autoajuda, Gray não foge à regra, a sua própria palavra é a promissória que ele assina, como garantia de que os conselhos, estratégias, técnicas etc. que ele aponta são infalíveis instrumentos para a superação de conflitos amorosos entre homens e mulheres.

No livro, Gray se apóia em uma fábula de sua própria autoria para afirmar que homens e mulheres diferem entre si. Baseado na história por ele criada, o autor consagra várias assertivas, sobre quais seriam as causas dos desentendimentos entre homens e mulheres que, segundo ele, fundariam os porquês dos insucessos nas relações de amor entre integrantes dos gêneros masculino e feminino. As assertivas vêm acompanhadas de fórmulas para a solução dos problemas.

Um dia, de acordo com Gray, os marcianos, habitantes do planeta Marte, perceberam através de seus telescópios, a existência das venusianas, no planeta

Vênus. Esse fato teria despertado um amor incontrolável nos marcianos, fazendo com que eles voassem até Vênus. Lá chegando, eles foram recebidos de braços abertos pelas venusianas e, quase, viveriam felizes para sempre - harmoniosamente e com amor - não fosse a decisão que tomaram de se mudarem para outro planeta, a Terra.

Nesse lugar, marcianos e venusianas foram acometidos de amnésia seletiva, o que os teria levado a esquecerem suas naturais diferenças. Segundo a história, desde então, "Homens e mulheres têm vivido em conflito". (Ibid., p. 19). Desse ponto em diante, John Gray passa a se referir aos personagens do seu texto, ora como sendo homens e mulheres, ora como marcianos e venusianas. Ora a história é fictícia, ora é real.

4.1.3 Os heróis e a linguagem previsíveis de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus

A amnésia seletiva ocorrida nas mentes dos marcianos e das venusianas, fazendo com que esquecessem toda a harmonia anterior vivida por eles, em Vênus - quando eles se reconheciam como sendo naturalmente diferentes -, instala o conflito do enredo. No livro onde se lê: Homens e mulheres têm vivido em conflito, não seria mais apropriado dizer: marcianos e venusianas têm vivido em conflito? Afinal, Gray estava narrando uma história sobre tais seres.

O restante do ensaio é todo processado de modo a passar ensinamentos ao leitor, de como é possível restabelecer a ordem - entre o homem/marciano e a mulher/venusiana - através das orientações técnicas prestadas por Gray.

O escritor persegue o seu objetivo, misturando elementos da vida real com os da historinha por ele criada.

Ao nosso ver o procedimento utilizado por Gray, de cruzar as duas abordagens - fictícia e real - por todo o livro, é uma técnica encontrada pelo autor para escamotear causas concretas de problemas amorosos, geralmente existentes entre homens e mulheres.

A maneira como Gray aborda o tema revela a sua tentativa de esconder o porquê de os integrantes dos dois gêneros agirem, geralmente, de forma tão

distinta e específica, uma vez que essas causas não lhe são alheias, como ele mesmo afirma nesse trecho:

Nesse livro eu não abordo diretamente a questão do porquê homens e mulheres são diferentes. Essa é uma questão complexa para a qual há muitas respostas, que vão desde diferenças biológicas, influência da família, educação e nascimento até condicionamento cultural pela sociedade, pela mídia, pela história. (1997, p. 17).

O tratamento superficial dado pelo terapeuta ao tema sobre o qual ele versa, apenas serve para reproduzir e reforçar as relações entre homens e mulheres, da forma como, geralmente, estão colocadas na realidade. Nesse sentido, as formulações do texto - que também ocorrem de forma genérica - em nenhum momento demonstram ter preocupação com o senso de profundidade. Não há um cuidado especial para tratar as questões levantadas, de modo a, realmente, contribuir para a superação de dilemas.

Sendo um livro de autoajuda, o texto, atende perfeitamente às premissas do gênero literário em foco, reforçando a nossa concepção de que, a dominante deste gênero literário, se nutre do automatismo próprio da sua estrutura profunda, se negando a colocar em cena a complexidade da realidade vigente, uma vez que a sua estrutura, de fato, é realizada de modo a beneficiar um sistema que se alimenta dos conflitos de interesses sociais, geradores da produção e circulação dos textos de autoajuda, enquanto mercadorias que são.

Aspectos individuais, que diferenciam homens de outros homens, mulheres de outras mulheres, são desconsiderados por Gray, que trata a todos como se fossem um bloco homogêneo, uma massa, da qual não é possível enxergar os elementos particulares que compõem o todo. Dessa feita, todas as mulheres, para o escritor, são iguais, assim como, todos os homens também o são.

As formulações que dão estrutura ao texto buscam, a todo custo, afirmar que as atitudes dos dois gêneros são bem distintas entre si. Qualquer comportamento - por parte de homens ou de mulheres - que venha a contrariar a constatação feita pelo terapeuta é identificado por ele, como sendo uma espécie de anomalia comportamental, uma inversão dos papéis, que o mesmo atesta serem próprios dos homens ou das mulheres.

Gray explica assim esse seu modo de abordar a questão:

Eu faço muitas generalizações sobre homens e mulheres nesse livro. Provavelmente você vai achar alguns comentários mais verdadeiros que outros... Afinal de contas, nós somos indivíduos únicos com experiências únicas. Algumas vezes nos meus seminários casais e indivíduos afirmam se identificarem com os exemplos de homens e mulheres, mas de uma maneira oposta. O homem se identifica com a minha descrição de mulher e a mulher se identifica com a minha descrição de homem. Eu chamo a isso de inversão de papéis. (Ibid., 16-17).

Para os homens e as mulheres, que se percebem invertendo papéis, Gray passa a receita, com vistas a solucionar o que ele, embora tente fazer parecer que não é nada de mais, no fundo considera ser um problema.

Senão, vejamos:

Se você descobrir que está experimentando uma inversão de papéis, eu quero lhe assegurar de que está tudo bem. Sugiro que quando você não se identificar com alguma coisa nesse livro ou ignore-a (passando para algo com que você se identifique) ou faça um exame mais profundo em si mesmo (a). Muitos homens têm negado alguns dos atributos masculinos a fim de se tornarem mais amorosos ou carinhosos. Do mesmo modo muitas mulheres têm negado alguns dos seus atributos femininos a fim de ganhar seu sustento num mercado de trabalho que recompensa atributos masculinos. Se este for o caso, então através da aplicação de sugestões, estratégias e técnicas contidas nesse livro você vai não somente criar mais paixão nos seus relacionamentos, como também vai progressivamente equilibrar suas características masculinas e femininas. (Ibid., P- 17).

De acordo com a assertiva do terapeuta, por meio do pensamento de tipo conservador que ele representa, de traçar fronteiras bem demarcadas separando comportamentos masculinos de femininos, devemos imaginar que os gestos amorosos devem ser deixados ao encargo das mulheres, enquanto que aos homens cabe enfrentar o mercado de trabalho.

A seguir, aprofundaremos nossa análise a respeito da concepção de Gray acerca de homens e mulheres. Demonstraremos como o terapeuta aborda questões que ele identifica, como sendo ou devendo ser próprias dos homens e como o mesmo se refere a questões relacionadas às mulheres.

Identificamos nos mitos existentes sobre os planetas Marte e Vênus (esse por inversão) a justificativa para o fato de Gray não levar em conta aspectos sócio-culturais, na sua empreitada de abordar questões referentes aos integrantes dos gêneros masculino e feminino. Da mesma forma, encontramos explicação também,

para as assertivas do escritor, no mito do complexo de castração - desenvolvido por Freud -, conforme mostraremos.

Por meio do Dicionário de símbolos, de autoria de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, ficamos sabendo um pouco sobre a simbolização do planeta Marte - origem dos homens/ marcianos - e sobre o planeta Vênus - origem da mulher/venusiana.

De acordo com os autores, na introdução do referido dicionário, os símbolos "[...] dão forma aos desejos, incitam a empreendimentos, modelam comportamentos, provocam êxitos ou derrotas. [...] Seria dizer pouco, que vivemos num mundo de símbolos - um mundo de símbolos vive em nós". (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, s.p.).

Os símbolos estão presentes em todos os espaços da vida humana, em todas as formas de relação dos indivíduos. Eles desvelam os campos ocultos do inconsciente. Seu sentido tem grande importância para inúmeras disciplinas. Dentre as quais destacamos a Literatura, a Lingüística e as que se associam às técnicas de venda, de propaganda, de política.

Ao nosso ver, John Gray se vale de conteúdos imagísticos e simbólicos que ocupam o inconsciente das pessoas, para fundar o seu ensaio de autoajuda.

4.1.3.1 O homem marciano: um herói virtuoso; a mulher venusiana: uma heroína malévola

Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, é um livro organizado sob as rédeas do vulgar procedimento de dessingularização e automatização da linguagem. Os procedimentos lingüísticos que estruturam essa obra não deformam os significados habituais e recorrentes nas relações cotidianas. Porque o homem/marciano e a mulher/venusiana são personagens, cujas características encontram-se afinadas com arquétipos que permeiam o senso comum.

As características do homem/marciano estão afinadas com a simbologia atribuída ao planeta Marte que, de acordo com o Dicionário de símbolos,

[...] Com sua luz avermelhada, ardente como uma chama, com o nome abrasado que lhe foi dado em todas as línguas antigas, [...] compõe o rosto da paixão e da violência, que a mitologia completa fazendo dele o deus da guerra. [...] O indício particular da tendência associada ao astro [...] é a situação primeira do *struggle for life* (luta pela vida), cheia de goelas, dentes e garras, em um mundo feito de riscos, quedas, ferimentos, cicatrizes, desafios e "galos" Ela se prolonga mais tarde através das competições, das rivalidades e das hostilidades, dentro das quais é preciso ganhar a vida, conquistar os lugares, defender os interesses, tratar de satisfazer os desejos e paixões, não sem se expor aos perigos. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 595).

O herói marciano, de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, é um ser vinculado a essa convencional compreensão, de que Marte simboliza comportamentos aguerridos, corajosos, aventureiros, conquistadores. Portanto, "natura" foi o gesto literário de Gray fazendo com que os marcianos enfrentassem uma viagem interplanetária, para conquistarem as indefesas venusianas.

No que concerne à mulher/venusiana, consideramos ser importante explicar como identificamos o caráter malévolo da heroína da obra. Embora ela não chegue a ser um ser pernicioso, maledicente, asseveramos que os procedimentos lingüísticos que lhe concedem concretude fazem com essa heroína desperte sentimentos de indignação. Pois os princípios que organizam a estrutura da personagem são processados de modo a fazer dela um ser que provoca antipatia.

O sistema de motivos que corporificam a mulher/venusiana também tem como eixo fundador simbologias, assim como as tem o homem/marciano. Entretanto a manipulação do material simbólico - a respeito da mulher/venusiana - trabalhado por John Gray - tem abissal distância entre o procedimento dispensado pelo escritor para compor o homem/marciano, e o procedimento por ele usado para dar corporalidade à malévola heroína natural de Vênus.

Os gestos de Gray, em relação à mulher/venusiana, estão muito pouco afinados com os simbolismos que se associam ao planeta Vênus. Diferentemente do homem/marciano, aos quais - é possível perceber de forma bastante nítida -, ele aplicou caracteres virtuosos atribuídos ao planeta Marte.

Ao planeta Vênus, segundo o Dicionário de símbolos, são imputadas inúmeras prerrogativas positivas. Porém, John Gray optou por fantasiar a mulher/venusiana com uma máscara, que guarda distância da significação simbólica relacionada ao planeta Vênus.

Desde as eras mais primitivas, Vênus foi a estrela das doces confidências; a primeira das belezas celestes inspirava os apaixonados com a impressão direta que o suave brilho do astro produz na alma contemplativa. Para os astrólogos,

Vênus está ligada às ligações de atração voluptuosa e de amor [...]. Esse mundo venusiano do ser humano agrupa a sinergia afetiva de sensações, de sentimentos e sensualidade [...], a embriaguez, o sorriso, a sedução, o impulso de prazer, de diversão, de alegria, de festa na afinidade e na harmonia da troca, da comunhão afetiva, assim como os estados emocionais que transmitem encanto, beleza e graça. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 939).

Acreditamos que a imagem positiva de Vênus não cabe na caracterização de uma personagem feminina que deve ser programada, de maneira a não contrariar o sistema, cuja dominante encontra-se alicerçada em valores esquemáticos convencionais. Dessa feita, não satisfaz à forma literária de autoajuda que as suas formações linguísticas veiculem ideias que deformem o status quo vigente. Expressões como confiança, alma contemplativa, impulso de prazer, de alegria, estão de certa maneira presentes na mulher/venusiana. O modo como Gray estampa essas características na heroína, entretanto, nem de longe evoca os significados simbólicos atribuídos ao planeta Vênus. A leitura que o conselheiro de casais faz é outra, bastante diversa.

John Gray leva em grande consideração o crédito que dá à existência de uma natureza masculina, que seria similar à natureza dos homens do planeta Marte, e à natureza feminina, que seria semelhante à das venusianas, personagens da fábula criada por ele. Para o escritor essas naturezas são bastante distintas entre si, e isso constituiria um elemento determinante, para a origem dos problemas amorosos existentes entre homens e mulheres. Todavia, Gray concede à natureza do homem/marciano propriedades colossais. Enquanto que às venusianas ele imputa traços frágeis, indignos de apreciação. É o próprio autor quem justifica as suas aferições, reportando-se à história que ele inventou.

A citação a seguir é de grande valia para que se possa entender o que ponderamos. Por meio da formulação contida na mesma, Gray objetiva descrever como era a vida em Marte, para que as mulheres compreendam e aceitem o comportamento dos homens e, em contrapartida, os homens compreendam e aceitem o modo de vida em Vênus, e que para o escritor repercute no comportamento das mulheres.

A referida descrição resulta em uma lição que deve levar os dois a aceitarem as suas diferenças e viverem em harmonia. Percebemos, no entanto, que, ainda que Gray prometa que vai orientar homens e mulheres a se relacionarem satisfatoriamente, na verdade, mesmo quando fala para os homens a respeito das mulheres, ele acaba dizendo às venusianas como elas devem tratar os marcianos. Com esse procedimento, o escritor deixa transparecer que no fundo é das mulheres a responsabilidade pelo êxito ou o fracasso das suas relações amorosas. De fato, essa ideia predomina em toda a obra. No trecho, os destaques em negrito são nossos.

A vida em Marte

Os marcianos valorizam o poder, a competência, a eficiência e a realização. Eles estão sempre fazendo coisas para se provarem e desenvolverem seu poder e suas habilidades. Seu senso de si mesmo é definido pela sua habilidade de alcançar resultados. Eles experimentam satisfação principalmente através do sucesso e da realização. [...] Tudo em Marte é um reflexo desses valores. Até suas roupas são desenhadas para refletir sua habilidade e competência. Policiais, soldados, homens de negócios, cientistas, motoristas de táxi, técnicos e chefes, todos usam uniformes ou pelo menos chapéus para refletir sua competência e poder. Eles não lêem revista *Psychology Today*, *self* ou *People*; eles estão mais preocupados com atividades externas, como caçar, pescar e correr de carro. Eles se interessam pelas notícias, tempo e esportes e não poderiam se importar com romances, novelas e livros de auto-ajuda. Eles estão mais interessados em "objetos" e "coisas" do que em pessoas e sentimentos. Mesmo hoje na Terra, enquanto as mulheres fantasiam sobre romance, os homens fantasiam sobre carros possantes, computadores mais rápidos, invenções, engenhocas e tecnologia nova e mais potente. [...] Atingir metas é muito importante para um marciano porque é uma forma de ele provar sua competência e assim se sentir bem em relação a si mesmo. E para ele se sentir bem em relação a si mesmo ele tem que atingir essas metas por si só. Ninguém pode atingi-las por ele. Os marcianos se orgulham de fazer as coisas totalmente por si sós. Autonomia é o símbolo de eficiência, poder e competência. Entender essa característica marciana pode ajudar as mulheres a entender por que os homens resistem tanto a serem corrigidos ou que lhes digam o que fazer. Oferecer a um homem um conselho não solicitado é presumir que ele não saiba o que fazer ou que ele não possa fazê-lo por si mesmo. [...] No entanto, se ele realmente precisa de ajuda, então é um sinal de sabedoria consegui-la.

A vida em Vênus

As venusianas têm valores diferentes. Elas valorizam o amor, a comunicação, a beleza e os relacionamentos. Elas passam muito tempo amparando, ajudando e acalentando umas às outras. Seu senso de si mesma é definido pelos seus sentimentos e pela qualidade dos seus relacionamentos. [...] Elas não usam uniformes como os marcianos (para revelar sua competência). Pelo contrário, gostam de vestir uma roupa diferente a cada dia, de acordo com o que estão sentindo. Expressão pessoal, especialmente do que estão sentindo, é muito importante. Elas podem até trocar de roupa várias vezes ao dia de acordo com mudança de seu humor. Comunicação é de importância primordial. Dividir seus sentimentos pessoais é muito mais importante do que atingir metas e

sucesso. [...] Isso é difícil para os homens compreenderem. Ele pode chegar perto de entender a experiência de uma mulher em compartilhar e se relacionar, comparando-a com a satisfação que ele sente quando ganha uma corrida, atinge uma meta ou resolve um problema. Em vez de serem orientadas para metas, as mulheres são orientadas para relacionamentos; elas estão mais preocupadas com a expressão da sua bondade, do seu amor e da sua atenção. Dois marcianos vão almoçar para discutir um projeto ou uma meta nos negócios; eles têm um problema a resolver. Mais que isso, os marcianos encaram o restaurante como uma maneira eficiente de se aproximar de comida: sem comprar, sem cozinhar e sem lavar a louça. Para as venusianas, ir almoçar é uma oportunidade de alimentar um relacionamento, tanto de apoiar quanto de receber apoio de uma amiga. As conversas de restaurante entre mulheres costumam ser muito francas e íntimas, quase um diálogo que ocorre entre terapeuta e paciente. Em Vênus, todo mundo estuda psicologia e tem pelo menos mestrado em aconselhamento. Elas estão muito envolvidas com crescimento pessoal. Espiritualidade, e tudo o que possa nutrir a vida, curar e crescer. Vênus está coberta de parques, jardins, shopping-centers e restaurantes. (Ibid., p. 26-29, grifo nosso).

Em virtude da fala de Gray, nos pomos a imaginar o quão numeroso é o contingente de mulheres que consomem livros de autoajuda. Se o comércio desse produto literário é fenomenalmente maior do que o de outros ramos da literatura, é de estranhar que o escritor ouse afirmar que os homens não se interessam pela literatura de autoajuda. E que apenas as mulheres compõem o público consumidor desses textos. Com essa "informação", o terapeuta nos dá mostras de que não valoriza muito os objetos que produz, ainda que ele tenha grandes lucros com a feitura desses produtos.

Ao relacionar, de um lado, de forma bem distinta, os itens que, segundo ele, são festejados pelas *inseguras, conversadeiras, frágeis e fúteis* mulheres/venusianas; e, do outro, os alvos de interesse dos *eficientes, habilidosos, competentes, poderosos, práticos, inventivos e autônomos* homens de Marte, John Gray deixa clara a sua opção pelo virtuoso herói marciano.

Dizer que é muito importante para as mulheres/venusianas dividirem seus *sentimentos pessoais*; que o planeta Vênus é repleto de espaços físicos que fazem brotar *impulsos de prazer, de diversão*, nos mostra a medida da atitude de Gray, ao associar a imagem feminina à do planeta Vênus. Às mulheres ele confere marcas sinônimas, ligadas a elementos que remetem a comportamentos fúteis e superficiais. A concretude da ação do escritor, os sentidos da sua formulação lingüística, com vistas a dar forma ao caráter da mulher/venusiana, estão mais adequados ao mito do complexo de castração, desenvolvido por Freud.

Nossa assertiva está baseada no trabalho de Heleieth Saffioti, *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*. Nesse trabalho, Saffioti nos fala a respeito de uma "mística feminina na era da ciência".

Segundo a pesquisadora, a referida mística é fruto da compreensão psicanalística de Freud, desenvolvida no século XX. Nesse momento, a psicanálise, ao se debruçar sobre o antigo questionamento que acompanha os indivíduos, acerca da origem das coisas, deu ênfase a questões que dizem respeito aos comportamentos dos homens e das mulheres. Assim sendo, a psicanálise deslocou o seu alvo de interesse da história das sociedades, para o plano de vida dos indivíduos. Essa perspectiva passou a buscar explicações para problemas que julgava estarem direta ou indiretamente ligados ao sexo. Ou seja, passou a dar especial importância aos fatores sexuais, como sendo os causadores determinantes da personalidade humana.

Isso se deu em decorrência da teoria freudiana, a qual teve grande relevância, uma vez que Freud, se preocupou em desenvolver estudos acerca de questões ligadas ao sexo, rompendo, dessa feita, com tabus historicamente existentes a esse respeito.

Por meio da teoria do complexo de castração, a tópica freudiana afirma que o destino das mulheres e dos homens está preso à sua anatomia. No entanto, as formas anatômicas do homem o libertam. Já as mulheres, em função da deficiência da anatomia das mesmas, só têm três possibilidades de evolução: "uma conduz à inibição sexual e à neurose; outra, à transformação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade; e a outra, finalmente, à feminilidade normal [...]". (FREUD, 1948, p. 848 apud SAFFIOTI, 1979, s. p.). A feminilidade normal, leia-se, significa que a mulher é um ser inferior ao homem, por isso, dele dependente. Sua condição física não lhe permite desejar a perfeição.

O complexo de castração acomete meninos e meninas na puberdade. Em meninos, seria o medo que eles têm de perder o que já possuem: um pênis. Nas meninas, significa a inveja, que toma conta das mesmas, por sua anatomia ser desprovida do órgão sexual masculino. Com o tempo, o homem supera seu temor. Quanto às mulheres, isso terá repercussão negativa no seu comportamento manifesto e não-manifesto, por toda a sua vida.

Heleieth Saffioti assevera que essa teoria reforçou o "[...] mito da vassalidade feminina, habilmente nutrido até os dias atuais, sobretudo pela imprensa chamada do coração". (1979, p. 295).

Tal concepção, uma vez popularizada, significou um contributo imensurável para a manutenção do status quo feminino, haja vista que, para o psicanalista, os traços psíquicos das mulheres são justificados por naturais fatores biológicos, que compõem a estrutura anatômica das mesmas.

A tese de Freud colaborou, de acordo com Saffioti, "[...] para manter a mulher envolta em mitos cuja vigência limitou largamente a mudança dos papéis femininos". (1971, p. 291). Em outras palavras, isso serviu como uma contribuição das ciências humanas para reforçar mitos, convenções e preconceitos a respeito das mulheres. "[...] Ela elevou à categoria de verdade suprema aquilo que não passava de uma hipótese científica, cuja rejeição o desenvolvimento da ciência da psicanálise iria permitir posteriormente". (Ibid., p. 295). De verdade, essa abordagem ignorou a importância dos aspectos sócio-culturais, para a formação da personalidade das mulheres e dos homens.

Gray também, como temos mostrado, considera que as mulheres são dependentes e inferiores aos homens. E a sua intenção é levar os homens e as mulheres a aceitarem essa compreensão que ele tem a respeito dos mesmos.

Por isso é que os personagens de Gray - representados pelos homens e pelas mulheres - de caráter massificado constituem a dominante do sistema que se constrói a partir da trivialidade. Ele predomina nesse texto literário de auto-ajuda, porque essa forma literária necessita ser industriada, por meio de procedimentos que levem os consumidores a terem acesso facilitado, ao produto que lhes é ofertado. Nesse sentido, os procedimentos formais do livro não ousam romper com as regras sociais, que moldam o comportamento de homens e mulheres desde a sua infância. Por essas leis, a condição natural dos homens é a de serem superiores às naturais condições de inferioridade das mulheres. Assim sendo, os geniais homens/marcianos de Gray não podem frustrar a vulgaridade que é própria da literatura de massa.

O homem/marciano não fala, age. A sua atenção está voltada para prestar socorro às inativas mulheres/venusianas, como nos mostra a atitude messiânica dos mesmos, frente ao estado doentio em que se encontravam as venusianas, no planeta Vênus, antes da chegada desses heróis.

Quando as venusianas caíram em depressão, para se sentirem melhor, elas formaram círculos e começaram a conversar umas com as outras sobre seus problemas. Mas parecia que isso não aliviava a depressão. Elas continuaram deprimidas por um longo tempo até que, pela sua intuição, elas experimentaram uma visão. Seres fortes e maravilhosos (os marcianos) estariam vindo cruzando o universo para amá-las, servi-las e apoiá-las. De repente elas se viram acalentadas. (Ibid., p. 54).

Os marcianos também passaram por um estado depressivo. No entanto, Gray afirma que a cura da doença dos mesmos, independeu da intervenção das venusianas. Eles se bastaram sozinhos. As venusianas tiveram uma mera participação no episódio, de forma passiva.

Quando os marcianos caíram em depressão, todos no planeta deixaram as cidades e seguiram para suas cavernas, ficando lá por muito tempo. Permaneceram lá e não podiam sair, até que um dia um marciano viu de relance uma linda venusiana através de seu telescópio. Como ele rapidamente partilhou seu telescópio, a visão desses lindos seres inspirou os marcianos, e sua depressão miraculosamente acabou. De repente eles se sentiram necessários. Eles saíram de suas cavernas e começaram a construir uma frota de naves espaciais para voarem até Vênus. (Ibid., p. 54).

O homem/marciano de Gray é muito mais. É um herói virtuoso, motivado pelo amor que tem, de servir aos outros. Ele é um ser altruísta. Assim como também é o terapeuta, um homem altruísta que ama escrever livros de autoajuda, de modo a dar conselhos para que as coisas permaneçam como estão, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Aliás, John Gray, por diversas vezes, assume um papel parcial em *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Ele cita exemplos da sua vida afetiva, que julga serem positivos, para aconselhar as mulheres. É o que ocorre na passagem do livro, em que ele relata como a sua mulher se comporta, quando ele quer "ir para a sua caverna", ou melhor, quando ele não quer falar com a sua companheira. Segundo Gray, a sua mulher sabedora da vida em Vênus, sabe também que as venusianas encontraram a fórmula para aceitar esse comportamento dos marcianos.

Toda vez que seu marciano favorito entrava na caverna, elas iam às compras ou saíam para alguma excursão agradável. As venusianas adoram fazer compras. Minha esposa, Bonnie, algumas vezes usa essa técnica. Quando vê que estou na minha caverna, ela vai às compras. Eu nunca me sinto como se tivesse que me desculpar pelo meu lado marciano. [...] Ela

sabe que quando eu vou para a minha caverna, não é o momento ideal para conversar. [...] Algumas vezes ela diz casualmente, "Quando você tiver vontade de conversar, eu gostaria de passar algum tempo juntos. Você me diz quando?" (Ibid., p. 90-91).

John Gray repete aqui a velha fórmula presente em livros de autoajuda: o autor assegura que os ensinamentos contidos nos livros são eficazes, pois ele já os aplicou e os resultados foram favoráveis, abrindo imediatamente possibilidade de comercialização.

Assim é que podemos perceber o quanto Gray se orgulha da sua "natureza" de homem/marciano, da mesma forma como se beneficia do caráter fútil da sua mulher/venusiana. Ao nosso ver, ao se sentir satisfeito em incorporar preceitos conservadores, de acordo com os quais os homens se comportam de modo unidimensional, ou seja, como se eles fossem assim mesmo, o escritor parece não se incomodar em estar preso a uma condição que lembra o primitivismo da espécie humana. Época que nos parece ser mais natural que o indivíduo, por seu estágio intelectual, tivesse menos capacidade de refletir acerca de seus atos.

Todavia, ainda que o escritor deixe frestas que possibilitem enxergar a real personalidade do homem/marciano, o que predomina no texto é a caracterização do personagem como sendo um ser arrojado, analogamente às características associadas ao planeta que lhe deu origem. Quando esse ser "está apaixonado, ele fica motivado a ser o melhor que puder a fim de servir os outros". (Ibid., p. 57). Tudo de que esse herói precisa, é de uma "[...] oportunidade de provar seu potencial." (Ibid, p. 57)

Gray nos descreve o herói, dando-nos informação do quanto ele é um ente admirável. Nos seus relacionamentos amorosos, o mesmo é cuidadoso com a parceira, despojado e abnegado. "[...] Ele pode facilmente suportar qualquer adversidade para fazê-la feliz porque a felicidade dela o faz feliz". (Ibid., p. 58). Ele é repleto de qualidades geniais. É um guerreiro destemido, reflexivo e cheio de amor para dar.

Em alguns momentos, o escritor admite que os homens/marcianos até podem manifestar insegurança: entretanto, isso tem a ver com o seu passado remoto, quando ainda viviam em Marte. Nesse planeta, estando inseguros, eles compensavam a sua fragilidade não se importando com mais ninguém, além deles.

Porém, a situação foi rapidamente superada pelos mesmos, na medida em que se tornaram poderosos.

[...] Tornando-se bem sucedidos e poderosos, eles finalmente se deram conta de que eram bons o bastante e que poderiam ter sucesso em se dar. Eles então descobriram as venusianas. Ainda que tivessem sido sempre bons o bastante, o processo de ter que provar o seu poder preparou-os para a sabedoria da auto-estima. Tornando-se bem-sucedidos e aí olhando para trás, eles perceberam que cada uma das suas falhas foi necessária para alcançar seu sucesso posterior. Cada erro tinha lhes ensinado uma lição muito importante, necessária para atingir seus objetivos. Então eles se deram conta de que tinham sempre sido bons o bastante. (Ibid., p. 69).

Enfatizamos que o escritor caracteriza o homem/marciano de modo a obedecer a um sistema pré-concebido, por meio do qual sabe-se que o herói virtuoso masculino é sempre infalível. Sua corporeidade tende a se encaixar num esquema, cujo objetivo maior é suscitar emoções positivas em relação ao personagem masculino e negativas em relação ao feminino. O homem/marciano deve provocar sentimentos de simpatia no leitor. Nesse sentido, os erros do mesmo nem erros são. São atitudes inerentes a indivíduos originários do planeta Marte - o deus da guerra São ações apaixonadas, necessárias para que eles possam seguir a sua sina de "conquistar lugares, defender os interesses, tratar de satisfazer os desejos e paixões"; de serem super-heróis.

No entanto, como já demonstramos, o escritor, por vezes, comete deslizos no seu afã de bem fazer do homem/marciano um herói positivo. Ao cometer essas faltas, o escritor escreve traços no herói que o fazem parecer imbecil aos nossos olhos. Na verdade, ao não se preocupar em estabelecer um modo inédito de fazer referências aos homens, o terapeuta apenas acaba reproduzindo a doutrinação cultural inerente ao status quo que vige e que ele demonstra defender. Nesse sentido, o herói, da obra focalizada, não consegue transcender às corriqueiras limitações, milenarmente, atribuídas aos componentes do gênero masculino e do gênero feminino.

De acordo com Gray - no tópico destinado a ensinar Como evitar discussões - no seu passado longínquo, em Vênus, as venusianas tinham necessidade de terem as suas ações validadas pelos marcianos. Em contrapartida, os marcianos, para se sentirem bem, tinham necessidade de serem apreciados pelas venusianas. Baseado na história dos seres alienígenas, o terapeuta afirma que também as mulheres e os

homens precisam ser validados e apreciados, em nome da felicidade amorosa dos dois. Preocupado com o êxito das relações amorosas das suas consumidoras, ele fornece orientações para que as mulheres aprendam como se comportar com os homens carentes da aprovação e da aceitação das mesmas.

[...] Quanto mais um homem ama uma mulher mais ele precisa de sua aprovação. [...] Aprovar um homem é ver as boas razões por trás do que ele faz. Mesmo quando é irresponsável, preguiçoso ou desrespeitoso, se a mulher o ama verdadeiramente, ela saberá encontrar e reconhecer a bondade dentro dele. Aprovar é encontrar a intenção amorosa ou a bondade por trás do comportamento externo. (Ibid., p. 180-181).

Acreditamos que Gray procede de forma, no mínimo, leviana, ao dar esses conselhos para mulheres, como forma de levá-las a agirem de maneira a favorecer o sucesso de suas relações de amor. Parece-nos que o escritor e terapeuta, com a feitura da criatura masculina que ele defende, está a prestar a sua contribuição para a manutenção do abominável arquétipo feminino da mulher passiva, que a ordem patriarcal não cogita deixar que caia no esquecimento.

Além do mais, assegurar que os homens necessitam serem aprovados em seus erros, em qualquer circunstância, significa subestimar a capacidade dos mesmos de se reconhecerem como seres que erram, mas que, todavia, podem se sentir incomodados a buscar superar suas falhas. Ele aplaude atos próprios de uma existência, similar à condição anterior do *pitecantropus erectus*, vivida por Lóri - a heroína de *Uma aprendizagem* ou *o livro dos prazeres* -, quando ela era alienada de si mesma e não conseguia perceber a complexidade do meio em que vivia.

Os ensinamentos que Gray deliberadamente reproduz orientam a prática da obediência ao poder constituído e à submissão ao "destino" como um fado pré-determinado por princípios, que ele assegura serem normais e que não podem jamais, ser quebrados, pois isso geraria uma violência à "natureza" dos homens guerreiros e das mulheres passivas.

Seu ensaio é frágil, como é frágil o homem/marciano que ele quer grandioso, uma vez que esse herói corre o risco de desmoronar, se por caso as inferiores mulheres/venusianas apontarem os erros dos mesmos. É intrigante constatar que o habilidoso homem/marciano só consegue se projetar em uma realidade, na qual ele não seja contrariado.

O procedimento de Gray tenta imputar às leitoras lições e comportamentos de passividade, diante de ações insensatas, que devem ser categoricamente repudiadas por todos, como forma de desautomatizar a realidade que insiste em robotizar os indivíduos.

Os elementos emocionais de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, são provocados por meio de procedimentos preconceituosos e convencionais; através de gestos semânticos dogmáticos. O seu sucesso depende da fé inquestionável que os leitores devem ter, de que eles são recursos milagrosos para se alcançar a felicidade no amor. Entretanto, assertamos que o deslize cometido pelo escritor, não chega a prejudicar o interesse dos leitores que consomem o seu produto literário, Haja vista a quantidade de edições de Homens são de Marte, mulheres são de Vênus, só no Brasil. Afinal não ficam claros, em uma leitura realizada com menos acuidade, os reais motivos que dão forma ao herói virtuoso e à heroína malévola da obra.

Como já sabemos, os livros de autoajuda são formulados para atingir um público vasto. Nesse sentido, suas formações discursivas devem massificar nos leitores os valores estereotipados que essa forma literária de massa veicula. E o procedimento que está em melhor conformidade com os objetivos mercadológicos do gênero, é a repetição do padrão, para que o leitor não estranhe o que consome e - com a alma invadida - se identifique com os valores disseminados pelos textos autoajudatórios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sustentamos que o procedimento expositivo, mas também crítico, realizado por nós, neste trabalho acerca do gênero literário de autoajuda, nos impôs intervenções, ao longo das análises dos textos, que explicitaram as conclusões a que chegamos a respeito do objeto alvo dos nossos estudos. Dessa feita, a tarefa que ora realizamos - neste espaço - deve servir para aprofundar as compreensões a que chegamos ao fim desta etapa de pesquisa desenvolvida sobre os livros de autoajuda. As formulações, aqui presentes, devem reiterar os procedimentos de crítica literária, já manifestados por nós, em toda esta obra, por meio da intervenção analítica que estabelecemos em relação a produtos literários de autoajuda.

O trabalho que desenvolvemos nos permitiu verificar a viabilidade das hipóteses que levantamos, a respeito do fenômeno editorial que constitui o gênero literário de autoajuda, na época histórica do capitalismo avançado. Partimos do estágio de simples intriga de recusa para uma compreensão qualificada a respeito do sucesso do gênero em foco.

Da nossa parte, superamos o preconceito acadêmico no que diz respeito a mergulhos investigativos sobre produtos literários de massa, Mercadorias que fascinam milhões e milhões de leitores em todo o mundo. E, além do mais: a realização desta investigação nos fez perceber a importância dos resultados dos trabalhos de Adorno e Horkheimer sobre "O esclarecimento como mistificação das massas na era da Indústria cultural".

Para nós, esse evento significou um gesto de amor aos homens, ainda que não tenha sido praticado deliberadamente com essa meta pelos frankfurtianos. Foi, digamos, uma manifestação de amor, no sentido de os estudiosos se preocuparem e conseguirem desvendar o sistema industrial cultural que tomou conta de todos os setores da vida dos indivíduos na modernidade, uma vez que o reencantamento, segundo os próprios estudiosos, não deixa ninguém de fora.

Dessa feita, Adorno e Horkheimer não eram figuras estranhas, a salvo do atual contexto industrial de mistificação, que se dá através dos usos da razão, mas que eles, no entanto, conseguiram identificar.

O sistema da indústria cultural, de acordo com Adorno e Horkheimer, se consolidou fazendo apologia do uso da técnica, e alegando a sua importância,

através do encantatório argumento de que o acesso de milhares de pessoas aos produtos industrializados, na modernidade, "[...] imporá métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais". (1997, p. 114).

Tal situação, no entanto, escamoteia os reais interesses desse sistema, no qual o uso da técnica serve como instrumento, para determinar a supremacia dos "economicamente mais fortes" sobre a sociedade e, aumentar assim as desigualdades sociais. É um ludíbrio. A manipulação da racionalidade técnica acabou por reforçar o poder do capital sobre a consciência das pessoas. Nesse sentido, os indivíduos encontram-se alienados de si; incapazes, não conseguem resistir aos apelos do consumo desordenado que, as mercadorias culturais, amorosamente, lançam em sua direção.

A relação de "amor" que a mercadoria desenvolve com o sujeito objetiva levá-lo à compreensão de que não há possibilidade de vida feliz, caso o mesmo venha a prescindir dos produtos que insistentemente batem à sua porta.

O comércio da cultura, dos hábitos cotidianos, dos desejos, das necessidades e do suprimento dos mesmos, caracteriza um fenômeno conseqüente dos resultados dos usos ignóbeis da ciência, da razão. Ou melhor, a percepção de que tais elementos - de fundamental importância para a vida das pessoas - constituem recursos essenciais para o lucro do patrão, contribuiu de forma nunca vista, para contaminar todas as esferas das relações humanas, na era da cultura de massa. Quaisquer manifestações humanas são vistas como prováveis condutoras de lucro. A saúde, a família, a política, a religião, o lazer, a educação, enfim, o conhecimento científico, encontram-se entranhados pelo poder absoluto das leis que regem o mercado global.

O desenvolvimento das ciências - resultado do uso da razão -, que, se supunha, possibilitaria estruturas e relações sociais melhores e mais de acordo com o atendimento das necessidades do homem, trouxe, proporcionalmente ao nível de avanço tecnológico alcançado, maiores mazelas sociais para a humanidade, haja vista a globalização do uso do conhecimento como forma de universalizar a miséria e não uma vida digna para todos.

Vive-se uma época, na qual a sociedade atua de modo irracional, apesar de todo o progresso alcançado pela racionalização. Assim o desenvolvimento da ciência, ao invés de estabelecer modos insólitos de vida qualificada para a

humanidade, na verdade logrou se constituir em meios refinados de concentração de riqueza e de poder, nas mãos de uns poucos privilegiados. Para os demais restam os desejos de se tornarem privilegiados também. Nesse contexto, evidencia-se "o desaparecimento progressivo e irreversível do sujeito". No entanto, em acordo com Arturo Gouveia, acreditamos que:

Não devemos banalizar essa compreensão como um mundo não mais movido pela ação dos homens ou sem lutas de classes, como certas tendências pós-modernas diluem a questão. O domínio quase absoluto do capital sobre o planeta é a expressão máxima da luta de classes. O que falta não é dominação e conflito; o que falta é uma força social significativa que tome esse conflito ao menos bilateral. (2004, p. 32-33).

Esses conflitos encontram-se enevoados pelas mais variados instrumentos de persuasão, que visam falsear a realidade aparente. Ou seja, a engrenagem que estrutura a indústria da cultura, através da razão técnica, forjou novos meios de tornar encantada a realidade.

A todo instante a indústria cultural se apropria de mais e mais objetos, que possam contribuir para a manutenção do poder dos seus administradores. E a literatura de autoajuda, por meio da garantia de felicidade que comercializa, tem contribuído, em longa escala, para recheiar de lucro as contas dos capitalistas, que detém a gerência da indústria da cultura dos desejos e comportamentos do homem, na modernidade.

Este produto literário da indústria cultural moderna revela um fenômeno mercadológico que investe nas necessidades dos indivíduos de modo a levá-los a agir de forma sobre-humana e solitária, para enfrentar as agruras sociais que a civilização individualista contemporânea impôs a todos nós.

O sujeito é estimulado a crer que a saída pode ser alcançada de maneira particular, uma vez que a fragilidade das organizações coletivas gerou uma desconfiança nas pessoas em relação às reais possibilidades de as mesmas ultrapassarem obstáculos por meio da ação entre si. Nesse sentido, a literatura de autoajuda revelou ser um produto buscado por consumidores carentes, e vai ao encontro de uma realidade desencantada, para a qual é de grande importância a máxima de que: quanto mais frágeis os homens numa sociedade, tanto mais eles carecem de super-receitas: e tanto mais super-receitas lhes são ofertadas pela

indústria da cultura - pelos meios de comunicação de massa, pelas relações humanas massificadas - como forma de mantê-los frágeis.

Pelas necessidades que busca atender, pelos motivos que geram e sustentam a sua circulação, enfim, por seu perfil religioso, afirmamos que a literatura de autoajuda pode ser considerada uma nova religião. Uma religião analogamente à manifestação mística humana, cujo sentido foi assim definido por Marx:

A religião é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. O banimento da religião como felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, a crítica do vale de lágrimas de que a religião é o esplendor. (2002, p. 25-26).

Por fim, assertamos que assim também funciona a literatura de autoajuda, na medida em que essa forma literária concorre com outras grandiosas manifestações de massa, como forma de mistificar e lenificar a desumana realidade vigente. Ela é um novo dogma, tão necessário ao leitor consumidor carente de mitos, que desencadeiem nele uma fé que remova as montanhas de problemas do seu cotidiano. E, como dogma, espera-se que as pessoas a aceitem sem questionar. Entretanto, a impossibilidade de questionamento resulta na ausência da possibilidade de efetivação do uso racional da razão humana.

Essa realidade está em perfeita sintonia com a afirmação adorniana de que: o tempo de concretização da filosofia encontra-se perdido, mas não ultrapassado. A filosofia é a atitude da razão pensando sobre si mesma. Assim sendo, ela deve desempenhar o papel de advogado da promessa da razão. Pois, embora o desenvolvimento e prática da razão não tenham conseguido remir a maioria da sociedade, da miséria em que vive, como atestam as condições de vida do homem africano - apenas para ficarmos com um exemplo mais distante dos nossos olhos -, a razão humana deve perseguir o seu ideal primeiro de ser capaz propiciar uma vida melhor para todos - através da disseminação do conhecimento - como outrora ela havia prometido realizar.

Para tanto, a filosofia - reflexão da razão sobre si mesma, deve "[...] desconfiar de sua tradição, de seus próprios métodos, sua terminologia, suas formas

literárias [...]", como afirma Christoph Türcke (2004, p. 47), em Pronto Socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa. Só assim a mesma poderá ser digna de credibilidade entre os homens.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. *Percursos da leitura*. In: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **La Sociedad: Lecciones de Sociología**. Buenos Aires: Proteu, 1969.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

AUERBACH, E. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.

BARTHES, R. *A morte do autor*. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: Textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M.(org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.

BLOOM, H. **Shakespeare**: a invenção do humano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. **Literatura - a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BOSI, A. A interpretação da obra literária. In: BOSI, A. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: Ática, 1988.

BOSI, A. Os estudos literários na Era dos Extremos. In: BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOTTON, A. de. **As consolações da filosofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

- BRAIT, B. **A personagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BRECHT, B. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.
- BRICOUT, B. "Conto e mito". *In*: BRUNEL, P. (org.). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekund *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- BUONFIGLIO, M. **Anjos cabalísticos**. São Paulo: Oficina Cultural Esotérica Ltda., 1993.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981. (Debates, 1).
- CANDIDO, A. "Degradação do espaço". *In*: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 55-94.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CARNEGIE, D. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- CHAGAS, A. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma**. 2. ed. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2001.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CHKLÓVSKI, V. A arte como procedimento. *In*: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- CLARET, M. **A essência da auto-ajuda: a essência da sabedoria dos grandes gênios de todos os tempos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- COELHO, P. **Brida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- COELHO, P. **O diário de um mago**. 49. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- COELHO, P. **Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei**. 70. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- COELHO, P. **O alquimista**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- COELHO, P. **Histórias para pais, filhos e netos**. São Paulo: Globo, 2001.

COELHO, P. **Estatutos para a vida**. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2004.

COELHO, P. **O Zahir**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. *In*: CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr., João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CORTÁZAR, J. Do conto e seus arredores. *In*: CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr., João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECO, U. **O super-homem de massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

EIKHENBAUM, B. A Teoria do "Método Formal". *In*: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria da Literatura**: Formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

ESPANCA, F. **Poemas de Florbela Espanca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 7. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HAUG, W. F. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. (Biblioteca básica).

FRYE, N. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

FRYE, N. **Código dos códigos**: a Bíblia e a literatura. *São Paulo*: Boitempo, 2004.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FROOM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

GIARDINELLI, M. Estrutura e morfologia do conto. *In*: GIARDINELLI, M. **Assim se escreve um conto**. Trad. Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. p. 23-55.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 6. reimp. São Paulo: UNESP (FEU), 1991.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

GOUVEIA, A.; MELO, A. C. de. A epopéia negativa do século XX. *In*: GOUVEIA, A.; MELO, A. C. de. **Dois ensaios frankfurtianos**. João Pessoa: Idéia, 2004.

GRAY, J. **Homens são de Marte, mulheres são de Vênus**. Trad. Alexandre Jordão. 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GUTIÉRREZ, R. **O feminismo é um humanismo**. Rio de Janeiro: Antares, 1985.

- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HÉRBRARD, J. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. *In*: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JOHSON, S. **Quem mexeu no meu queijo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- KIERKEGAARD, S. A. Temor e tremor. *In*: SCHOPENHAUER, A.; KIERKEGAARD, S. A. **Os pensadores**. São Paulo: Abril cultural, 1974. p. 249-327.
- KOTHE, F. **O herói**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios, 24).
- KOTHE, F. **A narrativa trivial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- LAMA, D. **O caminho da tranqüilidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUFT, L. **Perdas & ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. *Porto*: Elfos, 1989.
- LUKÁCS, G. O romance como epopéia burguesa. *In*: LUKÁCS, G. **Ensaio Ad Hominem: Música e Literatura**. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999. p. 87-136. (n. 1, tomo II).
- LYONS, M. Os novos leitores no séc. XIX: mulheres, crianças, operários. *In*: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARGARIDO, A.; PORTELA FILHO, A. **O novo romance**. Lisboa: Presença, 1962.
- MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Trad. Eliane Zagury. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- MARTHE, M. O auto-astral da auto-ajuda. **Revista VEJA**, São Paulo: Editora Abril, 13. nov. 2002, p. 114-124.
- MARX, K. A mercadoria. *In*: MARX, K. **O capital**. Trad. Reginaldo Sant'anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MARX, K. Contribuição à crítica da filosofia do Direito de Hegel. *In*: MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MOI, T. **Teoria literária feminista**. Madrid: Cátedra, 1995.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MOISÉS, M. O conto. *In*: **A criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 15-54.

MORGADO, B. **A solidão da mulher bem-casada**: um estudo sobre a mulher brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

OS LIVROS mais vendidos. **Revista Época**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 27 fev. 2006.

OVÍDIO. **A arte de amar**. Trad. Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.

PAES, J. P. O pobre diabo no romance brasileiro. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 20, 1988.

PETRUCCI, A. Ler por ler: um futuro para a leitura. *In*: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.). **História da leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

PIGLIA, R. Teses sobre o conto. *In*: PIGLIA, R. **O laboratório do escritor**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994. p. 37-41.

POE, E. A. A filosofia da composição. *In*: POE, E. A. **Poesia e prosa**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [199-?]. p. 407-414.

QUEIRÓZ, V. Crítica, leitora, experiência. *In*: QUEIRÓZ, V. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997. p. 57-102.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 29).

ROSENFELD, A. **À procura do mito perdido**: notas sobre a crise do romance psicológico -doze estudos. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.

ROSENFELD, A. **Texto/Contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

RÜDIGER, F. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. *Petrópolis*: Vozes, 1979.

SANTOS, J. R. dos. **Paulo e Virgínia: o literário e o esotérico no Brasil Atual**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SÉNECA. **Da vida feliz**. Trad. João C. C. de Mendonça. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SÉNECA. **Sobre a providência divina, Sobre a firmeza do homem sábio**. Trad. Ricardo da C. Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

SHINYASHIKI, R. T.; DUMÉT, E. B. **Amar pode dar certo**. São Paulo: Editora Gente, 1988.

SMILES, S. **Ajuda-te**: exemplos de comportamento e perseverança. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Livreiro- Editor, [190- ?].

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **A Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento**. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília-DF, 1969.

SODRÉ, M. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SODRÉ, M. **Best-seller**: a literatura de mercado. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

TODOROV, T. **Os homens-narrativas**: as estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 119-133. (Debates, 14).

TODOROV, T. Os limites de Edgar Poe. In: BAKHTIN, M.; BEZERRA, P. **Os gêneros do discurso**. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 155-165. (Ensino Superior).

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

TÜRCKE, C. "Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios para a dialética negativa". In: ZUIN, A.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. (org.) **Ensaio frankfurtianos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 46-47.

TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. *et al.* **Teoria da Literatura**: formalistas russos. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. v. 2. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1992.

WOOLF, V. **O status intelectual da mulher: um toque feminino na ficção**. Trad. Patrícia de F. Camargo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (X) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? PROFESSORA
- 2) Qual a sua formação escolar? UNIVERSITÁRIA / PÓS-GRADUAÇÃO
- 3) Em que instituição você trabalha?
- 4) Você gosta de ler? SIM Com que frequência? SEMPRE
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
 - (1) poesia
 - (2) ficção/romance
 - (1) revista/ cite duas: Claudia e Veja
 - () jornal/ cite dois: meu gosto de ler jornal (ou parte)
 - (3) livro teórico da sua área de atuação

Outros: livros de astrologia e livros de culinária

Por quê?

- 6) Como você define literatura? É o... cuja linguagem
volta-se sobre si mesma
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (X) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? já li e de vez em
quando estou lendo
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? a literatura de auto-ajuda
é aquela que busca ensinar, ajudar
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? inteligência
emocional e principalmente o relacionamento (homem/
mulher)
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
(X) sim () não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? Ela é considerada
uma produção "menor", sem qualidade literária, artificial
- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? é uma concepção
herdada dos românticos
- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais;
cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez)
desses livros, respondendo:
 - 1º Livro: 'Inteligência emocional' Autor: neal lembo
De que trata: inteligência emocional O que mais gostou: a arte de criar os seus filhos
O que menos gostou: _____
 - 2º Livro: 'Mulheres são de Vênus' Autor: homens das de Marte
De que trata: relacionamentos homem/mulher O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____
 - 3º Livro: 'Mulheres que sabem de tudo' Autor: mulheres
De que trata: relacionamentos O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____
 - 4º Livro: 'Carando príncipes' Autor: exclusivos papéis
De que trata: relacionamentos O que mais gostou: o senso de humor
O que menos gostou: _____
 - 5º Livro: _____ Autor: _____

* Em geral, o que me mais gostou em quase todos os
livros de auto-ajuda (principalmente os americanos)
são as descrições das coisas: nunca as leis.

De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 6º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 7º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 8º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 9º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 10º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. _____

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? Que parecia comigo.

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) **razões culturais**: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- ⇒ b) **razões pessoais**: baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- c) **razões pessoais**: por mera opção de entretenimento;
- d) **razões pedagógicas**: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- e) **razões de gênero**: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.

f) **Outro(s) motivo(s)**. Qual(is): trabalham de questões de relacionamento homem/mulher

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? _____

Explique: algumas foram, outras não.

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula? Como os livros mais lidos pelo público.

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa permeando variadas classes sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa? Não. A literatura de massa é diferente.

Considerando o número de analfabetos e a renda per capita do brasileiro, o Brasil é um país que lê muito, principalmente os livros de auto-ajuda que significam às vezes o principal produto das editoras. A literatura de auto-ajuda é, no meu entender, literatura de massa, por isso nos ~~consegue~~ ^{compreendendo o teor} cada pergunta.

leitor brasileiro.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (X) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? professora / pesquisadora
- 2) Qual a sua formação escolar? pós-graduação em
- 3) Em que instituição você trabalha? UFPA
- 4) Você gosta de ler? sim Com que frequência? leio q/menos profissionais e por prazer 6h/se
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
 - (6) poesia
 - (5) ficção/romance
 - (3) revista/ cite duas: Revista Observatório e L'Espresso
 - (4) jornal/ cite dois: Le Monde Diplomatique e L'Espresso
 - (2) livro teórico da sua área de atuação

Outros: Não - ficção - geral

Por quê? por que oferece mais possibilidades

- 6) Como você define literatura? expressão artística de emoções, sentimentos, ideias, visão do mundo, pela palavra escrita
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (X) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? não tenho interesse

9) Como você define a literatura de auto-ajuda? conselhos ou reflexões sobre atitudes no quadro dos relacionamentos humanos

10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? gênero e atitude para lidar com a vida

11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
() sim (X) não

12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? Nada, mas conheço que não são a melhor opção

13) O que você pensa desse tipo de opinião?
essa opinião é um pouco mais compatível com

14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:

1º Livro: Mulheres gloriam-se do poder Autor: Carissa Pivoli Este
De que trata: exp. práticas de mulheres O que mais gostou: abrir um novo mundo
O que menos gostou: nenhum

2º Livro: How to change your life Autor: Alain de Botton
De que trata: Atos penosos, melhorando O que mais gostou: a abordagem humana do autor
O que menos gostou: nenhum

3º Livro: Os humanos são feitos assim - Autor: Johanna Gray
De que trata: Relacionamentos entre casais O que mais gostou: a abordagem e a especificação
O que menos gostou: a abordagem e a especificação

4º Livro: Metodo Silver e Controle Mental Autor: Silva
De que trata: Como passar q/ vida difícil O que mais gostou: como passar por isso e conseguir
O que menos gostou: idem - um relato, não é fácil fazer os exercícios

5º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 6º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 7º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 8º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 9º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 10º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. Acaso

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? a curiosidade motivou minha iniciativa própria

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) **razões culturais:** fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- b) **razões pessoais:** baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- c) **razões pessoais:** por mera opção de entretenimento; ←
- d) **razões pedagógicas:** por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- e) **razões de gênero:** você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.
- f) **Outro(s) motivo(s).** Qual(is): curiosidade

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda?

Explique: Minha curiosidade foi satisfeita

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula? Não tenho oportunidade

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa?

Acho que existe literatura de massa no Brasil (sabim, Paulo Belluschi, Tex, vários especialistas em novelas, que dizem) Estes que veem os são mais eficientes // sem aproximação + 7 livros de auto-ajuda em minha opinião

Gêneros está na Cultura Sexo está na Biologia

Sexo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (x) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? Professora
- 2) Qual a sua formação escolar? Superior
- 3) Em que instituição você trabalha? UFPA
- 4) Você gosta de ler? sim Com que frequência? diariamente
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
(4) poesia (3) ficção/romance
(5) revista/ cite duas: VEJA e CLÁUDIA
(2) jornal/ cite dois: Correio da P.B. e Folha de S.P.
(1) livro teórico da sua área de atuação

Outros: livros, artigos, com abordagem psicoanalítica,

Por quê? Porque nos ajudam a entender o mundo, o
outro e a nós mesmos.

6) Como você define literatura? Um acervo, um volume, de escritos q. por
dem ser ficcionais ou não

7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (x) sim () não

8) Se já leu, por que não lê atualmente? Porque eles não mais atendem as
nossas exigências existenciais, ficam muito

9) Como você define a literatura de auto-ajuda? Aquela que com
pretensão de ajudar o outro ajuda mais o bolso de

10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? Foi na
minha jornada de e a febre da o Pensamento Positivo.

11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
() sim (x) não

12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? Nada

13) O que você pensa desse tipo de opinião? Nada

14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais;
cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez)
desses livros, respondendo:

1º Livro: Feminino como o homem vê a mulher. Autor: Luiz Cury

De que trata: Viéses do masculino O que mais gostou: salvo a visão do
O que menos gostou: o feminino e sobre a mulher homem sobre

2º Livro: Mulher 40: à sombra Autor: Marilene Fontes, Regina

De que trata: a crise feminina O que mais gostou: da visão Pimentel
O que menos gostou: as 40 anos por um psicoanalítico ver a mulher

3º Livro: Adolescência da loba Autor: nono

De que trata: crise dos 40 O que mais gostou: da visão histórica e psico
O que menos gostou: política sobre a mulher

4º Livro: Perdas Necessárias Autor: Judith Vigor

De que trata: das perdas ao longo O que mais gostou: da ideia dos conceitos
O que menos gostou: da existência humana em perfeita

5º Livro: Mulheres q. atraem Autor: Connell Cowan

os homens e Mulheres e Melvyn Kridner
q. os afastam

Das expectativas femininas e masculinas nos

De que trata: relações afetivas O que mais gostou: de tudo
O que menos gostou: _____

6º Livro: Da outra margem do rio Autor: Pablo Coelho

De que trata: melancolia/perda O que mais gostou: a história em si - feroz
O que menos gostou: mente, da construção ficcional.

7º Livro: Hulheres q. correm q. os botos Autor: _____

De que trata: * Estou ainda lendo O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____

8º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

9º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

10º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. Carca em mãos estantes

de literatura nos E.U.A
16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? A capacidade do ser humano de

superar-se, superando suas experiências negativas

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) razões culturais: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- ✓ b) razões pessoais: baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- c) razões pessoais: por mera opção de entretenimento;
- d) razões pedagógicas: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- e) razões de gênero: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.

f) Outro(s) motivo(s). Qual(is): Acho q. esta literatura é sempre boa

por proporcionar o lidar com a própria humanidade e tem seu
muito percepção das necessidades humanas e de

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? Confirmadas

Explique: Por ser jovem e ter uma mente abertamente em
abertura para qualquer coisa e não medo do poder do
olhar crítico e por isso não tem medo de

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula? Nunca tive essa experiência

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa?

Não tenho opinião formada.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (X) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? PROFESSOR
- 2) Qual a sua formação escolar? SUPERIOR / PÓS-GRADUADO
- 3) Em que instituição você trabalha? UEPIR / CAMPUS II
- 4) Você gosta de ler? SIM Com que frequência? SEMPRE
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
(3) poesia (4) ficção/romance
(2) revista/ cite duas: NOVA ESCOLA e SAÚDE (E VIDA)
(5) jornal/ cite dois: FOLHA DE SÃO PAULO e O NORTE
(1) livro teórico da sua área de atuação

Outros: _____

Por quê? _____

- 6) Como você define literatura? É A "ARTE" DA PALAVRA
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (X) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? SEMPRE QUE VEJO UM LIVRO DE AUTO-AJUDA DEPENDENDO DO TEMA, INTERESSO-ME POR ELLO.
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? UMA LITERATURA QUE PODE PREENCHER ESPAÇOS VAZIOS E PODE CONTRIBUIR PARA REFELEXÕES SIGNIFICATIVAS
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? SOLIDÃO/FELICIDADE/AMOR/DOENÇA/CASAMENTO/MULHER/ENSINAMENTOS
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
(X) sim () não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? HÁ QUEM CONSIDERE COMO UMA SUB-LITERATURA, COLOCANDO-A À MARGEM PAVTANDO-A COMO UMA LITERATURA MARGINALIZADA E COM PRECONCEITOS.
- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? ACHO UMA VISÃO ESTREITA E PRECONCEITUOSA DE "INTELLECTUALS" PEDANTES
- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:
1º Livro: A SOLIDÃO DA MULHER BEM-CASADA Autor: BELKIS MORGADO
De que trata: DOS CASAMENTOS FALHADOS O que mais gostou: DA MOSTRAGEM DA MULHER SOLITÁRIA APARENTEMENTE FELIZ E BEM-CASADA.
O que menos gostou: QUANDO O PRECONCEITO
2º Livro: AMAR É PRECISO Autor: ? MATARAZZO
De que trata: COMO AMAR E SER FELIZ O que mais gostou: DAS OBSERVAÇÕES SOBRE O SABER
O que menos gostou: _____
3º Livro: QUEM AMA MÃS ADOCECE Autor: _____
De que trata: DA RELAÇÃO HÍGICA/MATRO O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____
4º Livro: PRECISO E SER FELIZ Autor: ?
De que trata: DE COMO SER FELIZ O que mais gostou: DAS QUESTÕES DISCUTIDAS SOBRE SER FELIZ
O que menos gostou: DA LINGUAGEM (SÓCIO - HÁ DESVIO)
5º Livro: MULHER CORRENTE DE CASA Autor: LUCILENE DA SILVA
E MESA

De que trata: SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE MODERNA O que mais gostou: DAS CONDIÇÕES HIGIENICAS
 O que menos gostou: SOBRE A MULHER NA SOCIEDADE
 6º Livro: O PODER DO ENCAMIAMENTO Autor: COLLETA O PODER DO PODER
 De que trata: RELAXAMENTO / STRESS O que mais gostou: DOS ENCAMIAMENTOS E REFLEXÕES
 O que menos gostou: DA MARTIN CLARET
 7º Livro: O PODER DA CROMOTERAPIA Autor: COLLETA O PODER DO PODER
 De que trata: COMO AS COISAS PODEM CURAR O que mais gostou: DE TUDO
 O que menos gostou: DOS ENCAMIAMENTOS E ORIENTAÇÕES TÉCNICAS
 8º Livro: DE TUDO Autor: DA MARTIN CLARET
 De que trata: DE TUDO O que mais gostou: DE TUDO
 O que menos gostou: DE TUDO
 9º Livro: DE TUDO Autor: DE TUDO
 De que trata: DE TUDO O que mais gostou: DE TUDO
 O que menos gostou: DE TUDO
 10º Livro: DE TUDO Autor: DE TUDO
 De que trata: DE TUDO O que mais gostou: DE TUDO
 O que menos gostou: DE TUDO

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. POR INICIATIVA PRÓPRIA

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? O TÍTULO: A SOLUÇÃO DA MULHER BEM CASADA

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) razões culturais: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- ✓ b) razões pessoais: baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- c) razões pessoais: por mera opção de entretenimento;
- d) razões pedagógicas: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- ✗ e) razões de gênero: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.
- f) Outro(s) motivo(s). Qual(is): ELES FUNCIONAM COMO UMA TERAPIA

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? CONFIRMADA

Explique: TEM ALGUNS CASOS QUE FICAM CONFIRMADOS, ESPECIALMENTE O LIVRO DE BELKIS MANGABEIRA E O DA MARGARETA

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula? (VIDE VERSO)

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa?

Ainda não me ocorreu nenhum caso, mas no dia em que o assunto vier à tona, tratarei com naturalidade e direi minha opinião sobre o assunto. Não considero o livro de auto-ajuda como uma subliteratura.

Considerar livros, música, filmes, etc como cultura de massa respaldado na ideia de "povo", é um preconceito que advém de ^{uma} cultura de classe social dominante que discrimina a população por ocupar espaços sociais marginalizados pela própria classe social. É uma divisão pautada em valores ideológicos discriminatórios e sustentados e conservados por uma classe social dominante e autoritária. Enquanto os "intelectuais" enxergam o livro de auto-ajuda como subliteratura, ela será sim vista e classificada como literatura de massa. O que significa que tais "intelectuais" complicitam com o sistema que rege as classes sociais.

9

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (X) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? PROFª DE ATIVIDADES CORPÓREAS
- 2) Qual a sua formação escolar? LICENCIATURA EM ED. FÍSICA
- 3) Em que instituição você trabalha? ESTADO E MUNICÍPIO
- 4) Você gosta de ler? SIM Com que frequência? SEMANALMENTE
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
() poesia () ficção/romance
() revista/ cite duas: J. CLÁUDIO e 2. UOL
() jornal/ cite dois: J. CORREIO e S. O NORTE
(X) livro teórico da sua área de atuação

Outros: LIVROS DE AUTO-AJUDA, LIVROS RELIGIOSOS

Por quê? ME FORTALECEM E INFORMAM

- 6) Como você define literatura? UMA FORMA CLARA, RICA E IMPORTANTE DE CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO A TODOS.
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (X) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? LEIO NO MÍNIMO UM AO MÊS
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? UM SUPORTE PARA BUSCA DO MEU EQUILÍBRIO, MINHA TERAPIA
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? AUTO ESTIMA, CRESCIMENTO ESPIRITUAL, FELICIDADE, etc.
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
() sim (X) não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? DESCONHEÇO
- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? _____

- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:

- 1º Livro: SEM MEDO DE VENCER Autor: ROBERTO SHIMYASUKI
De que trata: MEIOS PARA REALIZAÇÃO O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____
- 2º Livro: O SUCESSO NÃO OBRIGA Autor: LAIR RIBEIRO
De que trata: POBRES O que mais gostou: COMO TORNAR A VIDA MAIS PRODUTIVA.
O que menos gostou: _____
- 3º Livro: AMOR PODE DAR CERTO Autor: ROBERTO SHIMYASUKI
De que trata: DOS OBJETIVOS QUE O que mais gostou: _____
O que menos gostou: SE TEM QUANDO SE VIVE COM ALGUÉM.
- 4º Livro: COMUNICAÇÃO GLOBAL Autor: LAIR RIBEIRO
De que trata: COMO SE RELACIONAR O que mais gostou: _____
O que menos gostou: CONSIGO MESMO E COM OS OUTROS
- 5º Livro: O CAMINHO DA TEAM Autor: PAULO LAMÔ
OU LÍDARE

INSPIRAÇÃO PARA DESENVOLVER

De que trata: A PAZ DE ESPÍRITO O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

6º Livro: MULHERES QUE AMAM DEMAIS Autor: ROBIN NORWOOD

De que trata: RETIRADA DA OBSESSÃO O que mais gostou: _____

O que menos gostou: POR UM LOMEM, COLOCANDO-A NA PRÓPRIA VIDA

7º Livro: JESUS TE AMA Autor: REGIS COSTA / MISA CASTRO

De que trata: COMO O AMOR DE JESUS O que mais gostou: _____

O que menos gostou: SE MANIFESTA EM NOSSA VIDA

8º Livro: AMOR, VERDADE, FELICIDADE Autor: DALAI LAMA

De que trata: REFLEXÕES PARA TODOS O que mais gostou: _____

O que menos gostou: FORMA A MENTE

9º Livro: MISTÉRIOS DO CORAÇÃO Autor: ROBERTO SHIMYASHIKI

De que trata: REALIZAR A CONDIÇÃO O que mais gostou: _____

O que menos gostou: TA DO SEU CORAÇÃO INTERIOR

10º Livro: GOTAS DE ESPERANÇA Autor: JOSE ALBERTO

De que trata: E OTIMISMO O que mais gostou: _____

O que menos gostou: MEIOS PARA BUSCA DE IDEIAS E OBJETIVOS, TORNANDO-SE UMA PESSOA REALIZADA E FELIZ.

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. POR INDICAÇÃO DE AMIGOS E GRUPOS DE MÚTUA AJUDA

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? QUE ME FORNECERIA VALIOSA AJUDA

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

a) razões culturais: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;

☒ razões pessoais: baseadas na busca por superar problemas pessoais;

c) razões pessoais: por mera opção de entretenimento;

☒ razões pedagógicas: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;

e) razões de gênero: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.

f) Outro(s) motivo(s). Qual(is): TER ADQUIRIDO O GOSTO PELA LEITURA APÓS O PRIMEIRO LIVRO LIDO.

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? CONFIRMADAS.
Explique: A CADA LIVRO, UM PASSO PARA O CRESCIMENTO PESSOAL E ESPÍRITUAL.

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula?

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa? AO MEU VER, EM NOSSO PAÍS NÃO EXISTE LITERATURA DE MASSA, VISTO QUE MAIS DO METADE DA POPULAÇÃO NÃO TEM ACESSO A NENHUMA LITERATURA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (x) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? _____
- 2) Qual a sua formação escolar? ps - graduanda
- 3) Em que instituição você trabalha? _____
- 4) Você gosta de ler? Sim Com que frequência? diariamente
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
 - (1) poesia (2) ficção/romance
 - (4) revista/ cite duas: Cult e Seleções
 - (5) jornal/ cite dois: Folha e Tribuna do Norte
 - (3) livro teórico da sua área de atuação

Outros: _____

Por quê? A arte me atrai.

- 6) Como você define literatura? Sinto escrito com arte que favorece cultura, prazer e aprendizado ao seu leitor.
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (x) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? Li apenas um de Paulo Coelho e achei péssimo, por isso não li mais.
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? Literatura comercial sem nenhuma qualidade artística.
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? O crescimento espiritual do homem.
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda? () sim (x) não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? _____
- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? _____

- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:

1º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
2º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
3º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
4º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
5º Livro: _____	Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 6º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 7º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 8º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 9º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 10º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. Por curiosidade.

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? Eu queria saber o que Paulo Coelho tem de tão "bom".

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) razões culturais: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- b) razões pessoais: baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- c) razões pessoais: por mera opção de entretenimento;
- d) razões pedagógicas: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- e) razões de gênero: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.
- f) Outro(s) motivo(s). Qual(is): Curiosidade

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? Negadas
 Explique: O livro que li possui um erro de português e não auto-ajuda ninguém.

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula? —

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa? Sim, porque literatura de auto-ajuda é literatura para de massa, apesar de grande massa não ter acesso, devido a fatores financeiros.

A e

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? (X) masculino () feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? Ebodo
- 2) Qual a sua formação escolar? Superior incompleto
- 3) Em que instituição você trabalha? Ebodo na UFGG
- 4) Você gosta de ler? Sim Com que frequência? Sempre
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
(1) poesia (1) ficção/romance
(3) revista/ cite duas: Veja e Cinco Anos
(4) jornal/ cite dois: J. da Paraíba e J. da Borborema
(2) livro teórico da sua área de atuação

Outros: _____

Por quê? _____

- 6) Como você define literatura? De um modo mais específico, como a arte das palavras que ajuda a organizar sentimentos e emoções do leitor.
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (X) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? Descobri leituras mais interessantes e prazerosas para minha vida.
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? Uma prática para arrecadar muito dinheiro.
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? O homem, suas inquietações, o universo e ~~apresenta~~ muitos mistérios.
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
(X) sim () não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? Fala-se em um jogo de mercado em que o principal interesse é o financeiro.
- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? Acredito que tem fundamento. "Em uma sociedade capitalista o que importa é o capital!"
- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:

1º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

2º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

3º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

4º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____

O que menos gostou: _____

5º Livro: _____ Autor: _____

De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 6º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 7º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 8º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 9º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 10º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____

- 15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. Indicação de um amigo e sugestão de meios de comunicação, principalmente, a tv.
- 16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? Anisti a uma entrevista de João Soares com o Paulo Coelho em que este era apresentado como um grande escritor.
- 16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?
- ☒ **razões culturais:** fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
 - b) **razões pessoais:** baseadas na busca por superar problemas pessoais;
 - c) **razões pessoais:** por mera opção de entretenimento;
 - d) **razões pedagógicas:** por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
 - e) **razões de gênero:** você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.
 - f) **Outro(s) motivo(s).** Qual(is): _____

- 17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? Confirmadas.
 Explique: Não tinha espírito crítico para avaliar o que estava lendo. Tudo que eu lia era aceitável.
- 18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula?
- 19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa?

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (x) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? Bancária
- 2) Qual a sua formação escolar? Pós-Graduação em Finanças
- 3) Em que instituição você trabalha? Banco do Brasil
- 4) Você gosta de ler? sim Com que frequência? _____
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
() poesia (x) ficção/romance
(x) revista/ cite duas: Veja e Exame
(x) jornal/ cite dois: Correio da Manhã e Gazeta Mercantil
() livro teórico da sua área de atuação

Outros: Caso Cláudia

Por quê? Necessidade de manter-me informada e por lazer.

- 6) Como você define literatura? _____

- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (x) sim () não

- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? _____

- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? vide verso

- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? Felicidade, motivação, mudança, liderança

- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
(x) sim () não

- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? Isso li que pensam ser charlatanismo.

- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? Acho que nada pode ser visto sob um "ângulo" só.

- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:

1º Livro: Quem mexeu no meu queijo? Autor: _____

De que trata: Mudanças O que mais gostou: mostra-nos a importância

O que menos gostou: _____ de procurar outros caminhos.

2º Livro: Histórias para Pais filhos e Netos Autor: Paulo Coelho

De que trata: coletânea de Contos O que mais gostou: ensina-nos a importância

O que menos gostou: _____ dos valores espirituais

3º Livro: Não Faça Temporalidade em Copo Autor: Richard Carlson

De que trata: Mudança de ^{da vida} atitude O que mais gostou: Mostra que devemos simpli-

O que menos gostou: _____ ficar a vida

4º Livro: Histórias que elevam a alma Autor: Guilherme Victor Cordeiro

De que trata: Amor e Espiritualidade O que mais gostou: Traz histórias que podem

O que menos gostou: _____ ser usadas em reuniões

5º Livro: O Livro da transformação Autor: Osho

Questão 9 : Considero interessante por nos dar a oportunidade de receber conselhos e conselhos que podem ser aplicados no nosso dia a dia.

Não se trata da "descoberta da pólvora", porém nos leva a refletir sobre atitudes e decisões que tomamos, nos ajuda a ponderar sobre nosso comportamento e o comportamento alheio, fazendo-nos entender melhor e conviver melhor com as diferenças existentes entre as pessoas e enfrentar as dificuldades e desafios que nos aparecem.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (x) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? _____
- 2) Qual a sua formação escolar? ps - graduanda
- 3) Em que instituição você trabalha? _____
- 4) Você gosta de ler? Sim Com que frequência? diariamente
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
 - (1) poesia
 - (2) ficção/romance
 - (4) revista/ cite duas: Cult e Seleções
 - (5) jornal/ cite dois: Folha e Tribuna do Norte
 - (3) livro teórico da sua área de atuação

Outros: _____

Por quê? A arte me atrai.

- 6) Como você define literatura? Seio escrito com arte que favorece cultura, prazer e aprendizado de seu leitor.
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (x) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? Sei apenas um de Paulo Coelho e achei péssimo, por isso não leio mais.
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? literatura comercial sem nenhuma qualidade artística.
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? O crescimento espiritual do homem.
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda? () sim (x) não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? _____
- 13) O que você pensa desse tipo de opinião? _____

- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais; cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez) desses livros, respondendo:

1º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
2º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
3º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
4º Livro: _____	Autor: _____
De que trata: _____	O que mais gostou: _____
O que menos gostou: _____	
5º Livro: _____	Autor: _____

De que trata: Parábolas sobre Espiritualidade O que mais gostou: Faz refletir sobre a vida
 O que menos gostou: um pouco repetitivo
 6º Livro: O Sucesso é ser feliz Autor: Roberto Shinyashiki
 De que trata: Felicidade O que mais gostou: Mostro a importância de
 O que menos gostou: — ver a felicidade em tudo.
 7º Livro: Um dia "Dozelet" Autor: Bradley Trevor Greive
 De que trata: Necessidade de levantar O que mais gostou: Do paralelo feito entre
 O que menos gostou: — o astaf as situações e as fobias dos
 8º Livro: — Autor: —
 De que trata: — O que mais gostou: —
 O que menos gostou: —
 9º Livro: — Autor: —
 De que trata: — O que mais gostou: —
 O que menos gostou: —
 10º Livro: — Autor: —
 De que trata: — O que mais gostou: —
 O que menos gostou: —

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. Não lembro! Acho que através de revistas.

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? Eu tenho muita afinidade com esse tipo de literatura

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) razões culturais: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- b) razões pessoais: baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- ☒ c) razões pessoais: por mera opção de entretenimento;
- d) razões pedagógicas: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- e) razões de gênero: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.
- f) Outro(s) motivo(s). Qual(is): —

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? Confirmadas.
 Explique: Procuro empregar o que li no meu dia a dia. Busco ser uma pessoa melhor e gosto de presentear ou emprestar os livros que acho interessantes.

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula?

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa?

vide verso.

Questão 19: Não. As pessoas que lêem os livros de auto-ajuda, possuem faixa de renda acima da média por não serem esses de preço muito acessível.

São livros muito difundidos no meio empresarial, em palestras e grupos de estudo.

Acredito que os leitores da literatura de auto-ajuda são também leitores de outro tipo de livro. Não considero que tenham literatura de massa.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA/Mestrado/Nilsamira da Silva Oliveira

- 1) A que gênero você pertence? () masculino (X) feminino
- 1) Qual a sua ocupação profissional principal? não trabalha, no momento estudo para
- 2) Qual a sua formação escolar? nível superior - Química Industrial concursar e fazer um curso de idiomas.
- 3) Em que instituição você trabalha? _____
- 4) Você gosta de ler? sim Com que frequência? quase diariamente
- 5) Que tipo de leitura você prefere? Enumere pela ordem de preferência:
- () poesia (1) ficção/romance
- (2) revista/ cite duas: VEJA e CLÁUDIA
- (3) jornal/ cite dois: correio e _____
- () livro teórico da sua área de atuação

Outros: _____

Por quê? _____

- 6) Como você define literatura? é um instrumento de formação
e desenvolvimento intelectual
- 7) Você já leu ou lê livros de auto-ajuda? (X) sim () não
- 8) Se já leu, por que não lê atualmente? _____
- 9) Como você define a literatura de auto-ajuda? é um alimento para
a alma, levanta e atualiza nos momentos difíceis.
- 10) Os livros de auto-ajuda que você leu versam sobre qual(is) tema(s)? relação
momento, mensagens de motivação.
- 11) Você sabe o que pensa a crítica literária acadêmica sobre os livros de auto-ajuda?
- () sim (X) não
- 12) Por favor, diga-nos o que você conhece sobre essa opinião? _____

13) O que você pensa desse tipo de opinião? _____

- 14) Sendo leitora de livros de auto-ajuda, certamente há os que você aprecia mais;
cite, por ordem de preferência, no mínimo 04 (quatro) e no máximo 10 (dez)
desses livros, respondendo:

1º Livro: MINUTOS DE SABEDORIA Autor: TORRES PASTORINO
De que trata: FRASES POSITIVAS O que mais gostou: TODO O LIVRO
O que menos gostou: _____

2º Livro: VOCÊ É INSUBSTITUÍVEL Autor: AUGUSTO CURY
De que trata: AMOR PELA VIDA O que mais gostou: TODO O LIVRO
O que menos gostou: RELACIONAMENTOS INSENSATAS

3º Livro: MULHERES INTELIGENTES Autor: CONNELL COWAN - MELUVYN KINDER
De que trata: da inteligência das O que mais gostou: TODO O LIVRO
O que menos gostou: muitas são de gênero

4º Livro: HOMENS SÃO DE MARTE Autor: SCHON ENAY
De que trata: Relacionamentos O que mais gostou: a compreensão ampliação
O que menos gostou: de se relacionar a leitura se torna, tem que

5º Livro: _____ Autor: _____

→ ser feita pelo casal

des diferenças entre homens e mulheres.

De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 6º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 7º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 8º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 9º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____
 10º Livro: _____ Autor: _____
 De que trata: _____ O que mais gostou: _____
 O que menos gostou: _____

15) Como se deu o seu primeiro contato com livros de auto-ajuda? Ex: Foi por indicação de amigo (a); por sugestão de meios de comunicação: revista, tv, internet etc; por iniciativa própria. a 1ª indicação foi feita pela minha mãe, a seguir foi a terapia.

16) O que argumentava ou sugeria a indicação que lhe despertou o interesse por tal tipo de leitura? o momento em que estava passando de problemas pessoais

16) E você, qual(is) a(s) razão(ões) que a leva(m) a ler livros de auto-ajuda?

- a) razões culturais: fundamentadas na persuasão dos meios de comunicação;
- ~~b)~~ razões pessoais: baseadas na busca por superar problemas pessoais;
- c) razões pessoais: por mera opção de entretenimento;
- d) razões pedagógicas: por entender que os livros de auto-ajuda constituem valioso recurso educativo para a sua formação pessoal;
- e) razões de gênero: você lê basicamente livros de auto-ajuda que tratam de questões específicas do gênero feminino, assim sente-se identificada com seu texto.
- f) Outro(s) motivo(s). Qual(is): _____

17) Suas expectativas a partir da(s) razão(ões) citada(s) acima foram confirmadas ou negadas após a leitura dos livros de auto-ajuda? Confirmada.
 Explique: me ajuda a superar os problemas e me sentir estimulada para seguir em frente.

18) Se você é professora, como se refere aos livros de auto-ajuda quando o assunto é abordado em sala-de-aula?

19) O Brasil é considerado um país que tem uma grande parcela da população que é analfabeta, assim, é pouco apropriado afirmar que ele possui uma literatura de massa, da forma como é possível referir-se, por exemplo, à "música de massa", uma vez que o hábito de ler não é prática comum à maioria da população. Se, no entanto, há uma cultura de massa perpassando variadas classe sociais, você acredita que ler livros de auto-ajuda contribui de alguma forma para aproximar-lhe dos esquemas inerentes à literatura de massa? Sim.